AS SURPREENDENTES AVENTURAS DO BARÃO DE MUNCHAUSEN

EM XXXIV CAPÍTULOS

ESCRITAS POR
RUDOLF ERICH RASPE
(COM A AJUDA DE
NOBRES CAVALHEIROS)

TRADUZIDAS POR
CLAUDIO ALVES MARCONDES

ILUSTRADAS POR
RAFAEL COUTINHO

IEV

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Para melhor visualização deste e-book, recomendamos que selecione "fonte da editora" (ou "fonte padrão") em seu dispositivo de leitura.

AS

SURPREENDENTES
AVENTURAS DO BARÃO
DE MUNCHAUSEN
EM XXXIV CAPÍTULOS

ESCRITAS POR

RUDOLF ERICH RASPE
(COM A AJUDA DE
NOBRES CAVALHEIROS)

TRADUZIDAS POR

CLAUDIO ALVES
MARCONDES

ILUSTRADAS POR

RAFAEL COUTINHO

UMA MENTIRA QUE VALE MAIS DO QUE MIL VERDADES

> "Sei bem que tudo isso deve parecer muito estranho. Porém, se a sombra de uma dúvida restar no espírito de alguém, a solução é simples: que ele próprio faça essa viagem, pois vai então constatar o quão fiel à verdade sou como viajante." BARÃO DE MUNCHAUSEN

Cavalheiros,

Certamente esta plateia tão ilustre já ouviu falar do Barão de Munchausen e de suas fantásticas aventuras. Um homem que, no final do século XVIII, antes mesmo de o primeiro satélite ser lançado em órbita, explorou a Lua, viajou ao centro da Terra, escapou de monstros e animais ferozes, transportou pelo ar palácios inteiros. As façanhas do Barão atravessaram os séculos e tornaram-se um fenômeno literário, ganhando um sem-número de versões e de adaptações. De histórias em quadrinhos a longas- -metragens, o herói destemido e espalhafatoso permanece símbolo do sonhador, do exagero cômico, do impossível.

Tais histórias não apenas foram exaustivamente adaptadas e traduzidas como também influenciaram escritores de gerações posteriores, direta e indiretamente. Encontramos ecos da personalidade do Barão, por exemplo, em Pinóquio – um dos mais célebres mentirosos da literatura –, ainda que não se possa comprovar que Carlo Collodi (1826-90) de fato tenha se inspirado no personagem de Rudolf Erich Raspe (1736-94). Outra referência mais evidente foi a homenagem que L. Frank Baum (1856-1919) fez ao Barão no clássico O maravilhoso Mágico de Oz (1900) ao criar o País dos Munchkins e seus habitantes.

Diferente de Pinóquio, no entanto, os causos do Barão não podem ser lidos como sofisticadas enganações, mais sim como relatos absurdos e amplificados da experiência de um explorador disposto a defender seus ideais a qualquer custo. Nesse aspecto, a figura do Barão guarda mais semelhanças com outra figura da literatura cavalheiresca: Dom Quixote de La Mancha. Quase duzentos anos antes de Munchausen, o herói espanhol é apresentado por Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616) em uma novela de tom realista – ou melhor, a incoerência faz parte da loucura – que parodia as de cavalaria por meio de um idealista que parte para viver as fantasias que lia nos escritos da época. Em ambos os personagens, há uma visão de mundo pelo prisma do impossível. E, se tais heróis não fossem tão arrogantes, talvez não tivessem morrido desacreditados.

Contudo, a grande diferença entre o Barão de Munchausen e qualquer outro personagem literário, é o fato de que ele existiu de verdade. Militar alemão, Karl Friedrich Hieronymus von Münchhausen (1720-97) participou das campanhas russas contra os turcos e, ao retornar, divertia seus pares com relatos absurdos de episódios que teriam acontecido durante a viagem.

Encantado com a inventividade do Barão, Rudolf Erich Raspe, um bibliotecário com pretensões a escritor, apropria-se, reescreve e publica dezessete causos em 1785, na cidade de Londres. De imediato, as histórias conquistam não apenas os adultos, mas especialmente as crianças, sendo ainda hoje o livro de cultura alemã que mais influenciou a literatura infantil inglesa.{1}

A ambiguidade criada acerca do público leitor deste livro é um dos fatores de sua longevidade. Considerada como a obra-marco do gênero de aventura moderno, ao flertar com o fantástico, os relatos contêm ecos das histórias folclóricas, tão presentes no universo da literatura infantil. Nelly Novaes Coelho, por exemplo, traz essa contribuição para a leitura: “As aventuras do barão de Munchausen inicialmente escritas para adultos, como crítica ao excessivo racionalismo que se impunha no século XVIII, devido ao seu aspecto fantástico, excêntrico, pitoresco e cômico, acabam se transformando em literatura infantojuvenil que muito tem divertido a meninada”.{2}

Em tempos nos quais os limites da propriedade intelectual eram brandos e frágeis, não demorou surgirem novas edições com episódios “inéditos”, que circularam durante todo o século XIX na Europa. Além das várias versões de texto, o livro também chamou a atenção de famosos ilustradores, como Gustave Doré. Diante desse fenômeno, o Barão de Munchausen extrapola a popularidade de seu criador Rudolph Erich Raspe para se fixar definitivamente na historiografia literária dos relatos de viagens imaginárias, conquistando seu lugar no panteão de heróis do gênero, como Robison Crusoé (1719), de Daniel Defoe (1660-1731), e Gulliver (1726), de Jonathan Swift (1667-1745).

O Barão, porém, é um homem do final de um século repleto de novas descobertas e invenções, e esse “maravilhamento foi transposto para um mundo fantástico de exploração da época nos campos da história, da geografia e da tecnologia, onde a surpresa e a sátira eram a ordem do dia”.{3}

Não à toa, as versões posteriores à original de Raspe, com dezessete capítulos, incorporam justamente as tensões do período referentes à política inglesa e suas rivalidades com holandeses e franceses, principalmente. Muitos dos casos mais

estapafúrdios vividos pelo Barão têm um pé na história europeia. O momento da narrativa que evidencia essa intenção é a grande viagem de conquista da África, presente na última versão do livro, de 1793, que sofreu modificações mais evidentes de texto e foi amplamente difundida no século XIX, tendo sido ilustrada por artistas como Peter Newell e George Cruikshawk.

No Brasil as histórias do Barão nunca tiveram um cuidado editorial à altura de sua fama e de sua importância literária. Foi apenas em 1891 que o tradudor e adaptador Carlos Jansen publica Aventuras pasmosas do celebérrimo Barão de Münchhausen, como bem registrou Laura Sandroni.{4} Desde então, poucos foram os aventureiros que se dedicaram a este universo tão fértil. Encontramos adaptações ou então apenas a versão de Raspe com seus dezessete capítulos. Foi diante deste panorama que evidenciou-se a necessidade de um livro que trouxesse o tamanho – literalmente – desta tradição. Assim, apresentamos os inéditos trinta e quatro capítulos das aventuras do Barão de Munchausen da edição de 1793, acrescidos de dois prefácios e um apêndice. Além da estrutura do texto, essa edição também traz as magníficas ilustrações exclusivas do artista Rafael Coutinho.

No longo trecho que ganha status de segunda parte, o Barão convence a corte londrina de que, após tantas aventuras vividas, o objetivo final é conquistar a África tendo como motivação a exploração comercial e a disseminação da cultura inglesa por terras desconhecidas. A partir desse momento, as narrativas do Barão deixam de se estruturar em torno de um episódio por capítulo – como na primeira parte, lembrando As Mil e Uma Noites – para tornar-se um relato contínuo, da partida para a África até a volta triunfal do Barão e sua comitiva para a Inglaterra.

Com bastante ironia, o texto toca nos preconceitos e incoerências do olhar europeu para os povos africanos, por meio da figura soberba do Barão, representante da alta classe europeia. Em situações de mal-entendido, nas quais o Barão sempre cai no ridículo, são questionados, por exemplo, o costume de comer carne crua, as vestimentas leves, as embarcações simples. Há, inclusive, um momento em que o Barão salva brancos escravizados por negros, uma clara catarse às avessas no melhor estilo cômico.

Caso o leitor tenha pouco interesse pelo pano de fundo político europeu do século XIX, ainda assim não irá se decepcionar com tais peripécias inéditas, que vão da construção de uma ponte para ligar o centro da África à Inglaterra à redescoberta da biblioteca de Alexandria, passando por uma ilha de queijo e leite, uma tempestade de pães de mel, além do içamento de um navio do fundo do

mar usando um balão.

Assim, é com olhos de novidade que o leitor brasileiro deve abrir a edição que tem em mãos, com as aventuras completas do Barão de Munchausen, o anti-herói que viaja duas vezes para a Lua, chamusca as sobrancelhas no Sol, percorre o mundo em navios, balões, sob o dorso de um cavalo e ainda encontra tempo para lutar com Dom Quixote, seu maior rival literário. Como leitores conscientes, podemos discordar de suas ideias etnocêntricas – mesmo que absurdas num plano realista –, mas adoramos suas peripécias que nos permitem rir e acreditar no impossível.

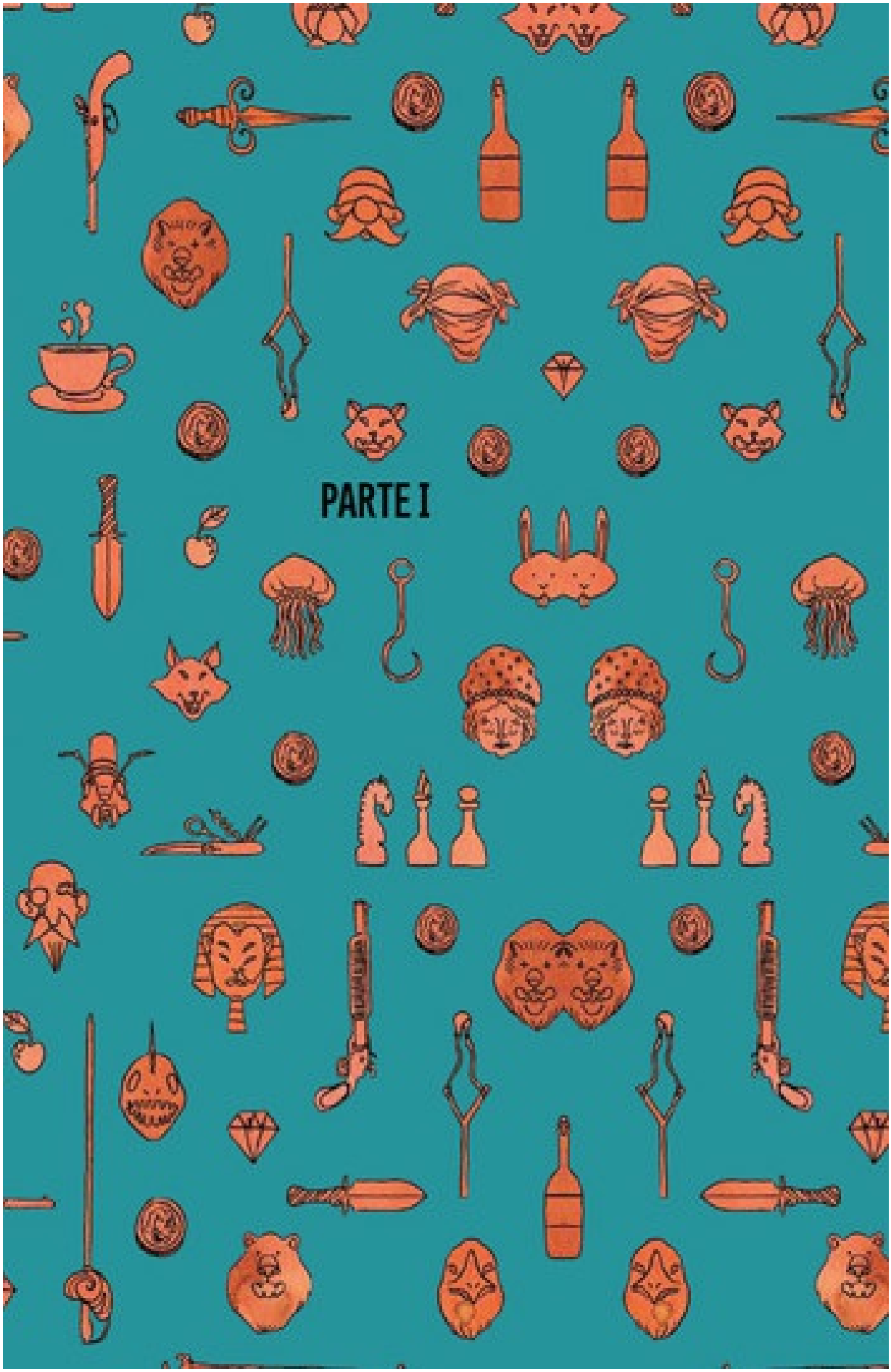
ISABEL LOPES COELHO

1 Ver David Blamires, Telling Tales – The Impact of Germany on English Children's Books 1780-1918. Cambridge: OpenBooks Publishers, 2009.

2 Nelly Novaes Coelho, Panorama histórico da literatura infantil / juvenil. 5ª edição. São Paulo: Amarilys, 2010, p. 181.

3 David Blamires, op. cit.

4 Laura Sandroni, De Lobato a Bojunga – as reinações renovadas. Rio de Janeiro: Agir, 1987.


PARTE I

PREFÁCIO

O Barão Munnikhouson, ou Munchausen, de Bodenweder, junto de Hamelyn às margens do rio Wèser, pertence à nobre família de mesmo nome, da qual também vieram, para viver nos domínios germânicos do rei, o finado primeiro-ministro e vários outros personagens públicos igualmente brilhantes e competentes. Renomado pelo humor imensamente original, o Barão, perante a dificuldade de introduzir o senso comum nas mentes preconceituosas, e consciente de que aqueles que são mais incisivos ao falar têm a plena capacidade de afastar de si os ouvintes, pela força ou pela lábia, o Barão jamais discute com nenhum deles, mas habilmente prefere conduzir a conversa para temas sem importância e, em seguida, relatar a história de suas viagens, campanhas e aventuras de caça, à sua maneira bem característica, e bem calculada, para despertar e envergonhar o senso comum daqueles que se esqueceram do mesmo, por preconceito ou por hábito.

Como tal método alcançou com frequência bom êxito, solicitamos permissão para expor alguns desses relatos, e humildemente pedimos a todos que acharem tais relatos um tanto extravagantes e fantasiosos, o que vai requerer apenas uma modesta parcela de senso comum, que o exercitem em todas as ocorrências da vida, e sobretudo em nossa política inglesa, na qual os velhos hábitos e as afirmações ousadas, desencadeadas por discursos acalorados e apoiados por multidões, associações, voluntários e influência externa, conseguiram nos últimos tempos, bem notamos, com sucesso nada desprezível, revirar os nossos cérebros e nos tornar alvo de piadas na Europa, em especial na França e na Holanda.

AOS LEITORES

Tendo ouvido, pela primeira vez, que as minhas aventuras foram postas em dúvida, e tidas como piadas, vejo-me na obrigação de me apresentar e de justificar o meu caráter – por sua veracidade –, empenhando três xelins na Mansion House desta grande cidade para assegurar os documentos aqui anexados.

A isso me vi forçado em prol da minha honra, embora há muito tenha me retirado da vida pública e privada; espero que esta derradeira edição seja capaz de me mostrar sob uma luz adequada aos meus leitores.

NA CIDADE DE LONDRES, INGLATERRA

Nós, abaixo assinados, que com ardor cremos no lucro, afirmamos com toda a solenidade que as aventuras do nosso amigo, o Barão de Munchausen, em qualquer país que possam ter ocorrido, são fatos simples e evidentes. E, como deles nos convencemos, e de aventuras dez vezes ainda mais maravilhosas, assim temos a plena esperança de que todos vão lhes conferir toda a sua crença e convicção.

SOB JURAMENTO, EM MANSION HOUSE,

9 DE NOVEMBRO PASSADO,

NA AUSÊNCIA DO SENHOR PREFEITO

I

Poucos anos antes de a barba anunciar a minha chegada à maturidade, ou, em outros termos, quando não era menino nem homem, mas algo entre ambos, revelei em muitas conversas um ardoroso desejo de conhecer o mundo, do que fui desestimulado pelos meus pais, embora o meu progenitor tenha, ele próprio, sido um notável viajante, como ficará evidente antes de eu chegar ao fim das minhas singulares e, se me permitem dizer, interessantes aventuras. Um primo, da parte da minha mãe, simpatizava comigo e costumava comentar que eu era um jovem excelente e promissor, e que estava bastante disposto a satisfazer a minha curiosidade. A eloquência dele revelou-se mais eficaz do que a minha, pois o meu pai afinal deixou que eu o acompanhasse em uma viagem à ilha do Ceilão, onde o tio dele havia morado por muitos anos como governador.

Partimos de barco de Amsterdã, levando documentos das Excelências dos Estados da Holanda. O único incidente ocorrido na travessia, e merecedor de lembrança, foi o maravilhoso efeito de uma tempestade, que arrancara pelas raízes grande quantidade de árvores com troncos muito grossos e altos, em uma ilha onde lançamos âncora para nos reabastecer de lenha e água. Embora algumas dessas árvores pesassem várias toneladas, foram carregadas pelo vento a uma altitude assombrosa, pois alcançaram pelo menos oito mil metros sobre a terra. No entanto, assim que a tempestade acalmou, todas caíram perpendicularmente nos respectivos locais de origem, e ali se firmaram de novo, com exceção da maior delas, que por acaso, ao ser içada pelos ares, tinha nos galhos um homem e a sua mulher, um casal de velhinhos muito corretos, que colhiam pepinos (nessa parte do globo esse vegetal tão proveitoso cresce em árvores). O peso desse casal, quando a árvore começou a cair, desequilibrou o tronco e fez com que ele tombasse em posição horizontal. E caiu sobre o principal personagem da ilha, matando-o de imediato. Este saíra de casa durante a tempestade, temeroso de que o telhado lhe caísse sobre a cabeça, e estava retornando pelo jardim quando aconteceu esse acidente afortunado. O uso do termo "afortunado", aqui, requer explicação. Esse chefe era um indivíduo de caráter extremamente avarento e opressivo e, ainda que não tivesse família, os nativos da ilha passavam grandes necessidades devido às suas imposições tirânicas e infames.

Os bens apropriados por ele estavam estragando em armazéns, enquanto os pobres-diabos pilhados sofriam na pobreza. Embora o fim desse tirano tivesse sido acidental, o casal de apanhadores de pepinos foi escolhido por todos para governá-los, como prova de gratidão por terem aniquilado, ainda que por acaso, aquele que tanto os tiranizara.

Depois de consertarmos os danos sofridos nessa tempestade excepcional, e nos despedirmos do novo governador e de sua senhora, navegamos com bons ventos rumo ao destino de nossa travessia.

Cerca de seis semanas depois, chegamos ao Ceilão, onde fomos recebidos com grandes demonstrações de amizade e genuína educação. As singulares aventuras descritas a seguir talvez sejam interessantes.

Quando já estávamos no Ceilão havia cerca de duas semanas, um dos irmãos do governador me convidou para acompanhá-lo em uma caçada. Sujeito forte, atlético e acostumado àquele clima (pois ali se estabelecera alguns anos antes), ele tolerava o calor violento do sol com muito mais facilidade do que eu; assim, ao nos embrenharmos pela mata fechada, logo ganhou distância de mim.

Junto à beira de uma grande poça, que chamou minha atenção, pensei ter ouvido um ruído farfalhante vindo de trás; ao me virar, quase fiquei petrificado (e quem não ficaria?) ao ver um leão, que se aproximava com a clara intenção de satisfazer o seu apetite com a minha pobre carcaça, sem nem pedir a minha permissão. O que me restava a fazer nesse terrível dilema? Não tive nem mesmo um instante para pensar; minha espingarda estava carregada apenas com chumbo grosso para cisnes, e eu não contava com nenhuma outra arma. No entanto, embora não tivesse intenção de derrubá-lo com munição tão fraca, ainda assim tinha a esperança de assustá-lo com o estampido, e talvez até de atordoá-lo. Disparei sem hesitar, antes mesmo de estar ao alcance do tiro, mas o estrondo só serviu para deixá-lo furioso, pois em seguida ele acelerou as passadas e ficou prestes a saltar sobre mim. Tentei escapar, porém isso apenas aumentou (se é possível imaginar tal coisa) a minha aflição, visto que, no momento em que me virei, topei com um imenso crocodilo, com a bocarra aberta e quase pronto para me engolir. À minha direita estava a poça já mencionada, e à esquerda um precipício fundo, do qual se dizia, soube depois, que abrigava muitos bichos peçonhentos. Em resumo: estava lascado, pois o leão se apoiava nas patas traseiras, prestes a me destroçar; sem querer, caí no chão de tanto pavor e, então, ele saltou sobre mim. Fiquei algum tempo nessa situação que não pode ser descrita por palavras, à espera de que a qualquer instante os dentes ou as garras dele estraçalhassem o meu corpo. Depois de segundos nessa posição prostrada, ouvi um barulho forte e inusitado, diferente de qualquer outro que já surgira em meus ouvidos. Tampouco é algo de admirar, quando se sabe de onde vinha: após ouvi-lo por um tempo, arrisquei a erguer a cabeça e olhar em torno; para minha alegria sem fim, vi que o leão, em razão da vontade com que se atirara contra mim, havia saltado por cima do meu corpo deitado e caído direto

na boca do crocodilo! E a boca, como disse, estava inteiramente aberta, e a cabeça de um ficara entalada na garganta do outro! E lutavam para se desvencilhar! Felizmente, lembrei-me do couteau de chasse, a faca de caça que trazia à cintura, e com ela decepei a cabeça do leão com um golpe certeiro, deixando que o seu corpanzil tombasse aos meus pés! Em seguida, com a coronha da espingarda para aves, soquei a cabeça até o fundo da goela do crocodilo, fazendo com que morresse sufocado, já que não conseguia engolir nem expelir a cabeça.

Logo depois de assim ter conquistado uma vitória completa sobre os dois poderosos adversários, veio o meu companheiro, que estava me procurando; ao notar que eu não o seguira mata adentro, fez meia-volta, supondo que eu tivesse me perdido no caminho ou sofrido um acidente.

Depois de nos parabenizar, medimos o crocodilo e vimos que tinha pouco mais de doze metros de comprimento.

Assim que terminamos de relatar ao governador essa aventura extraordinária, ele enviou uma carroça e criados para que trouxessem as duas carcaças. O couro do leão foi adequadamente preservado, com todos os pelos, e dele depois se fizeram bolsas para tabaco, com as quais pude presentear, já de volta à Holanda, muitos burgomestres, pelas quais, em troca, imploraram que eu aceitasse mil ducados.

Já o crocodilo foi empalhado da maneira usual e tornou-se um item de grande importância no museu público de Amsterdã, onde o expositor conta toda a história a cada espectador, com alguns acréscimos que lhe parecem mais apropriados. Algumas dessas versões são um tanto exageradas, como a de que o leão saltou direto através do crocodilo e já saía pela porta dos fundos quando, assim que levantou a cabeça, monsieur o Grande Barão (como gostava de me chamar) a decepou, bem como um metro da cauda do crocodilo. E tão pouco respeito pela verdade tem esse sujeito que, às vezes, ainda acrescenta que o crocodilo, ao se dar conta de ter perdido a cauda, virou-se, agarrou o couteau de chasse da mão de monsieur, e o engoliu com tal impaciência que a faca lhe atravessou o coração e o matou de imediato!

É pouco respeito desse velhaco desavergonhado pela veracidade me faz por vezes temer a possibilidade de os fatos verdadeiros que eu vivi ficarem desacreditados, ao serem colocados na companhia de tais invencionices despropositadas.

II

Parti de Roma com destino à Rússia, bem no meio do inverno, com a única certeza de que o granizo e a neve iriam reparar os caminhos naturalmente, considerados estranhamente ruins por todos os viajantes que cruzavam as regiões setentrionais da Alemanha, da Polônia, da Curlândia e da Livônia. Fiz a viagem montado em um cavalo, pois era a maneira mais conveniente; usava apenas roupas leves, e a inconveniência logo se tornou mais aparente à medida que avançava para o nordeste. Quanto não estaria sofrendo, naquela temperatura e clima rigorosos, o pobre velho que avistei em um terreno baldio e ermo na Polônia, deitado à beira do caminho, desamparado, tremendo e quase sem nada para cobrir o corpo nu? Senti piedade pela pobre alma: embora igualmente afetado pelo clima rigoroso, joguei o casaco sobre ele e imediatamente ouvi uma voz vinda do céu, abençoando-me por esse gesto caridoso, e que dizia: "Serás recompensado por isso, meu filho, no devido momento".

Segui adiante, e a noite e a escuridão me alcançaram. Não se avistava nenhum vilarejo. A região estava coberta de neve, e eu não conhecia nada do trajeto.

Exausto, desmontei e amarrei o cavalo em algo que parecia o toco de uma árvore e que se erguia acima da neve. Por questão de segurança, ajeitei as pistolas sob o braço e deitei-me na neve; caí em um sono tão profundo que só voltei a abrir os olhos quando havia amanhecido por completo. Não é nada fácil imaginar o assombro que senti ao ver que estava bem no centro de um vilarejo, estendido no pátio da igreja. Não via o cavalo em parte alguma, mas, assim que o chamei, pude ouvi-lo em algum lugar acima de mim. Ao olhar para o alto, vi atônito que eu estava dependurado pelas rédeas do cata-vento no campanário. As coisas não me pareciam nada claras: o vilarejo fora recoberto por neve durante a noite; o clima sofrera uma mudança súbita; eu afundara até chegar ao pátio da igreja enquanto dormia, suavemente, no mesmo ritmo em que derretia a neve; e aquilo que no escuro eu havia tomado pelo toco de uma pequena árvore emergindo da neve, e ao qual amarrara o cavalo, acabou se revelando como a cruz ou o cata-vento do campanário!

Sem pensar muito, agarrei uma das pistolas, atirei e rompi a rédea, trazendo para o chão o cavalo para poder retomar a viagem.

Ele me conduziu muito bem – e juntos fomos parar no interior da Rússia. Percebi que viajar montado é bastante deselegante no inverno, e portanto cedi, como sempre faço, aos costumes locais: arrumei um trenó puxado por um único cavalo, e com ele me encaminhei rapidamente para São Petersburgo. Não

recordo exatamente se foi na Estônia ou na Íngria, mas me lembro de, no meio de uma inóspita floresta, ver um lobo terrível se aproximar com toda a rapidez, para saciar uma fome invernal voraz. Logo ele me alcançou. Não havia como escapar. Mecanicamente, deitei no trenó e deixei que o cavalo se afastasse do perigo. O que gostaria que acontecesse, embora dificilmente esperasse, ocorreu logo em seguida. O lobo não se mostrou nem um pouco interessado em mim, mas, dando um salto por cima do trenó, caiu furiosamente sobre o cavalo, passando de imediato a dilacerar e devorar o traseiro do pobre animal, que disparou ainda mais rápido, impulsionado pela dor e pelo terror. Assim, sem ser notado e em segurança, levantei sorrateiramente a cabeça e, horrorizado, vi que o lobo escavava um caminho dentro do corpo do cavalo; não demorou para que ele se enfiasse todo ali, e foi então que aproveitei a minha vantagem e bati nele com o cabo do chicote. Esse ataque inesperado pelas costas assustou-o de tal modo que ele saltou adiante com ainda mais força: a carcaça do cavalo tombou no chão, e o lobo tomou o lugar dele nos arreios, enquanto eu continuava a chicoteá-lo sem parar. Assim chegamos ambos a toda velocidade a São Petersburgo, contrariando as nossas expectativas, e para o enorme assombro dos espectadores.

Não vou aborrecê-los, cavalheiros, com a política, as artes, as ciências e a história dessa magnífica metrópole da Rússia, e tampouco incomodá-los com as variadas intrigas e aventuras agradáveis que vivi nos círculos mais ilustrados desse país, onde a senhora da casa sempre recebe o visitante com uma dose de bebida e uma saudação. Vou antes me restringir aos temas mais elevados e nobres de sua atenção, os cavalos e os cães, meus animais prediletos em toda a criação; e também às raposas, aos lobos e ursos, os quais, assim como outros tipos de caça, são mais abundantes na Rússia do que em qualquer outra parte do mundo; e a esses esforços, exercícios viris e façanhas elegantes e repletas de ação, as quais dizem de um cavalheiro muito mais do que o grego ou o latim embolorados, ou todo o perfume, os adornos e os passos de dança dos almofadinhas ou franceses espirituosos.

III

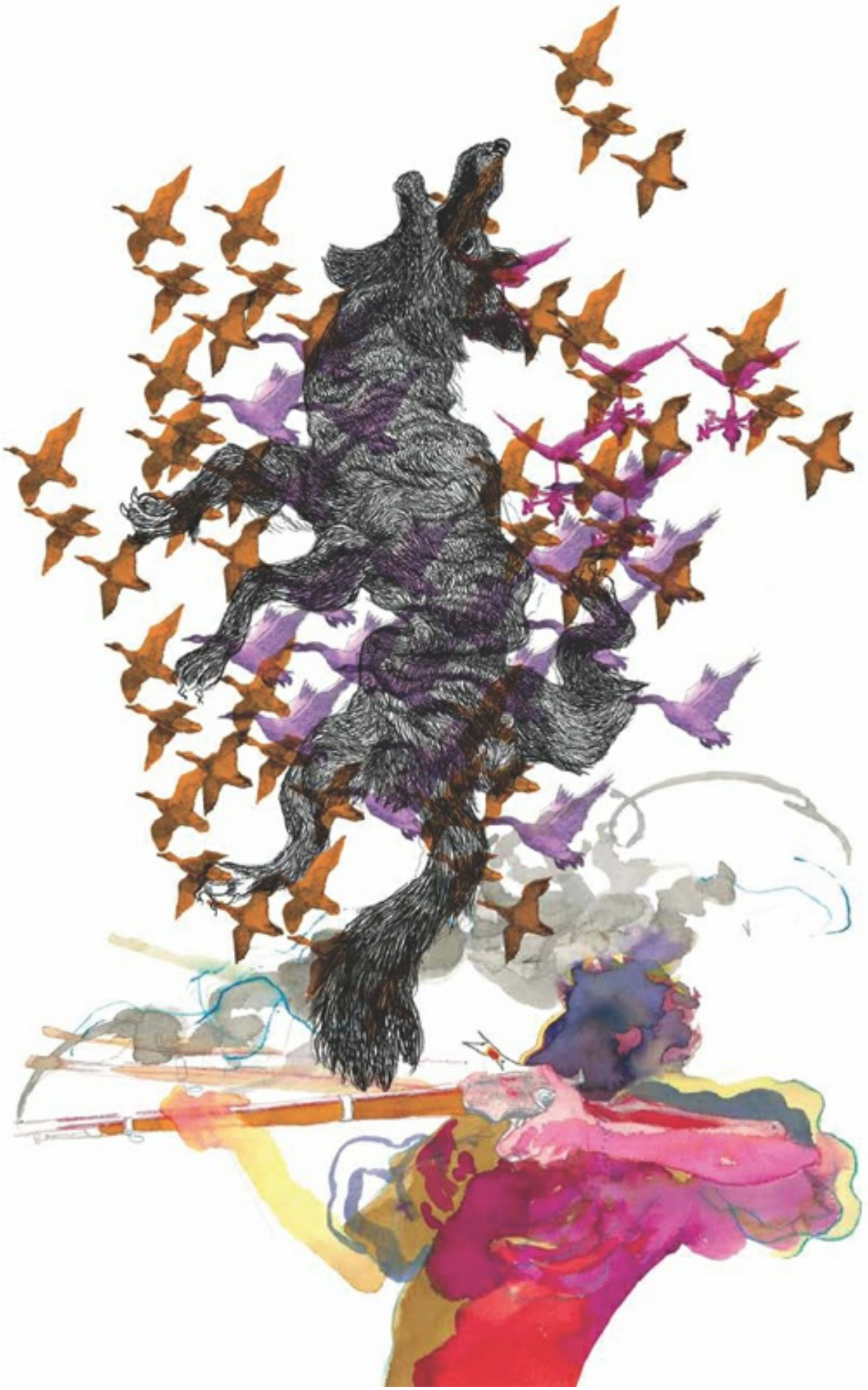
Passou-se algum tempo antes que eu conseguisse ser nomeado para um posto no Exército, e durante vários meses fiquei livre para fazer o que quisesse do meu tempo e do meu dinheiro da maneira mais cavalheiresca. Não será difícil para vocês imaginar que gastei muito de ambos no campo, ao lado de companheiros galantes que sabiam aproveitar ao máximo uma região de mata aberta. A mera lembrança desses divertimentos renova o meu espírito e acalenta em mim a vontade de repeti-los. Certa manhã, avistei, das janelas do quarto, uma grande lagoa não muito distante cheia de patos selvagens. No mesmo instante, agarrei a espingarda, desci correndo as escadas e saí da casa com tanta pressa que, desajeitadamente, bati com o rosto no umbral da porta. Faíscas voaram de meus olhos, porém isso não frustrou a minha intenção. Logo cheguei a uma distância apropriada, mas então, ao empunhar a arma, notei decepcionado que até a pederneira saltara do cão da arma no violento choque do encontrão com o umbral. Não havia tempo a perder. Lembrei em seguida do efeito causado em meus olhos e, assim, engatilhei a arma, mirei nas aves e bati com o punho contra um dos meus próprios olhos. O golpe vigoroso voltou a provocar fagulhas, e com isso a arma disparou e abati meia centena de casais de patos, uma vintena de marrecos e meia dúzia de marrequinhos. A presença de espírito é a alma dos exercícios viris. Se os soldados e os marinheiros devem a ela muitas de suas escapadas de sucesso, os caçadores e os esportistas também dependem dela para muitas de suas façanhas.

Em uma magnífica floresta russa, encontrei uma raposa preta cuja pele valiosa seria lamentável estragar com bala ou chumbo. Ela estava junto a uma árvore. Em um piscar de olhos, ergui a espingarda, meti um prego de bom tamanho na câmara e disparei, acertando-a com tal inteligência que ela ficou presa pela cauda no tronco da árvore. Em seguida fui até o animal, agarrei a bainha da espada e cortei seu focinho de um lado ao outro, e então tomei do chicote e bati nele até que sua bela pele se soltasse.

Muitas vezes, o acaso e a sorte corrigem nossos equívocos. Disso tive um exemplo singular em seguida, quando, nas profundezas de uma floresta, vi um porco e uma porca selvagens correndo um atrás do outro. Não consegui acertá-los com o meu disparo, e o porco mais à frente simplesmente afastou-se apressado, mas a porca permaneceu imóvel, como se estivesse pregada no chão. Ao examinar melhor a questão, descobri que era uma fêmea velha, cega de tão idosa, que se agarrava ao rabo do porco, seu filho, e ele a conduzia por obrigação. A minha bala, que passara entre os dois porcos, cortara esse fio de ligação, ainda preso na velha porca por uma das pontas. E, deixando de ser conduzida pelo guia,

não lhe restara outra saída além de ficar parada. Portanto, agarrei a ponta restante do rabo do porco e levei a fêmea para casa, sem nenhum esforço de minha parte, e sem nenhuma relutância ou apreensão da parte do idoso e indefeso animal.

Por mais terríveis que sejam as porcas selvagens, os javalis são ainda mais ferozes e perigosos, e tive a infelicidade de topar com um deles em uma floresta, sem estar preparado para o ataque ou para a defesa. Protegi-me atrás de um carvalho no exato momento em que o animal furioso se arremessava contra mim, com tal força que as presas atravessaram a árvore, e com isso já não mais podia retomar o ataque nem tampouco se afastar. “Ora, ora!”, pensei, “eis aí uma oportunidade!” Imediatamente agarrei uma pedra e com ela martelei e curvei suas presas, de modo que ele não poderia escapar dali e teria de esperar eu voltar do vilarejo mais próximo, aonde fui buscar cordas e uma carroça, a fim de prendê-lo bem, e carregá-lo em segurança e bem vivo, o que de fato consegui fazer, sem o menor problema.



IV

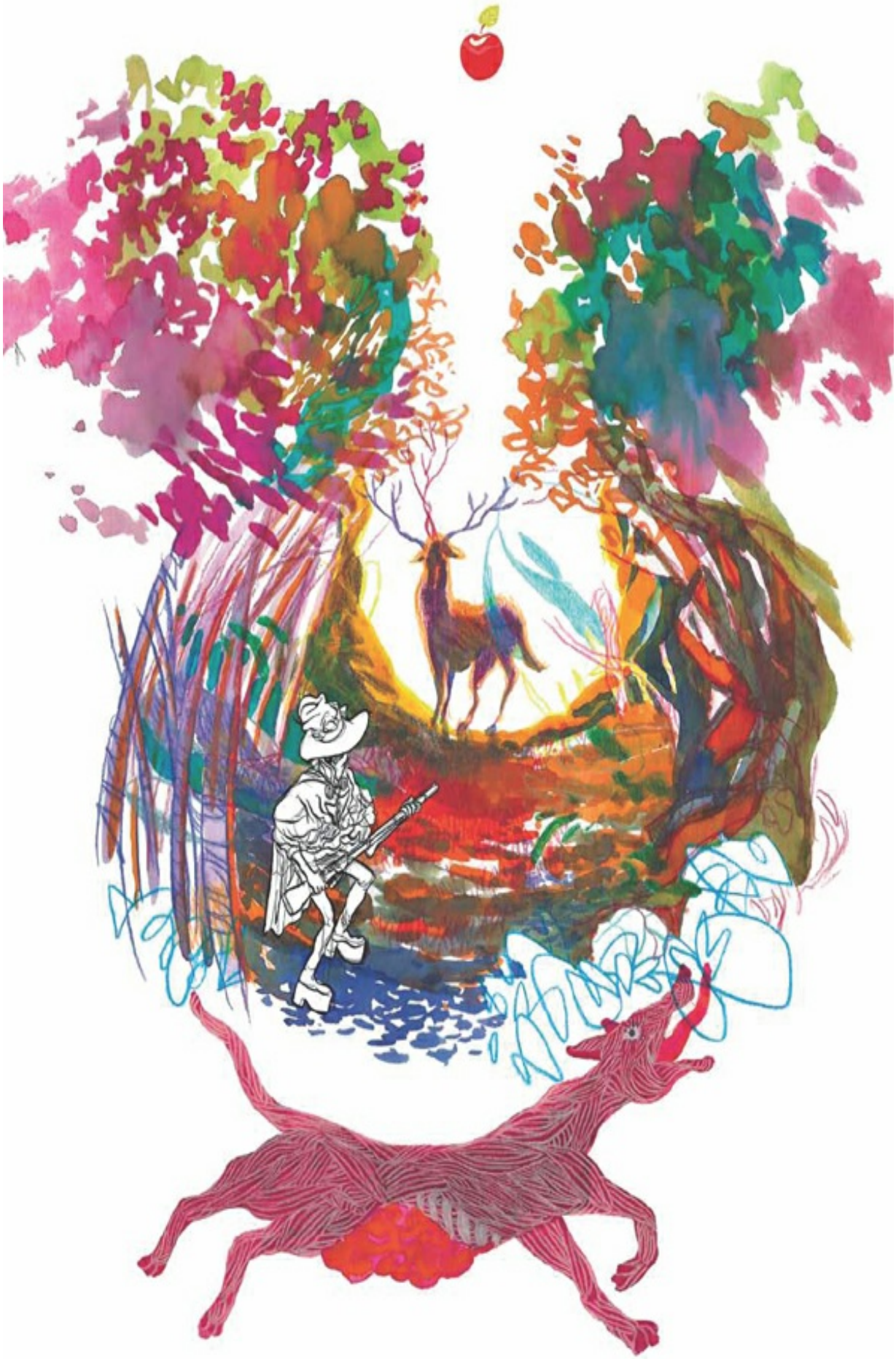
Claro que vocês já ouviram falar do santo e patrono dos caçadores e esportistas, santo Huberto, e do nobre veado que lhe apareceu no bosque, com a Santa Cruz entre os chifres. Todos os anos, presto a minha homenagem a esse santo em boa companhia, e vi esse veado um milhar de vezes, seja pintado em igrejas, seja bordado nos emblemas dos cavaleiros. A tal ponto que, em nome da honra e do zelo de um bom caçador, mal posso dizer se não houve no passado, ou se não há no presente, veados com cruzes. Mas permitam-me relatar o que vi com meus próprios olhos. Certo dia, esgotada toda a munição, encontrei-me de repente diante de um majestoso veado que me observava despreocupado, como se soubesse das minhas cartucheiras vazias. Sem hesitar, carreguei a arma com pólvora e a completei com um punhado de caroços de cereja, pois vinha me deliciando com essa fruta nos momentos de descanso da minha viagem. Assim, disparei contra ele e o acertei bem no meio da testa, entre os chifres; bem, ele ficou atordoado – tropeçou –, mas conseguiu escapar. Um ou dois anos depois, estava com um grupo no mesmo bosque e avistei um veado majestoso com uma cerejeira madura, de mais de três metros, erguendo-se em meio à sua galhada. Logo me recordei da aventura anterior e considerei que ele era meu por direito; abati-o com um tiro, que de uma vez me concedeu o lombo de veado e o molho de cereja, pois a árvore estava repleta dos frutos mais suculentos, como jamais havia provado até então. Quem sabe se algum outro ardoroso e santo esportista, ou um abade ou bispo caçador, não teria atingido, implantado e fixado a cruz entre os cornos do veado de santo Huberto, de maneira similar a essa? Eles sempre foram, e ainda são, conhecidos pela implantação de cruzes e cornos; e, em caso de desconcerto ou dilema, comuns entre os caçadores entusiastas, é grande a chance de se agarrar a qualquer coisa em busca de segurança, e de fazer qualquer tentativa para não deixar escapar uma oportunidade favorável. Quantas vezes eu mesmo não me vi em tal situação exasperante.

E que diriam vocês do seguinte, por exemplo? Esgotadas a luz do dia e a munição em uma floresta no interior da Polônia, estava eu voltando para casa quando um urso apressadamente arremeteu a bocarra aberta contra mim, pronto para me destroçar. Em vão vasculhei os bolsos em busca de pólvora e chumbo. Nada achei além de duas pedras de fogo, uma das quais arremessei com toda a força na queixada escancarada do monstro, para dentro da goela. Não foi nada agradável para ele, e a dor fez com que desse meia-volta, de modo que pude lançar a segunda pela porta dos fundos, o que, na verdade, consegui fazer com maravilhoso sucesso. Pois ela voou para dentro dele, chocou-se com a primeira pedra no estômago, iniciou uma fogueira e acabou por rebentar o urso em uma tremenda explosão. Embora tenha conseguido me safar dessa vez, não

tenho a menor intenção de passar por isso novamente, ou de enfrentar outros ursos sem nenhuma munição.

Há uma espécie de fatalidade nisso. Em geral, os animais mais ferozes e perigosos me surpreendem quando estou indefeso, como se já soubessem por antecipação ou conhecimento instintivo. Como na vez em que um lobo temível se lançou sobre mim tão bruscamente e tão próximo estava que nada me restou fazer além de seguir o instinto mecânico e enfiar o meu punho na boca aberta dele. Para me manter seguro, continuei a empurrar até quase todo o meu braço sumir em sua garganta. E, então, como fazer para me desvencilhar? Não estava nada contente com essa situação desastrada – encarando de tão perto o lobo, pois a nossa troca de olhares nem de longe fora agradável. Se retirasse o braço, o animal se voltaria furioso contra mim; disso não havia a menor dúvida naqueles olhos flamejantes. Para resumir a história, não tive outra saída senão agarrar-lhe a cauda, virá-lo do avesso como uma luva e atirá-lo ao chão, onde o deixei.

A mesma solução não teria sido de muita serventia contra um cachorro louco que logo em seguida se pôs a me perseguir em uma rua estreita de São Petersburgo. Corre quem pode, pensei; e, para fazer isso melhor, deixei o casaco de pele e, logo depois, já me achava em segurança atrás de uma porta. Enviei o criado para buscar o casaco, e ele o guardou no armário com as minhas outras roupas. No dia seguinte, fiquei assombrado e atemorizado ao ouvir os berros de Jack: “Santo Deus, senhor, o seu casaco de pele está louco!”. Corri até lá e vi quase todas as minhas roupas em frangalhos e jogadas pelo quarto. O sujeito estava correto por temer à sanidade do casaco de pele. Eu mesmo o vi naquele instante avançando contra um excelente terno completo, que sacudiu e se destroçou impiedosamente.



V

Todas essas escapadas por um triz, cavalheiros, foram pura sorte aproveitada pela presença de espírito e esforços vigorosos, os quais, juntos, fazem a fama do caçador, do marinheiro e do soldado, como todos sabem; mas seria censurável e imprudente o caçador, o almirante ou o general que só se apoiassem na sorte e nos astros, sem se importar com as artes associadas às suas ocupações específicas, e sem recorrer aos materiais de melhor qualidade e capazes de garantir o sucesso. Nem de uma maneira nem de outra essa censura se aplicava a mim, pois sempre fui conhecido pela excelência de meus cavalos, cães, espingardas e espadas, assim como pela forma correta de usá-los e manejá-los; de maneira geral, espero ser bem lembrado na floresta, nas pistas e nos campos. Não pretendo aqui entrar em detalhes sobre meu estábulo, canil ou arsenal. No entanto, não posso deixar de mencionar uma das minhas cadelas prediletas, uma greyhound, a melhor raça que já tive ou vi. Ela passou a vida a meu serviço e, antes de ser conhecida pelo tamanho, destacava-se pela rapidez incomum. Eu sempre a levava comigo nas caçadas. Se a tivessem conhecido, também iriam admirá-la e não se surpreenderiam por isso e com o tanto que caçávamos. Ela corria com tanta rapidez, sem nunca se cansar, e ficou tanto tempo comigo, que na verdade acabou gastando as pernas. Com isso, na última parte de sua vida, fui obrigado a mantê-la e usá-la apenas como se fosse uma terrier, e mesmo assim ainda me serviu por muitos anos.

Certa vez, perseguindo uma lebre, que me parecia inusitadamente grande, senti pena da pobre cadela, que estava prenhe, mas que se empenhou na perseguição com a mesma rapidez de antes. Montado, só conseguia segui-la de longe. De repente, ouvi ganidos como de uma matilha de cães – porém tão fracos e desanimados que eu mal conseguia entender. Quando me aproximei, foi enorme a minha surpresa. Enquanto corria, a lebre havia parido; e o mesmo ocorrera com a minha cadela durante a perseguição, e havia tantos filhotes de uma como da outra. Por instinto, uma fugiu e a outra a perseguiu. Com isso, vi que estava de posse ao mesmo tempo de meia dúzia de lebres, e do mesmo número de filhotes de cão, no fim de uma caçada que começara apenas com um de cada.

Lembro-me dela, dessa cadela maravilhosa, com o mesmo prazer e ternura que tive por um soberbo cavalo lituano, o qual não podia ser comprado por dinheiro nenhum. Foi por acidente que dele pude desfrutar e dispor da oportunidade de exibir com toda espontaneidade a minha habilidade como cavaleiro. Eu estava hospedado na majestosa propriedade rural do conde Przobofsky na Lituânia e estava com as damas na sala de estar enquanto, lá embaixo no pátio, os cavalheiros se reuniram para ver um potro puro-sangue que

acabara de chegar do haras. De repente, ouvimos um ruído de sofrimento. Desci correndo e vi o cavalo tão descontrolado que ninguém se atrevia a se aproximar ou a montá-lo. Os cavaleiros mais decididos mostravam-se intimidados e acuados; o desalento estampava-se em todos os rostos quando, com um único salto, pulei sobre ele, pegando-o de surpresa, e fiz com que se tornasse gentil e obediente graças à melhor exibição de equitação que fui capaz de apresentar. Para que as damas tivessem plena visão, e fossem poupadas de incômodo desnecessário, obriguei o cavalo a saltar por uma das janelas abertas do salão onde se servia chá, depois dar várias voltas ao redor da sala em passo normal, trotando e a galope e, por fim, fiz o cavalo se aproximar da mesa de chá e ali repetir as lições com estilo elegante e contido que se revelou extraordinariamente agradável para as damas, pois os realizou impressionantemente bem, sem quebrar nenhuma xícara ou pires. As damas gostaram tanto do meu feito, bem como o nobre senhor, que, com a costumeira educação, ele implorou que eu aceitasse o potro como um presente, e a todo galope o conduzisse à conquista e à glória na campanha contra os turcos, que logo mais teria início, sob o comando do conde Munich.

De fato, não poderia ter recebido presente mais agradável, e tampouco um presente mais agourento na abertura daquela campanha, na qual concluí o meu aprendizado como soldado. Um cavalo tão gentil, tão animado e tão ardoroso – ao mesmo tempo um cordeiro e um bucéfalo –, sempre me inspirou o cumprimento do dever de soldado, e de cavalheiro!, do jovem Alexandre, e das impressionantes façanhas que realizou no campo de batalha.

Fomos ao campo de batalha, entre outros motivos, aparentemente, com o intuito de retomar o caráter bélico dos russos, um tanto maculado pela última campanha do tsar Pedro, que aconteceu no Prut. E isso foi plenamente realizado pelas várias campanhas exaustivas e gloriosas sob o comando do grande general que mencionei.

A modéstia impede os indivíduos de atribuir a si mesmos grandes sucessos ou vitórias, cuja glória em geral é dada ao comandante – melhor ainda, o que é mais curioso, por reis e rainhas que jamais chegaram perto do cheiro de pólvora, exceto nos exercícios e nos desfiles de suas tropas; jamais contemplaram um campo de batalha, ou um inimigo em formação de combate.

Tampouco reivindico qualquer parcela de glória nos grandes reencontros com o inimigo. Todos cumprimos com o nosso dever, o que, na linguagem do patriota, do soldado e do cavalheiro, é um termo de ampla abrangência, de imensa honra, de significado e importância, e do qual a generalidade dos

mexeriqueiros e políticos ociosos de cafeterias dificilmente podem formar uma concepção que não seja mesquinha e desprezível. Todavia, tendo assumido o comando de um corpo de hussardos, levei a bom termo diversas expedições, sempre com poderes ilimitados. E o êxito que então colhi deve, creio, com toda a justiça, ser atribuído apenas a mim, e aos corajosos companheiros a quem levei à conquista e à vitória. Tivemos um trabalho e tanto uma vez incorporados ao Exército por ocasião da expulsão dos turcos, em Ochakiv. A minha ardorosa montaria lituana quase me conduziu a uma situação embaraçosa: eu guardava um posto avançado e vi os inimigos se aproximando em meio a uma nuvem de pó, o que me deixou um tanto incerto quanto ao número deles e a suas verdadeiras intenções. Envolver-me em uma nuvem similar seria apenas um gesto comum de prudência, mas isso não teria avançado muito o meu conhecimento, ou respondido o motivo pelo qual eu fora enviado para lá. Por isso, fiz com que os extremos de ambas as minhas asas se espalhassem à direita e à esquerda, levantando toda a poeira que pudessem, enquanto eu mesmo seguia diretamente ao encontro dos adversários para examiná-los mais de perto. E nisso fui bem-sucedido, pois aguentaram firme e deram combate, até que, temerosos das asas nas laterais do meu corpo, começaram a se dispersar um tanto desordenadamente. Esse era o momento para cair em cima deles com todo vigor, e conseguimos desbaratá-los por completo – provocamos tremenda confusão em suas fileiras, e os fizemos recuar não só até uma cidade amuralhada na retaguarda, como também através dela, contrariando as mais otimistas expectativas.

A ligeireza do potro lituano permitiu-me ficar à frente da perseguição. E, ao ver que os inimigos fugiam pelo portão oposto, ocorreu-me que seria prudente parar na praça do mercado e ali reagrupar meus homens. Lá parei, cavalheiros, mas qual não foi minha surpresa ao não ver ao redor, no mercado, absolutamente nenhum dos hussardos! Estavam eles vasculhando as outras ruas? O que fora feito deles? Não podiam estar muito longe e, de qualquer maneira, deviam juntar-se a mim o quanto antes. Com isso em mente, conduzi o potro lituano ofegante até uma fonte no mercado, para que pudesse matar a sede. E ele bebeu notavelmente, com sofreguidão insaciável, como podia se esperar. Porém, quando olhei ao redor em busca de meus homens… o que vejo, cavalheiros? Os quartos traseiros do pobre animal – faltavam-lhe as ancas e as pernas, como se tivesse sido partido ao meio, e a água dele escorria assim que entrava, sem refrescá-lo nem lhe fazer nenhum bem! Como aquilo podia ter acontecido era um mistério e tanto para mim, até voltar com ele à porta da cidade. Então dei-me conta de que, ao passar apressado e misturado ao inimigo em fuga, eles haviam baixado a porta levadiça (uma grade pesada, com espigões pontiagudos na borda inferior, que caía de uma vez, para impedir a entrada de

inimigos na cidade fortificada) sem que eu percebesse, e assim fora decepada totalmente a parte posterior do cavalo, que ainda estava ali tremendo no lado de fora da porta. A perda teria sido irreparável não tivesse o nosso ferreiro conseguido juntar ambas as partes quando ainda estavam quentes. E ele as costurou com galhos e brotos de louro que achou por perto; a ferida cicatrizou e – o que não poderia ter ocorrido senão a um cavalo tão glorioso – os galhos se arraigaram ao corpo dele, cresceram e formaram um caramanchão sobre mim. Desse modo, pude realizar muitas outras incursões à sombra dos louros meus e da minha montaria.

VI

Nem sempre fui bem-sucedido. Tive o azar de ser ultrapassado por adversários em maior número e de tombar prisioneiro de guerra; pior ainda, como costuma ocorrer entre os turcos, de ser vendido como escravo. Nesse estado de humilhação, as minhas tarefas cotidianas não eram muito difíceis e cansativas, embora bastante estranhas e maçantes. Todas as manhãs, eu tinha de levar as abelhas do sultão até os pastos, ali ficava cuidando delas durante o dia todo e, com a chegada da noite, precisava levá-las de volta para as colmeias. Num início de noite, perdi uma das abelhas e logo me dei conta de que dois ursos haviam caído sobre ela, com o intuito de destroçá-la e beber o mel que levava. Não tinha nas mãos nada parecido com uma arma ofensiva além de uma machadinha de prata, que pertence aos jardineiros e cultivadores que se encontraram a serviço do sultão. Pois então lancei a machadinha na direção dos assaltantes, com a intenção de afugentá-los e de colocar em liberdade a pobre abelha. No entanto, por infeliz trejeito do meu braço, a machadinha foi arremessada para o alto e continuou a subir até chegar à Lua. Como poderia recuperá-la? Como trazê-la de volta? Lembrei-me então de que o feijão-da-espanha cresce muito depressa e alcança alturas impressionantes. Sem esperar, plantei um pé, que cresceu de uma vez e logo chegou a uma das faces da Lua. Nada mais tive de fazer além de trepar pelo caule até alcançar a Lua, aonde cheguei em segurança, mas tive muita dificuldade até achar a machadinha de prata, em um lugar em tudo emitia o mesmo brilho prateado; por fim, contudo, eu a encontrei em meio a um monte de feno e palha picada. Era preciso retornar, mas, infelizmente, o calor do Sol havia ressecado o pé de feijão, que se tornara imprestável para minha descida. Por isso, tive de me virar e logo passei a trançar uma corda com a palha picada, com o máximo de comprimento e resistência de que era capaz. Amarrei uma das pontas dessa corda numa das pontas da Lua e me pus a escorregar até o final dela. Ali me segurei com toda a força pela mão esquerda e, com a machadinha na direita, cortei a longa e agora inútil parte superior da corda. Atando esta à parte inferior, consegui descer por mais um bom trecho, porém mesmo a repetição desses cortes e dessas amarrações não melhorou a qualidade da corda, nem me levou para mais perto do palácio do sultão. Ainda estava pelo menos sete mil ou oito mil metros distante do chão quando afinal a corda se rompeu. Com isso, caí no solo com violência assombrosa, que me deixou tonto no fundo de um buraco com a profundidade de nove braças pelo menos, aberto pelo peso do meu corpo, que tombara de tão grande altitude. Embora tenha me recuperado, não sabia como fazer para sair dali; acabei escavando encostas ou degraus com as unhas, que não corto há quarenta anos, e consegui sair de lá com alguma facilidade.

Não demorou para que se firmasse a paz com os turcos e, recuperando a liberdade, deixei São Petersburgo na época de uma revolução muito singular, quando o imperador ainda bebê, a mãe dele, o duque de Brunswick, o pai dele, o marechal de campo Munich, e muitos outros foram enviados à Sibéria. Nessa ocasião, o inverno mostrava-se tão inusitadamente rigoroso por toda a Europa que desde então o Sol parece estar sangrando de tanto frio. Quando voltei a esse lugar, senti pelo caminho incômodos ainda maiores do que os que experimentei no trajeto de ida.

Viajei pela carruagem do correio e, ao ver que iríamos passar em uma via estreita, pedi ao condutor que desse um sinal com a trombeta para evitar o choque com outros viajantes que utilizavam a mesma passagem estreita. Ele soprou com toda a força, mas em vão, pois não conseguia emitir nenhum som com o instrumento, o que era inexplicável, e bastante infeliz, porque logo nos vimos diante de outra carruagem que vinha na direção contrária. Não havia como passarem as duas. Entretanto, o que fiz foi descer da carruagem e, sendo bastante forte, colocá-la, com as rodas e todo o resto, sobre a minha cabeça. Então saltei uma sebe de quase três metros (o que, considerando o peso da carruagem, foi um pouco difícil) e caí em um campo e, com outro salto, retornei à estrada à frente da outra carruagem. Em seguida, voltei para buscar os cavalos e, depois de acomodar um deles na cabeça e o outro debaixo do braço esquerdo, usei o mesmo método para levá-los até a carruagem, à qual foram atrelados, e de lá seguimos para uma estalagem, que ficava ao final do caminho. Deveria ter dito a vocês que o cavalo sob o meu braço era muito animado e não tinha mais do que quatro anos; ao dar o segundo salto por cima da sebe, ele mostrou imenso desgosto por essa espécie brusca de movimento, bufando e dando coices. Todavia, consegui conter suas pernas traseiras ao colocá-las no bolso do meu casaco. Depois de chegarmos à estalagem, o condutor e eu saciamos a fome e a sede e nos recuperamos: ele pendurou a trombeta em um cabide junto ao fogão à lenha, enquanto eu me acomodava do outro lado.

De repente ouvimos tereng! tereng! teng! teng!. Olhamos em volta e então entendemos por que o condutor não fora capaz de soar a trombeta: as notas musicais haviam congelado no instrumento e só agora, com o calor do fogo, derretiam e soavam, claramente, muito para o crédito do condutor. Assim o honesto sujeito nos entreteve por um tempo com diversas melodias, sem mesmo levar a trombeta à boca – "A marcha do rei da Prússia", "Por colinas e vales" e vários outros temas conhecidos. Com o tempo, chegou ao fim o entretenimento oferecido pelo degelo da trompa, assim como este breve relato das minhas viagens pela Rússia.

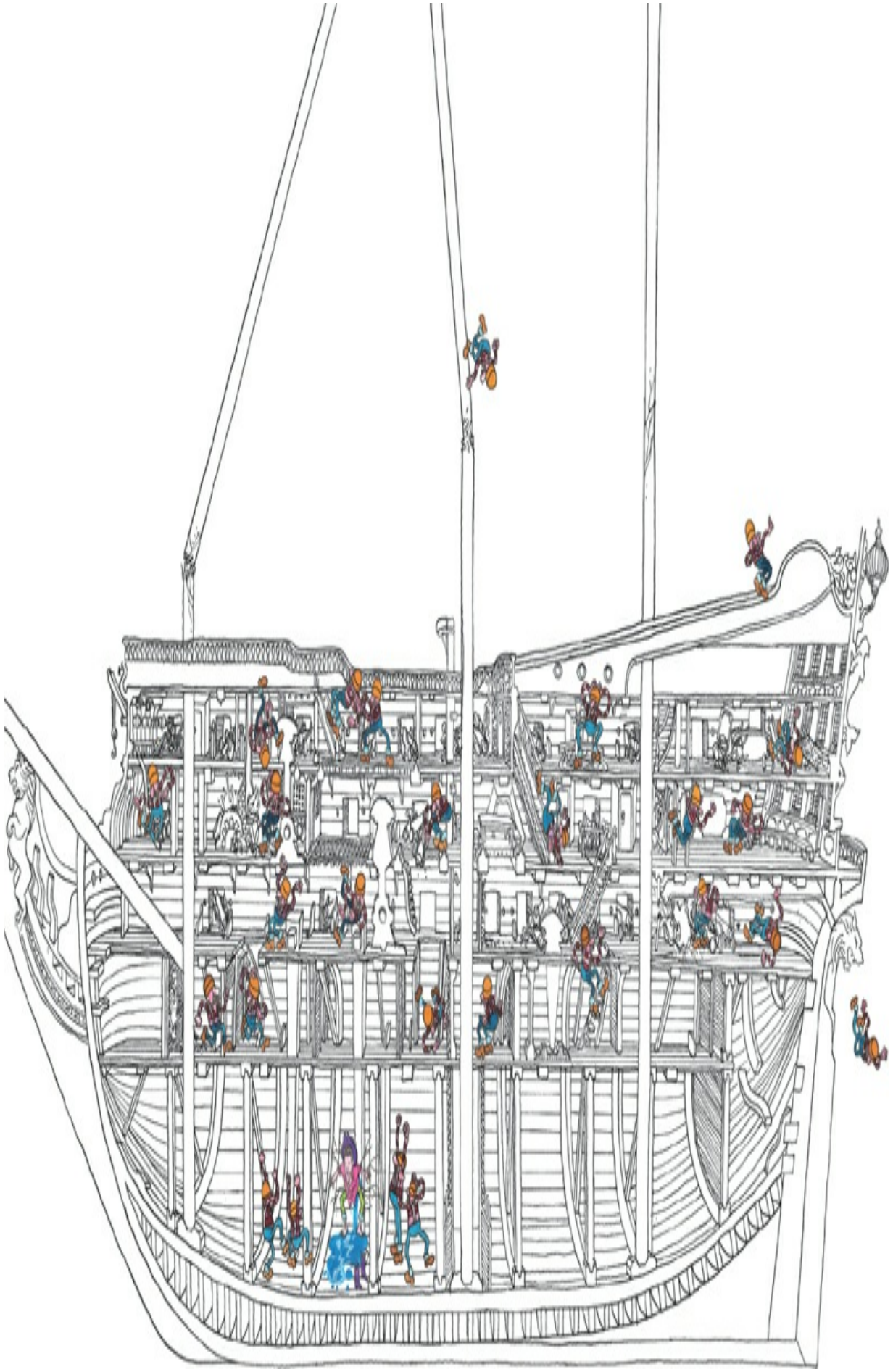
Há viajantes propensos a relatar mais do que talvez seja estritamente verdadeiro. Se qualquer um de vocês tiver alguma dúvida quanto à veracidade destes relatos, direi apenas que sinto pena de tanta falta de confiança, e me vejo obrigado a solicitar que se retirem antes que comece a segunda parte das minhas aventuras, igualmente baseadas nos fatos, tal como essas que acabei de relatar.

VII

Em Portsmouth, embarquei em uma belonave britânica de primeira categoria, com uma centena de bocas de fogo, e mil e quatrocentos tripulantes, com destino à América do Norte. Nada digno de ser relatado ocorreu até que estivéssemos a menos de trezentas léguas do rio São Lourenço, quando o navio se chocou com impressionante força (assim imaginávamos) contra um rochedo. Porém, depois de lançarmos âncora, não conseguíamos alcançar o fundo, mesmo a trezentas braças. O que tornou tal circunstância ainda mais maravilhosa, e na realidade além de toda compreensão, foi a violência do choque: tão grande que o leme se perdeu, o gurupés rompeu-se ao meio e todos os mastros se quebraram de cima a baixo, dois dos quais tombaram no convés. Um pobre fulano, encarapitado no alto enquanto recolhia a vela principal, foi arremessado a pelo menos três léguas do barco; felizmente, salvou a vida agarrando-se à cauda de uma enorme gaivota, que o trouxe de volta e o colocou no local de onde fora arrancado. Outra prova da violência do choque foi a força com que as pessoas entre os conveses foram empurradas contra os pisos acima. A minha cabeça foi pressionada contra a minha barriga, e ali ficou por meses antes de recobrar a posição natural. Enquanto estávamos todos absolutamente atônitos diante da confusão geral e inexplicável em que nos metemos, tudo aquilo de repente recobrou sentido com o aparecimento de uma imensa baleia, que estivera boiando, adormecida, cinco metros abaixo da superfície do mar. O animal ficou de tal modo irritado com o incômodo causado pelo nosso navio – pois, ao passarmos sobre ele, o leme roçou-lhe o focinho – que golpeou com a cauda a galeria e parte do tombadilho superior, e quase simultaneamente agarrou a âncora da vela mestra, como de costume suspensa de cabeça para baixo, entre os dentes, e saiu puxando o barco, por no mínimo sessenta léguas, a uma velocidade de doze léguas por hora, até que por sorte o cabo se rompeu e perdemos tanto a baleia como a âncora. Entretanto, em nosso retorno à Europa, meses depois, topamos com a mesma baleia a poucas léguas do mesmo local, boiando morta na superfície; constatamos então que media quase mil metros. E como não podíamos trazer a bordo nada mais do que uma porção ínfima daquele animal tão monstruoso, lançamos os botes ao mar e, com muita dificuldade, conseguimos cortar-lhe a cabeça, onde, para nossa grande alegria, encontramos a âncora e mais de quarenta braças de cabo, ocultos no canto esquerdo da bocarra, logo abaixo da língua. (Talvez esta tenha sido a causa da sua morte, uma vez que esse lado da língua estava muito inchado, e em grande parte inflamado.) Esse foi o único evento extraordinário que ocorreu durante a travessia. Parte do nosso apuro, contudo, eu gostaria de ter esquecido: enquanto tentava escapar e arrastava o navio, a baleia provocou um vazamento no casco, e a água começou a entrar com tal rapidez que mesmo com todas as bombas em ação não seria

possível evitar o naufrágio. A nossa grande sorte foi o fato de eu ter sido o primeiro a notar o vazamento, quando ainda era um buraco com trinta centímetros de largura. Sem dúvida, vocês hão de imaginar o prazer com que vou lhes dizer isto, pois aquela majestosa nau foi salva, assim como toda a tripulação, por uma ideia extremamente bem-aventurada! Para resumir a história, sentei-me sobre o buraco, e poderia ter feito isso mesmo se fosse maior; tampouco será uma surpresa para vocês se lhes disser que sou descendente de holandeses.

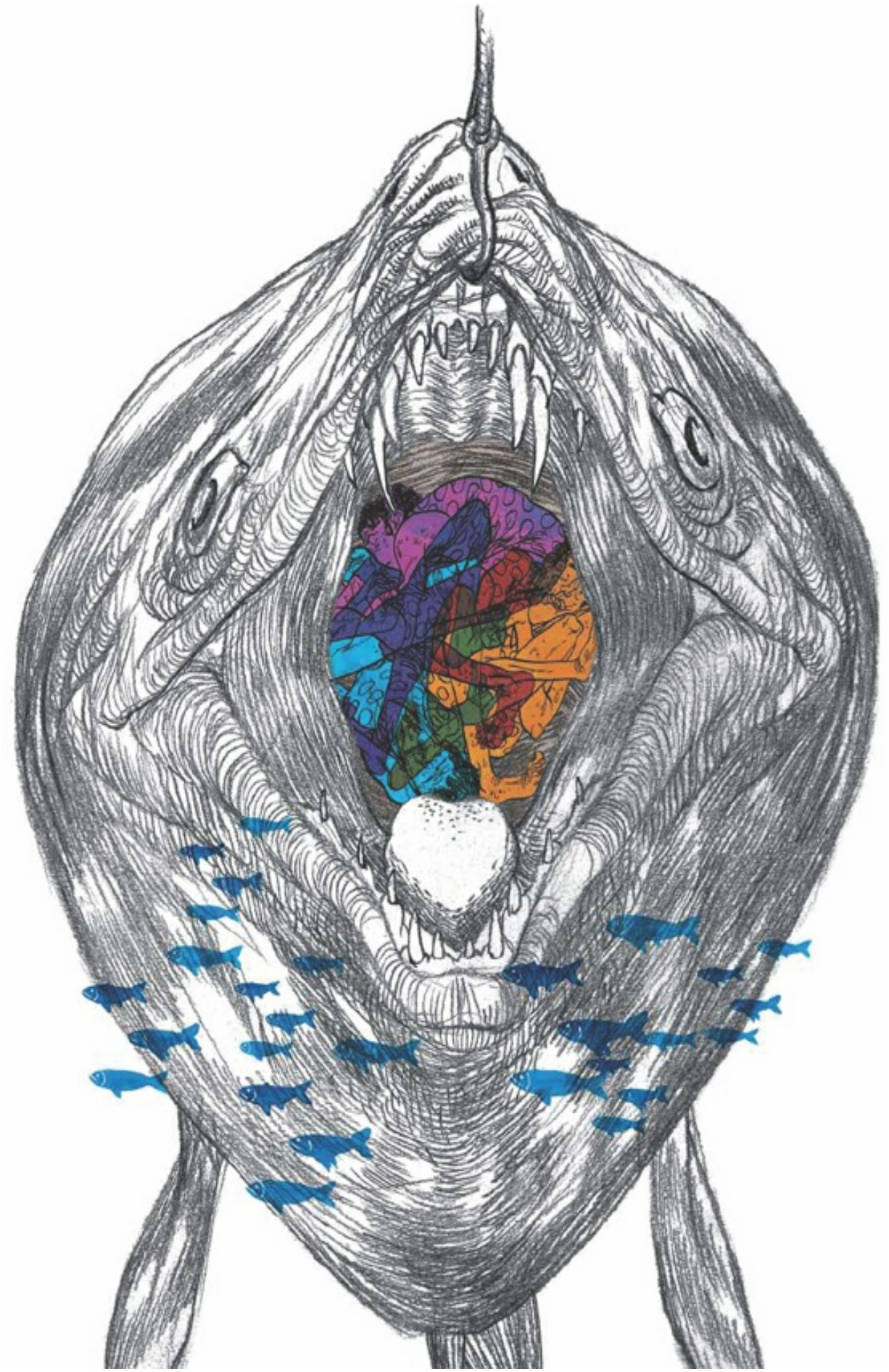
Ali sentado, desfrutei de uma situação até agradável, mas logo as artes do carpinteiro permitiram que eu abandonasse o meu posto.



VIII

Certa vez corri grande perigo de me perder de maneira muito bizarra no Mediterrâneo. Numa tarde de verão, estava me banhando no agradável mar perto de Marselha, quando notei que um peixe enorme, com as mandíbulas completamente abertas, se aproximava de mim com a maior rapidez. Não havia tempo a perder, tampouco possibilidade de escapar. De imediato, tentei me fazer tão pequeno quanto possível, juntando os pés e apertando as mãos nas laterais do corpo e, nessa posição, passei diretamente entre suas mandíbulas e acabei entrando no estômago do animal, onde permaneci por um tempo na escuridão total, e confortavelmente aquecido, como vocês podem imaginar. Por fim, ocorreu-me que, se causasse dor no animal, de bom grado ele terminaria por se livrar de mim. E, como havia bastante espaço, fiz todas as travessuras que me deram na veneta: pulei, saltei, rolei etc., mas nada parecia perturbá-lo tanto quanto o rápido movimento dos meus pés quando tentava dançar um hornpipe. Assim que comecei, ele passou a tentar me expelir aos trancos e de supetão, e eu não desisti. Por fim, ele emitiu um tremendo rugido e ficou em posição quase perpendicular na água, com a cabeça e os ombros expostos, e assim foi visto pelos passageiros a bordo de um cargueiro italiano, que velejava por ali, e em poucos minutos o arpoou. No momento em que o peixe foi levado para bordo, ouvi a tripulação discutir sobre como deveria ser retalhado para coletar a maior quantidade de óleo. Como eu entendia italiano, fui tomado da mais horrível apreensão diante da possibilidade de ser atingido pelas lâminas que seriam usadas para cortar o peixe. Portanto, procurei me posicionar o mais perto do centro, pois havia espaço suficiente para uma dúzia de homens no ventre daquele animal, e naturalmente imaginei que iriam começar pelas extremidades. Porém, meus temores logo foram embora, uma vez que começaram a abrir o peixe pela parte inferior do ventre. Ao notar um lampejo luminoso, gritei com toda a força para que me libertassem de uma situação em que estava quase sufocando. É impossível para mim fazer justiça à intensidade e ao tipo de assombro que tomou conta de todos os semblantes ao ouvirem uma voz humana sair do peixe, o qual foi ainda maior quando viram um homem nu sair andando de dentro do animal. Para encerrar, cavalheiros, contei-lhes toda a história, como acabei de fazer, enquanto todos me ouviam mudos e estupefatos.

Após beber algo e saltar no mar para me limpar, nadei até onde estavam as minhas roupas, no mesmo lugar da praia em que as havia deixado. Pelos meus cálculos mais precisos, fiquei quase quatro horas e meia confinado no estômago daquele animal.



IX

Quando estava a serviço dos turcos, muitas vezes me divertia em uma barcaça de recreio no mar de Mármara, de onde se pode ver toda a cidade de Constantinopla, incluindo o Serralho do Grão-senhor. Certa manhã, enquanto admirava a beleza e a serenidade do céu, observei uma substância globular pairando no ar, que parecia ter o tamanho aproximado de uma esfera de trinta centímetros, na qual havia algo dependurado. Sem titubear, peguei a espingarda de caça mais potente e com o cano mais longo, a qual, sempre que possível, levo comigo em viagens ou mesmo em passeios. Depois de carregá-la com uma bala, disparei contra o globo, mas em vão, pois o objeto estava longe demais. Em seguida, coloquei o dobro da porção de pólvora e acrescentei cinco ou seis balas, e essa outra tentativa foi mais bem-sucedida; todas as balas atingiram o alvo e dilaceraram um dos lados, forçando-o a descer ao solo. Imaginem então a minha surpresa quando uma carruagem dourada e muito elegante, ocupada por um homem, e parte de uma ovelha que parecia ter sido assada, tombaram a dois metros de mim. Assim que meu espanto diminuiu, ordenei que os remadores aproximassem o barco daquele curioso viajante aéreo.

Fiz com que o trouxessem a bordo da barcaça (ele era da França): estava muito abalado com a súbita queda no mar e mal podia falar. Pouco depois, porém, já recuperado, ele fez o seguinte relato a respeito de si mesmo:

"Cerca de sete ou oito dias atrás, não posso dizer com certeza, pois perdi a conta, já que passei a maior parte do tempo ali onde o Sol jamais se põe, subi aos céus em Land's End, na Cornualha, na ilha da Grã-Bretanha, naquela carruagem que acabara de resgatar, suspensa de um balão muito grande, levando comigo uma ovelha com a qual pretendia realizar experimentos atmosféricos. Lamentavelmente, contudo, o vento mudou apenas dez minutos depois da subida e, em vez de me conduzir rumo a Exeter, onde pretendia pousar, fui conduzido na direção do mar, sobre o qual suponho ter pairado desde então, mas a uma altitude excessiva e, portanto, inadequada para realizar observações.

Os sinais de fome tornaram-se tão urgentes que ocuparam o lugar dos experimentos planejados sobre o calor e a respiração. Vi-me obrigado, no terceiro dia, a sacrificar a ovelha para saciar a fome e, como naquele momento estava infinitamente além da Lua, e depois por mais de dezesseis horas tão próximo do Sol que as minhas sobrancelhas ficaram chamuscadas, coloquei a carcaça, tomando antes o cuidado de lhe retirar a pele, naquela parte da carruagem onde os raios solares incidiam com mais força, ou, em outros termos, o lado que estava voltado para o Sol, e com isso consegui assar a ovelha em cerca de duas horas. E

desde então ela tem me servido de alimento".

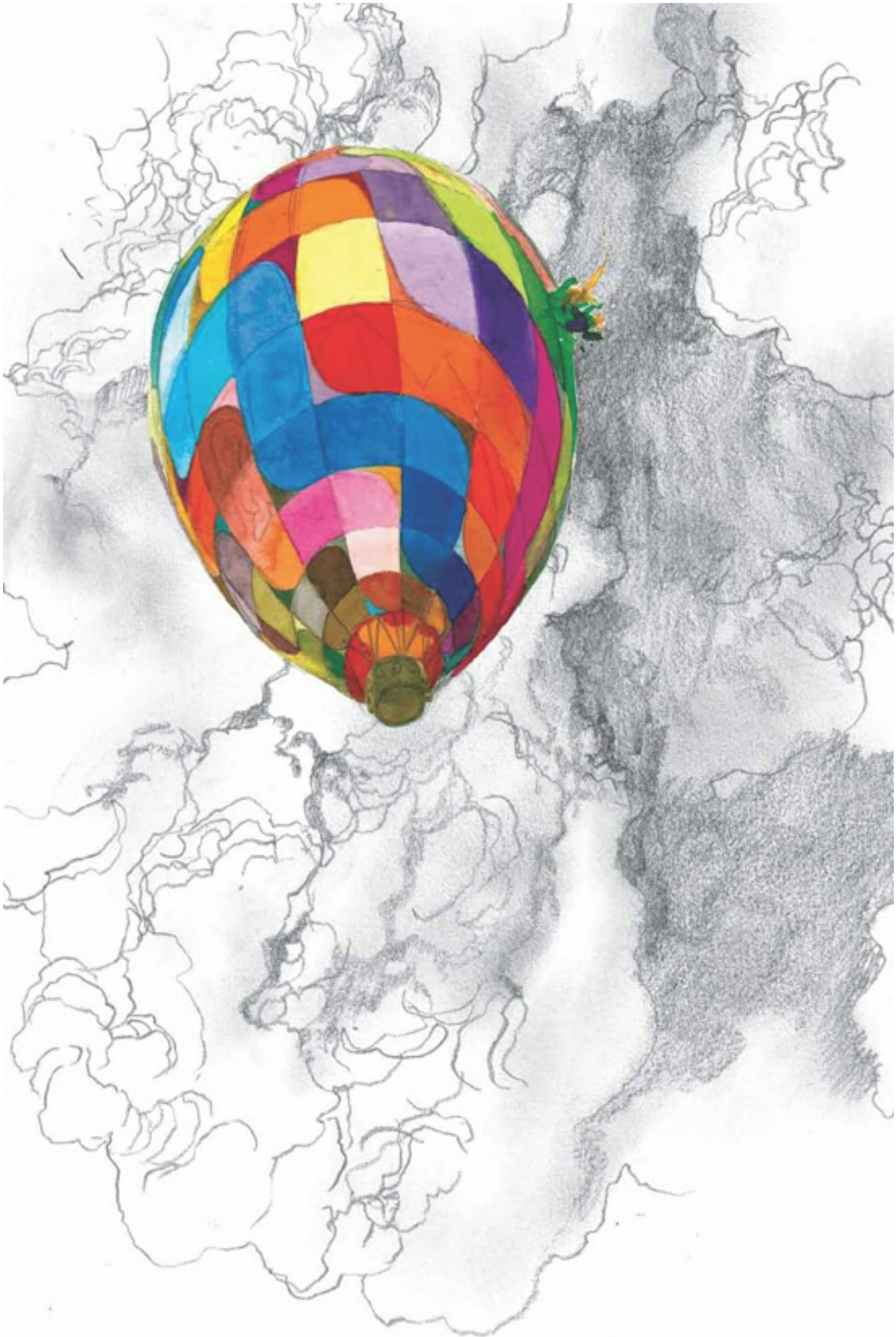
Aqui ele fez uma pausa, e parecia tomado pelo que via ao redor. Quando lhe informei que as construções à frente eram o Serralho do Grão-senhor, em Constantinopla, ele se mostrou extremamente perturbado, uma vez que havia suposto estar em situação bem diversa.

"A causa", continuou, "desse meu voo tão prolongado está na falha de uma corda que se prendia a uma válvula do balão, pela qual se liberava o ar inflamável. Se ele não tivesse sido atingido pelas balas de chumbo, e se rasgado daquela maneira, eu poderia, tal como Maomé, continuar pairando entre o céu e a terra até o fim dos tempos."

Depois disso, o grão-senhor, a quem fui apresentado pelos embaixadores do Império, da Rússia e da França, pediu a minha ajuda para negociar uma questão de grande importância no Grande Cairo, cuja natureza terá de permanecer para sempre em segredo.

Para lá me dirigi por terra, com grande pompa. E lá, após concluir as negociações, dispensei quase todos os membros da comitiva e voltei como cavalheiro que sou. O tempo estava delicioso, e aquele rio tão famoso, o Nilo, exibia uma beleza indescritível. E isso, em suma, me inclinou a alugar uma barca que me conduzisse pela água até Alexandria. No terceiro dia dessa viagem, o rio começou a subir assustadoramente (todos vocês já ouviram falar, tenho certeza, do transbordamento anual do Nilo) e, na manhã seguinte, havia se alastrado por várias léguas em ambos os lados, cobrindo toda a região! No quinto dia, ao amanhecer, a embarcação acabou presa no que, à primeira vista, me pareceu ser uma espécie de arbusto, mas, com a claridade, vi que estava rodeado de amêndoas, perfeitamente maduras e absolutamente perfeitas. Com a ajuda de uma corda, meus tripulantes constataram que estávamos pelo menos dezoito metros acima do solo, e impossibilitados de avançar ou recuar. Por volta das oito ou nove horas, pelo que pude avaliar conforme a altura do Sol, o vento ergueu-se de repente e inclinou a barca para um lado até que se enchesse de água e afundasse. Felizmente, todos conseguimos nos salvar (meia dúzia de homens e dois rapazes), agarrados à árvore, cujos galhos eram fortes o bastante para aguentar nosso peso, ainda que não o da barca. E daquele jeito permanecemos seis semanas e três dias, comendo apenas amêndoas; quanto à água para beber, bem, isso é o que não faltava, como devem imaginar. No quadragésimo segundo dia desse infortúnio, a água baixou com tanta rapidez como havia subido, e no quadragésimo sexto estávamos em condições de nos aventurar por terra firma. A nossa barca foi a primeira coisa agradável que avistamos, a cerca de duzentos

metros do local em que afundara. Após secar tudo o que havia de útil com o calor do Sol e nos abastecer dos suprimentos a bordo, apressamos para recuperar o terreno perdido e descobrimos, segundo o cálculo mais aproximado, que havíamos sido carregados por cima de muros de jardins, e de uma diversidade de cercados, por mais ou menos duzentos e cinquenta quilômetros. Em quatro dias, depois de exaustiva caminhada com calçados de solas finas, chegamos ao rio, de novo confinado entre as ribanceiras, e relatamos os nossos infortúnios a um rapaz, que atenciosamente cuidou de todas as nossas necessidades e nos permitiu seguir adiante numa embarcação que era dele. Seis dias foram necessários para que chegássemos a Alexandria, onde tomamos outro barco com destino a Constantinopla. Fui calorosamente recebido pelo grão-senhor, e tive o privilégio de conhecer o Serralho, em uma visita conduzida pessoalmente por Sua Alteza.



X

Durante o último cerco a Gibraltar, embarquei em uma frota de abastecimento, sob o comando de lorde Rodney, pois queria visitar um velho amigo, o general Elliot, que, com sua extraordinária defesa do local, conquistou glórias que nunca serão esquecidas. Assim que passou a alegria costumeira dos reencontros de velhos amigos, fui examinar o estado da guarnição e acompanhar as operações dos inimigos, sempre ao lado do general. Desde Londres, trazia comigo um dos melhores telescópios refratores, adquirido na loja de John Dollond, por meio do qual constatei que o inimigo estava prestes a disparar uma peça de trinta e seis libras sobre o exato local em que estávamos. Relatei ao general o que tramavam. Ele espiou pelo binóculo e confirmou minhas suspeitas. Sem titubear, com sua devida permissão, ordenei que uma peça de quarenta e oito libras fosse trazida para uma bateria próxima, que apontei com toda a precisão possível (já que estudara longamente a arte da balística) no alvo escolhido.

Continuei a observar o inimigo até ver a mecha ser levada ao ouvido da peça deles. Nesse mesmo instante, dei o sinal para que o nosso canhão também fosse disparado.

A meio caminho entre as duas peças de artilharia, as balas chocaram-se com tremenda força – que efeito assustador! A bala adversária ricocheteou de volta com tal violência que matou o artilheiro responsável pelo disparo, destroçando-lhe a cabeça, assim como a de dezesseis outros que encontrou em sua trajetória até a costa da Barbária, e com o impulso, depois de passar por três mastros de navios atracados lado a lado no porto, foi caindo até conseguiu romper o telhado da pobre cabana de um trabalhador, cerca de duzentos metros terra adentro, e destruir os poucos dentes que ainda restavam na boca de uma velha que dormia de costas com a boca aberta. A bala ficou presa na garganta dela. Logo depois, o marido dela chegou em casa e tentou extrair o projétil, mas, diante da impossibilidade, empurrou-o, com a ajuda de um socador, até o estômago da mulher. O nosso projétil prestou excelente serviço, pois não apenas repeliu da maneira que acabei de relatar, como, prosseguindo tal como eu pretendia que fizesse, atingiu e desmontou a peça de artilharia que fora usada contra nós, arremessando-a no porão do navio, onde tombou com tanta força que abriu caminho até o fundo. Sem demora, o barco foi invadido pela água e afundou, levando consigo mais de mil marujos espanhóis, além de um número considerável de soldados. Sem a menor dúvida, essa foi uma façanha absolutamente extraordinária. Não pretendo, contudo, reivindicar todo o mérito. A minha ideia foi o motor principal, entretanto a sorte me ajudou um pouco, pois mais tarde vim a saber que o artilheiro encarregado do nosso canhão de quarenta

e oito libras colocara, por engano, uma quantidade dupla de pólvora, sem a qual jamais teríamos obtido um resultado tão além de todas as expectativas, sobretudo quanto à ação de repelir o projétil inimigo.

O general Elliot prontificou-se a me conceder uma patente em reconhecimento de tal serviço singular e extraordinário, mas recusei tudo, com exceção dos agradecimentos, que ouvi à mesa repleta de oficiais no jantar no fim do mesmo dia.

Devido à minha acentuada preferência pelos ingleses, que sem a menor dúvida são um povo corajoso, decidi não deixar a guarnição até que tivesse prestado outro serviço e, cerca de três semanas depois, surgiu uma oportunidade. Disfarçado sob a batina de um padre católico, por volta de uma da manhã, esgueirei-me para fora da guarnição, cruzei as linhas inimigas e cheguei até o centro do acampamento adversário; penetrei na barraca em que o príncipe d'Artois, com o comandante-chefe e vários outros oficiais, estavam reunidos em conselho, discutindo um plano para assaltar nossa guarnição na manhã seguinte. Protegido pelo disfarce, a minha presença foi tolerada e assim pude ouvir tudo o que elaboravam, até que foram todos dormir. Quando vi que todo o acampamento, e até as sentinelas, estavam aconchegados nos braços de Morfeu, comecei a agir, isto é, desmontei todos os canhões (mais de três centenas de peças), desde os de quarenta e oito até os de vinte e quatro libras, e os joguei no mar, a três léguas da costa. Sem contar com nenhuma ajuda, essa foi a tarefa mais árdua que já empreendi, com exceção de nadar até a margem oposta com a famosa peça de artilharia turca, descrita pelo Barão de Tott em suas Memórias, e que vou relatar adiante. Em seguida, empilhei todas as carruagens no meio do acampamento e, para impedir que se ouvisse o ruído das rodas, carreguei-as de duas em duas; no final exibiam uma majestosa aparência, tão altas quanto o próprio rochedo de Gibraltar. Então acendi uma mecha usando uma pederneira, a seis metros de altura (em um antigo muro erguido pelos mouros quando invadiram a Espanha), com a culatra de uma peça de ferro de quarenta e oito libras, e assim ateei fogo ao monte de carruagens. Ah, esqueci de lhes dizer que, por cima de tudo, joguei todas as carroças que estavam cheias de munição.

Antes de lançar a mecha acesa, havia devidamente espalhado combustíveis na base, de modo que não demorou nada para que a pilha toda se tornasse uma fogueira. Para evitar suspeitas, fui um dos primeiros a demonstrar surpresa. Todo o acampamento ficou, como bem podem imaginar, petrificado de assombro. A conclusão geral foi de que as sentinelas haviam sido subornadas, e que sete ou oito regimentos da guarnição se puseram a destruir sua artilharia. No relato que escreveu desse famoso cerco, o sr. Drinkwater afirma que o inimigo

sofreu grandes perdas devido a um incêndio que espalhou por suas fileiras, mas do qual jamais se souberam as causas. E como poderia ele saber? Afinal, nunca antes contei nada (embora eu sozinho tenha salvado Gibraltar com as ações daquela noite), nem mesmo ao general Elliot. O conde d'Artois e todos os seus criados fugiram correndo, espavoridos, e só pararam quando avistaram Paris, após quinze dias de estrada. Esse terrível conflito teve tal efeito sobre eles que se viram incapazes de se alimentar de qualquer coisa durante três meses, passando, como camaleões, a viver de ar.

Se algum cavalheiro tiver a menor dúvida sobre a veracidade desse relato, terei de impor a multa de um galão de conhaque e forçá-lo a beber tudo de uma vez só.

Cerca de dois meses depois de ter prestado esse serviço aos sitiados, enquanto tomava café da manhã com o general Elliot, uma granada (pois eu não tivera tempo para destruir, além dos canhões, os morteiros adversários) caiu dentro do apartamento em que estávamos alojados e foi parar bem debaixo da mesa. O general, como seria de esperar da maioria dos homens, saiu o mais depressa possível do aposento. Eu, porém, agarrei a granada antes que detonasse, levei-a ao topo do rochedo e, examinando de lá o acampamento inimigo, notei grande aglomeração em um morro perto da costa, ainda que, a olho nu, não pudesse verificar o que faziam lá. Recorrendo mais uma vez ao telescópio, descobri que dois dos nossos oficiais, um general e um coronel, com quem estivera na noite anterior e que, à meia-noite, se infiltraram como espiões no campo inimigo, haviam sido aprisionados e, na verdade, estavam prestes a ser executados em um patíbulo. A distância era grande demais para que eu pudesse lançar a granada com a mão; no entanto, felizmente lembrei-me da funda que trazia no bolso, a mesma que havia auxiliado Davi a derrubar Golias. Encaixei nela a granada e a arremessei bem no meio da multidão: ela explodiu assim que tocou o solo e destruiu todos os presentes, com exceção dos dois prisioneiros, salvos pelo fato de estarem no alto, sobre o patíbulo, prontos para serem executados. No entanto, um dos fragmentos da granada foi lançada com tanta força contra a base do patíbulo que este logo ruiu. Assim que se sentiram em terra firma, nossos dois amigos olharam em volta, tentando entender o que tinha acontecido, e, ao verem que os guardas, o carrasco e todos os outros haviam decidido morrer antes, livraram-se o quanto antes das cordas e correram até a praia, onde pegaram um bote espanhol com dois homens e os obrigaram a remá-los até um dos nossos navios, o que fizeram com grande eficiência. Poucos minutos depois, quando eu contava ao general Elliot o que havia feito, os dois apareceram e nos cumprimentaram. Depois de nos parabenizarmos, nos retiramos e passamos o dia a festejar.

XI

Bem que vocês querem (dá para notar nos rostos) saber como me tornei o dono de um tesouro assim, ou seja, dessa funda que mencionei. (Aqui os fatos devem, acima de tudo, ser tidos como sagrados.) Pois foi assim que aconteceu: sou um dos descendentes da esposa de Urias, aquela da qual, todos sabemos, Davi era íntimo; ela teve vários filhos de Sua Majestade; certa vez, eles discutiram sobre uma questão muito importante: o local em que Noé construiu a arca, e onde esta foi parar após o dilúvio. Depois dessa discussão, se separaram. Tantas vezes ela o ouvira falar dessa funda como o seu mais prezado tesouro: e foi por isso que se apoderou dela na noite em que se separaram. A falta foi sentida antes mesmo que ela deixasse os domínios de Davi, e no encalço dela saíram nada menos do que seis guarda- -costas do rei. Porém, usando a própria funda, ela atingiu um deles (que estava mais empenhado do que os outros na perseguição) ali mesmo onde Davi derrubara Golias, e o matou no local. Seus companheiros ficaram tão alarmados que recuaram e permitiram que a mulher de Urias prosseguisse viagem. Ela levava consigo, e eu deveria ter contado isso antes, seu filho predileto, a quem deixaria a funda como legado. E assim, sem interrupção, a funda passou de pai para filho, até chegar às minhas mãos. Um dos donos, meu quadrisavô, que viveu há cerca de duzentos e cinquenta anos, fez uma viagem à Inglaterra e tornou-se próximo de um poeta que era um grande ladrão de veados. O nome dele era Shakespeare. E com frequência esse poeta tomou emprestada essa funda, e com ela abateu os veados de Sir Thomas Lucy, a ponto de escapar por pouco do destino dos meus dois amigos em Gibraltar. O coitado do Shakespeare foi preso, e o meu antepassado conseguiu que fosse libertado de um modo muito singular. Na época, a rainha Elizabeth ocupava o trono, mas ela se tornara tão indiferente que tudo, até a questão mais ínfima, era um problema: vestir, desvestir, comer, beber, e certas outras funções que não serão descritas, tudo era um fardo para a soberana. De tudo isso, o meu antepassado conseguia isentá-la, ou transferir a uma substituta! E qual foi, segundo vocês, a única recompensa que ela conseguiu fazer com que aceitasse em troca de serviços tão grandiosos? Colocar Shakespeare em liberdade! Tanta era a sua afeição por esse renomado autor que ele teria dado dias de sua própia vida ao amigo.

Não soube que nenhum dos súditos da rainha, em especial os "comedores de bife" como até hoje são vulgarmente conhecidos, por mais que na época estivessem afetados pela novidade, tenha aprovado que ela vivesse inteiramente sem comer. E, de fato, ela não sobreviveu a essa prática por mais de sete anos e meio.

Meu pai, que foi o proprietário imediatamente anterior dessa funda, costumava me contar a seguinte anedota: ele caminhava pela praia em Harwich, carregando a funda no bolso. Antes de seus passos terem completado um quilômetro e meio, foi atacado por um animal feroz, um cavalo-marinho, que, de boca aberta, pulou contra ele com grande vigor. Depois de hesitar um instante, pegou a funda, recuou uma centena de metros, abaixou-se para agarrar um par de cascalhos, dos quais havia muitos aos seus pés, e arremessou-os com tanta destreza na direção do animal que cada uma das pedras cegou um de seus olhos e entrou no buraco. Em seguida, montou no dorso do animal e o conduziu até o mar. Desde o momento em que perdeu a visão, a criatura também deixou de ser feroz, tornando-se tão dócil quanto possível. A funda colocara um freio em sua boca: agora era facilmente conduzido através do oceano. Em menos de três horas, ambos alcançaram a margem oposta, distante cerca de trinta léguas. O dono do albergue Três Copas, na cidade Helvoetsluys na Holanda, comprou esse cavalo-marinho por setecentos ducados, para exibi-lo, o que então equivalia a mais de trezentas libras esterlinas. No dia seguinte, meu pai comprou a passagem de volta no navio a vapor com destino a Harwich.

Meu pai fez vários comentários curiosos a respeito dessa travessia, os quais vou relatar mais adiante.

Essa atiradeira famosa, a funda, permite ao seu possuidor realizar qualquer tarefa que lhe dê na veneta.

Construí um balão de dimensões tão grandes que, se contasse o quanto de seda era necessária em sua construção, ninguém iria acreditar. Todas as lojas de tecidos e todos os armazéns de tecelões em Londres, Westminster e Spitalfields contribuíram com material. Com esse balão e a minha funda, realizei muitos truques, como remover uma casa do seu alicerce e colocar outra no lugar, sem perturbar os moradores, em geral adormecidos ou ocupados demais para notar as andanças de suas casas. Quando a sentinela do castelo de Windsor ouviu os sinos da catedral de St. Paul soarem treze horas, foi por conta da minha destreza; fui eu que aproximei os dois edifícios naquela noite, colocando o castelo em St. George's Fields, e depois o devolvi ao seu lugar original antes do amanhecer, sem despertar nenhum morador. Sobre essas façanhas, bem que deveria ter mantido o balão, e suas características, em segredo, se Montgolfier não tivesse dado tanta publicidade à arte do voo.

No dia 30 de setembro, quando o Colégio Real de Medicina fez a escolha anual de seus encarregados, durante a qual todos participaram de um suntuoso jantar, mandei encher o balão, conduzi-o até um ponto sobre a cúpula do edifício, prendia funda na bola dourada que enfeita o topo e amarrei a outra extremidade ao balão. Assim ergui todo o Colégio a uma altitude enorme, e ali os mantive durante três meses. Certamente vocês estão curiosos para saber como fizeram para se alimentar durante todo esse tempo. Ao que respondo: poderiam ter ficado suspensos o dobro do tempo, mesmo assim não teriam tido nenhum problema sobre esse quesito, pois tão ampla, ou, tão extravagante era a abundância de alimentos que havia na mesa para os festejos daquele dia.

Ainda que tenha sido uma travessura inocente, isso resultou em muito prejuízo, sou obrigado a reconhecer, sofrido por diversos personagens respeitáveis entre clérigos, agentes funerários, sacristãos e coveiros. Pois é fato bem conhecido que, nos três meses em que o Colégio esteve estacionado no ar, e portanto com seus membros incapazes de atender aos pacientes, não ocorreu nenhum óbito, com exceção de alguns abatidos pela foice do Tempo, e outros indivíduos melancólicos que, talvez com o intuito de evitar algum inconveniente por aqui, voltaram as mãos contra si mesmos e mergulharam em uma miséria infinitamente maior do que aquela que esperavam evitar com tal gesto impensado e intempestivo.

Se os boticários não tivessem se mantido ativos durante esse período, metade dos agentes funerários muito provavelmente estaria falida.

XIII UMA VIAGEM AO NORTE

Todos nos lembramos do capitão Phipps, hoje lorde Mulgrave, e de sua famosa viagem de descoberta ao Norte. Pois acompanhei o capitão, não como um de seus oficiais, mas como amigo. Ao alcançarmos uma elevada latitude setentrional, passei a examinar o que havia ao redor com a ajuda daquele telescópio que, como já contei, foi tão útil em minhas aventuras em Gibraltar. Pensei ter visto dois grandes ursos-brancos em violento combate sobre um trecho de gelo consideravelmente acima dos mastros, cerca de meia légua distante. Apanhei sem mais delonga a carabina, prendi-a ao ombro e pus-me a escalar a encosta gelada. Quando cheguei ao topo, a irregularidade da superfície tornava muito difícil, e muito precária, minha aproximação daqueles animais: por vezes, buracos medonhos apareciam no caminho, forçando-me a saltar por cima; em outras partes, a superfície era lisa como espelho, fazendo com que escorregasse sem parar. Quando estava perto o suficiente para alcançá-los, descobri que os ursos apenas brincavam. Logo passei a calcular o valor de suas peles, pois cada um deles era imenso como um boi gordo. Infelizmente, no momento mesmo em que empunhava a carabina, caí de costas e a violência do golpe tirou-me os sentidos por quase meia hora. Ao me recuperar, imaginem a minha surpresa ao ver que um daqueles enormes animais que descrevi havia me virado, me colocado de bruços e estava agarrando pelos meus calções na altura da cintura, que eram novos e feitos de couro. Sem dúvida, pretendia me erguer pelos pés e me levar, Deus sabe aonde, quando tirei esta faca do meu bolso lateral, apliquei um golpe bem dado em sua pata traseira e decepei três de seus dedos. De imediato, ele me largou e soltou o mais horrendo urro. Agarrei a carabina, disparei enquanto o animal se afastava correndo e o derrubei. O estampido da arma despertou milhares de ursos-brancos, que dormiam sobre o gelo num raio de quase mil metros ao redor. Logo começaram a chegar ao local. Não havia tempo a perder. E nesse exato instante uma ideia absolutamente afortunada cruzou o meu pericrânio. Arranquei a pele e a cabeça do urso morto na metade do tempo em que alguém levaria para esfolar um coelho, e nela me envolvi, encaixando a minha própria cabeça na cabeça do urso. Pouco depois, o bando todo me rodeava, e não há como negar que o medo me lançava na mais penosa situação. No entanto, a maquinação acabou por revelar-se absolutamente admirável para minha própria segurança. Todos se aproximaram farejando e evidentemente me tomaram por um irmão urso. E eu não pretendia nada além do que parecer maior para fazer uma excelente imitação. Contudo, entre eles notei vários filhotes, não muito maiores do que eu. Depois de terem todos me farejado, assim como o corpo do companheiro falecido, cuja pele agora me servia de proteção, eles pareciam muito sociáveis, e percebi que conseguia imitar razoavelmente bem tudo o que faziam. Mas quando deveria grunhir, urrar e

abraçar, eles continuaram a ser meus mestres. Foi então que me ocorreu a possibilidade de obter alguma vantagem dessa confiança generalizada que aqueles animais tinham por mim.

Lembrei-me do comentário de um velho cirurgião militar, dizendo que um ferimento na espinha era morte certa. Decidi assim tentar o experimento e mais uma vez recorri ao canivete, com o qual golpeei um dos maiores ursos na nuca, perto do ombro, mas com enorme apreensão, pois estava absolutamente convicto de que, caso sobrevivesse à estocada, o animal me faria em pedaços. Porém, tive notável sorte: ele tombou morto aos meus pés sem fazer o menor ruído. Então adotei o plano de fazer o mesmo com todos os outros, o que pude levar a cabo sem grande dificuldade, porque, ainda que vissem os companheiros caindo desfalecidos, os ursos não conseguiam atinar com a causa nem muito menos com o efeito. E quando todos jaziam mortos ao redor, senti exatamente como se fosse um Sansão redivivo, após ter passado milhares pelo fio da espada.

Para resumir a história, voltei em seguida ao navio e consegui que me emprestassem três quartos da tripulação para esfolar todos os ursos, assim como para levar os pernis a bordo, o que fizemos em poucas horas, atulhando os porões do navio. Quanto às outras partes dos animais, foram lançadas ao mar, embora estivesse certo de que todas poderiam ter sido consumidas, tanto quanto os pernis, caso fossem adequadamente curadas.

Assim que retornamos, enviei alguns pernis, em nome do capitão, aos lordes do Almirantado, outros para os lordes do Tesouro, e alguns para o senhor Prefeito e a Corporação de Londres, outros ainda para cada uma das companhias de comércio, e o restante para os meus amigos, e de todos recebi os agradecimentos mais calorosos. No entanto, da cidade também recebi uma honraria excepcional, ou seja, um convite para participar dos festejos anuais em Guildhall no dia do senhor Prefeito.

Já as peles de urso, estas mandei para a imperatriz da Rússia, de modo que adornassem Sua Majestade e sua corte no inverno, e em reconhecimento ela me escreveu de próprio punho uma carta de agradecimento e a enviou por um embaixador extraordinário, convidando-me a partilhar as honrarias de sua Coroa. Entretanto, como nunca tive a ambição das dignidades régias, declinei o favor de Sua Majestade nos termos mais polidos. O mesmo embaixador tinha ordens de aguardar e levar de volta pessoalmente a minha resposta à Sua Majestade, e nessa missão ausentou-se por três meses. A resposta de Sua Majestade convenceu-me da força de seu afeto e da elevação de seu espírito; o mal- -estar que sentia nos últimos dias devia-se (como ela, criatura boníssima!, teve por bem

se exprimir em uma conversa tardia com o príncipe Dolgorouki) apenas à minha crueldade. Não entendo muito bem o que o belo sexo vê em mim, mas o fato é que a imperatriz não foi a única soberana a me propor casamento.

Houve quem, de maneira nada discreta, comentasse que o capitão Phipps não avançou tanto quanto poderia durante aquela expedição. Quanto a isso, tenho o dever de ser honesto com ele. O nosso barco estava em excelentes condições até o momento em que precisei carregá-lo com a imensa quantidade de peles e pernis de urso, depois do que teria sido insanidade seguir adiante, uma vez que mal podíamos enfrentar uma ventania mais incisiva, e muito menos aquelas montanhas de gelo que se encontram nas latitudes mais elevadas.

Desde então, o capitão muitas vezes expressou insatisfação com o fato de não ter partilhado as honrarias daquele dia, que ele enfaticamente chamou de “dia da pele de urso”. Ele também mostrou muita vontade de saber como consegui matar tantos milhares de ursos sem ser ameaçado pela fadiga ou pelo perigo. Na realidade, está tão consumido pela ambição de partilhar comigo a glória que chegamos a brigar por esse motivo, e hoje nem mais nos falamos. Sem a menor vergonha, ele alega que não tive mérito nenhum ao enganar os ursos, pois estava dissimulado sob uma de suas peles; pior ainda, insiste que não há, até onde saiba, em toda a Europa, um membro da espécie humana capaz de ser confundido tão facilmente com um urso quanto ele próprio.

Atualmente ele é um digno membro da nobreza, e conheço tão bem as boas maneiras que não pretendo discutir uma questão delicada com Sua Senhoria.

XIV

Em suas Memórias, o Barão de Tott relata um espetáculo e tanto de um único ato, tal como o de tantos viajantes que dedicaram a vida a conhecer diferentes cantos do globo. Quanto a mim, tivesse sido arremessado da Europa para a Ásia pela boca de um canhão, me vangloriaria menos do que ele fez depois de disparar uma vez só uma peça de artilharia turca. O que Tott conta desse canhão maravilhoso, com a exatidão que me permite a memória, é o seguinte:

"Logo abaixo do castelo, perto da cidade e à margem do célebre rio Simois, os turcos haviam assentado uma enorme peça de artilharia, fundida em bronze, capaz de arremessar uma bala de mármore pesando mil e cem libras. Embora tivesse vontade de dispará-la, decidi que antes seria melhor avaliar o efeito. Ao redor, a multidão se apavorou com tal ideia, justificando que causaria a ruína não só do castelo, como da cidade. Por fim, desfeitos em parte esses temores, recebi permissão para usar o canhão. Foram necessários nada menos do que trezentas e trinta libras de pólvora, e só a bola de mármore pesava outras mil e cem libras. Assim que o engenheiro trouxe a pólvora, a multidão recuou o mais depressa que pôde; não só isso, foi com imensa dificuldade que convenci o paxá, que ali estava de propósito, de que não havia perigo – pois até mesmo o engenheiro que iria provocar o disparo, ao meu comando, estampava uma expressão de considerável alarme. Tomei posição junto a um muro de pedra atrás do canhão, dei o sinal e senti uma sacudida como a de um tremor de terra! À distância de trezentas braças, a bala rompeu-se em três pedaços; os fragmentos cruzaram o estreito, ricochetearam na montanha oposta e fizeram espumar a superfície da água por toda a largura do canal".

Até onde me lembro, cavalheiros, esse é o relato do Barão a respeito do maior canhão de que se tem conhecimento no mundo. Ora, quando lá estive, não muito tempo atrás, a história de Tott disparando essa tremenda peça de artilharia até chegou a ser mencionada como prova da extraordinária coragem desse senhor.

Como eu estava decidido a não ser vencido por um francês, coloquei o mesmíssimo canhão no meu ombro e, equilibrando-o de maneira adequada, saltei no mar com a peça e nadei até a margem oposta, da qual sem sucesso tentei arremessá-la de volta ao lugar original. Digo sem sucesso porque, quando ia arremessá-la, ela escorregou um pouco na minha mão e, em consequência, caiu bem no meio do canal, onde jaz até hoje, sem que haja perspectiva de recuperá-la. E, a despeito da excelente posição que desfrutava perante o grão-senhor, como antes mencionado, esse turco cruel, assim que ouviu falar sobre a perda dessa

famosa peça de artilharia, ordenou que eu fosse decapitado. Disso fui imediatamente informado por uma das sultanas, de quem me tornara grande favorito, e ela me escondeu em seus aposentos enquanto o oficial encarregado da execução saía, com seus auxiliares, no meu encalço.

Nessa mesma noite, fugi, embarcando em um navio que partia para Veneza e começava a içar âncora a fim de prosseguir rumo ao seu destino.

Essa última história, cavalheiros, não me agrada relatá-la, uma vez que fracassei em meu intento e quase perdi a vida. No entanto, como não acarretou mácula à minha honra, não poderia deixar de contar.

Muito bem, cavalheiros, todos me conhecem e não podem pôr em dúvida minha veracidade. Em seguida, vou entretê-los com a história da origem do mesmo fanfarrão e exagerado Tott.

Supostamente, o pai dele era originário de Berna, na Suíça, e tinha como ocupação supervisionar ruas, travessas e aleias, ou seja, exercia a função vulgarmente conhecida como gari. Já a mãe nascera nas montanhas da Savoia e exibia um belo e volumoso cisto no pescoço, algo comum a ambos os sexos naquela parte do mundo. Enquanto solteira, ela se sustentara graças a atos de bondade para com o sexo oposto, pois nunca se soube que recusasse favores solicitados por um homem, desde que este a compensasse antes. Foi por acidente que eles se conheceram na rua: ambos sob o efeito da bebida, cambaleando e buscando se manter de pé, derrubaram um ao outro. Isso resultou em uma série de xingamentos mútuos, dos quais os dois eram adeptos. Foram levados até o posto da guarda e, em seguida, à casa de correção. Logo se deram conta da insensatez da briga e fizeram as pazes, terminaram por gostar um do outro e se casaram. A madame, porém, não demorou a retomar os velhos hábitos e, com isso, o pai, que possuía noções rígidas de honra, preferiu separar-se dela. Em seguida, ela juntou-se a uma família que perambulava de uma cidade a outra com um espetáculo de marionetes. Tempos depois, chegou a Roma, onde tinha uma barraca de ostras.

Bem, como já devem ter ouvido, o papa Ganganelli, chamado também de Clemente XIV, era conhecido pelo entusiasmo com que se devotava às ostras. Certa vez, na Sexta-Feira da Paixão, ao cruzar a famosa cidade em uma procissão, a fim de celebrar a missa na igreja de São Pedro, ele avistou as ostras dessa mulher (que eram de extraordinária qualidade e frescor). Simplesmente, tornou-se impossível seguir adiante sem antes prová-las. Havia cerca de cinco mil pessoas em sua comitiva. Pois bem. Ele ordenou que todos parassem e mandou

um mensageiro à igreja para dizer que poderia celebrar a missa somente no dia seguinte. Desceu do cavalo (pois o papa sempre vai montado nessas ocasiões), dirigiu-se à barraca, ali devorou todas as ostras expostas e mais tarde retirou-se a um celeiro onde a mulher guardava mais ostras. Esses aposentos subterrâneos serviam a ela de cozinha, sala e quarto de dormir. O papa apreciou tanto a situação que dispensou todos os acompanhantes e, para resumir a história, Sua Santidade ali passou a noite toda! Antes de se separarem na manhã seguinte, ele não só a absolveu dos pecados que havia cometido, como também daqueles que viria a cometer.

Ora, cavalheiros, eu ouvi da própria mãe do Barão de Tott (e não há como duvidar da palavra dela) que ele é fruto desse amour. Quando Tott veio ao mundo, a mãe procurou Sua Santidade, uma vez que ele era o pai de seu filho. Sem titubear, o papa o colocou sob os cuidados das pessoas apropriadas e, à medida que o menino crescia, fez com que recebesse a formação de cavalheiro, aprendesse a usar armas, cuidou para que fosse nobilitado na França e, ao morrer, ainda lhe deixou uma boa herança.

XV

Omiti várias partes importantes na travessia que meu pai fez pelo canal da Mancha até a Holanda, de modo que não se percam por completo, reproduzo-as com fidelidade com as próprias palavras usadas por ele, tal como ouvi várias vezes enquanto ele as relatava aos amigos.

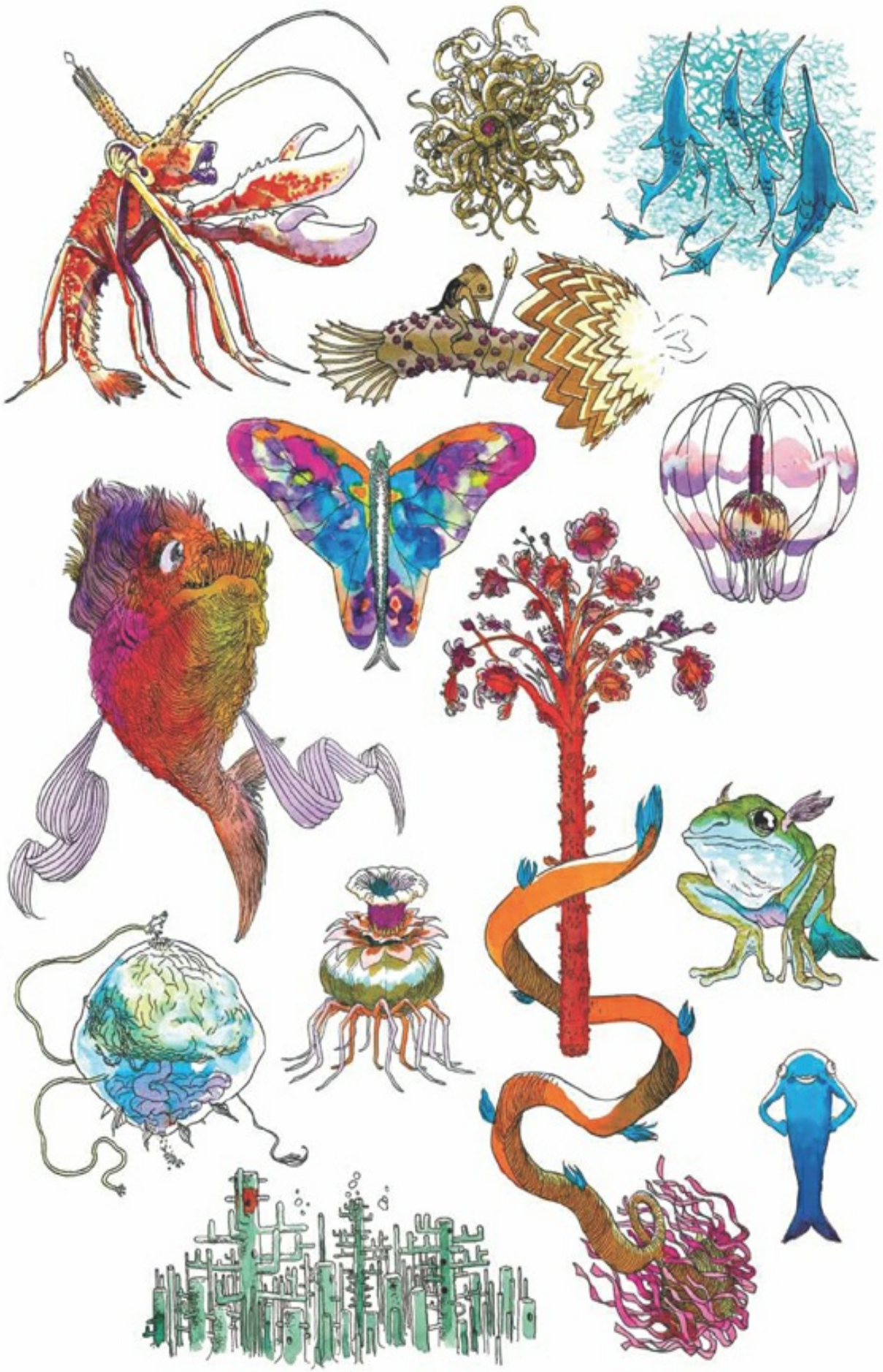
"Ao chegar a Helvoetsluys", contava meu pai, "viram que eu respirava com certa dificuldade. Quando os moradores me perguntaram o motivo, informei-lhes que o animal sobre cujo dorso cavalgara desde Harwich até aquela praia não nadava! O cavalo tinha forma e disposição tão peculiares que não podia flutuar nem se mover na superfície da água. Ele corria com incrível rapidez desde a areia da praia, impulsionando milhões de peixes à frente, muitos dos quais completamente diferentes de tudo o que vi antes, exibindo a cabeça na extremidade da cauda."

"Atravessei", prosseguia, "uma cadeia descomunal de montes rochosos, tão altos quanto os próprios Alpes (dizem que os cumes ou pontos mais elevados dessas montanhas marinhas se encontram mais de uma centena de braças embaixo da superfície do mar), em cujas encostas se via enorme variedade de árvores nobres e imponentes, carregadas de frutos do mar, como lagostas, siris, ostras, vieiras, mexilhões, berbigões etc. etc., alguns tão grandes que tinham de ser transportados cada qual em uma carroça! e todos precisavam de pelo menos um carregador! Todos esses frutos do mar que são trazidos em terra e vendidos em nossos mercados pertencem a uma variedade anã e inferior, ou, propriamente, a cascatas, isto é, como aqueles frutos caídos dos ramos das árvores em que crescem devido ao movimento da água, assim como em nossos jardins os frutos são derrubados pelo vento! As árvores de lagostas pareciam ser as mais abundantes, mas as de siris e ostras eram as mais altas. A litorina é uma espécie de arbusto que cresce aos pés da árvore-ostra, e nela se enrosca como a hera ao redor do carvalho. Constatei o efeito de vários acidentes por naufrágio etc., em especial de um navio que afundara após bater em uma montanha ou um rochedo, e cujo topo estava a apenas três braças da superfície. Ao afundar, ele se inclinou para um dos lados e deslocou uma árvore-lagosta descomunal. Era primavera, quando as lagostas ainda estão jovens, e muitas acabaram dispersas pela violência do choque e tombaram sobre uma árvore-siri que crescia mais embaixo. E elas, tal como o pólen entre as plantas, se uniram e geraram um peixe que se assemelhava a ambas. Fiz todo o possível para trazer um deles comigo, mas era desajeitado demais, e meu Pégaso das águas salgadas mostrou-se muito irritado com todas as minhas tentativas de interromper a sua carreira enquanto o cavalgava. Além disso, então eu estava, ainda que galopando sobre

uma montanha rochosa que se estendia no centro da passagem, pelo menos quinhentas braças abaixo da superfície do mar, e começou a me parecer cada vez mais inconveniente a falta de ar, e isso encerrou qualquer intenção que tivesse de prolongar mais o meu tempo ali. Além disso, em outros aspectos era bastante desagradável a minha situação: encontrei muitos peixes de grande porte que estavam, pelo que pude julgar das bocarras abertas, não só aptos como na verdade extremamente desejosos de nos devorar; e, como era cego meu Rocinante, não foi nada fácil me esquivar das tentativas de ataques daqueles cavalheiros esfomeados, ao mesmo tempo que enfrentava tantas outras dificuldades.

Ao nos aproximarmos do litoral holandês, com a coluna de água acima das nossas cabeças não excedendo trinta braças, avistei uma figura humana com vestido feminino, estendida na areia diante de mim e exibindo sinais de vida. Ao me aproximar, notei que se movia e, assim, tomando-a pela mão, levei até a praia o corpo dela inanimado. Um farmacêutico, que acabara de ser formado pelo dr. Hawes, de Londres, tratou-a com dedicação e ela se recuperou. Era a esposa de um indivíduo que comandava um barco pertencente a Helvoetsluys. Ele estava justamente deixando o porto para iniciar a viagem quando ela, ao saber que estava acompanhado de uma amante, não pensou duas vezes em persegui-lo em um bote aberto. Assim que subiu ao tombadilho superior, lançou-se sobre o marido, tentando golpeá-lo com tal ímpeto que ele achou mais prudente afastar-se para o lado, deixando que os dedos dela marcassem antes as ondas do que seu rosto. Quanto a avaliar as consequências, essa não era a característica mais destacada do sujeito. Assim, sem encontrar oposição, ela avançou diretamente por sobre a amurada, e coube ao meu destino infeliz assegurar uma nova reunião do feliz casal.

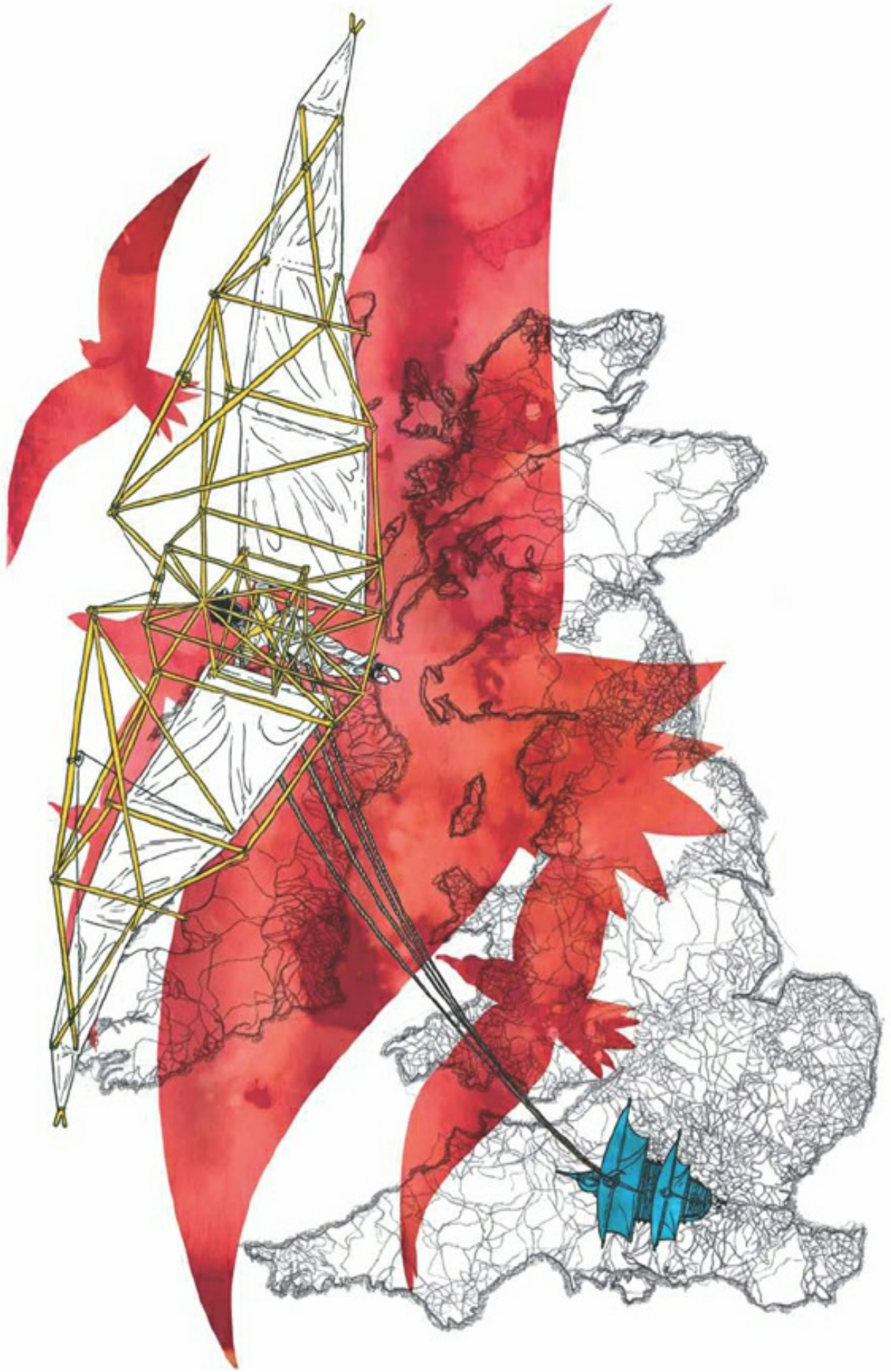
Não é difícil imaginar os insultos com que me alvejou o marido quando, ao retornar, encontrou à sua espera a gentil criatura, e soube de que maneira ela havia retornado ao mundo. Contudo, por maior que tenha sido a minha injúria ao pobre-diabo, espero que antes de morrer ele seja caridoso comigo, pois meus motivos foram bons, ainda que para ele, é preciso confessar, as consequências tenham sido horrendas."



XVI

Ao retornar de Gibraltar, viajei pela França com destino à Inglaterra. Sendo estrangeiro, isso não me poupou de certo mal-estar. No porto de Calais, vi um navio recém-fundeado que trazia diversos marinheiros ingleses como prisioneiros de guerra. Sem hesitar, ocorreu-me uma ideia para restituir a liberdade àqueles valorosos indivíduos, e a coloquei em prática da seguinte forma: depois de montar um par de grandes asas, cada qual com quase quarenta jardas de comprimento e catorze de largura, as prendi em mim mesmo e alcei voo ao romper o dia, quando todas as criaturas, até os vigias nos tombadilhos, estavam mergulhados em sono profundo. Enquanto pairava sobre o navio, com a ajuda da minha famosa funda, prendi três ganchos de ferro nas pontas dos três mastros e, em seguida, ergui o barco várias jardas acima da água, carregando-o assim através do canal até Dover, aonde cheguei em meia hora! Sem outra utilidade para as asas, fiz questão de com elas presentear o governador do castelo de Dover, onde hoje podem ser vistas pelos curiosos.

Quanto aos prisioneiros, e aos franceses que os mantinham sob guarda, todos começaram a acordar depois de estarem por quase duas horas já em segurança no cais de Dover. Assim que se deram conta da nova situação, os ingleses tomaram os lugares de seus guardiões e também recuperaram tudo o que lhes havia sido roubado, mas nada além, pois eram generosos demais para retaliações e para saquear os franceses por vingança.



XVII

Em viagem que fiz às Índias Orientais na companhia do capitão Hamilton, levei comigo o meu cão pointer predileto; recorrendo a uma expressão comum, ele valia o seu peso em ouro, pois jamais me decepcionou. Certa vez, quando estávamos distantes pelo menos trezentas léguas da costa, de acordo com as melhores observações que podíamos fazer, o cão farejou algo; inquieto, fiquei a observá-lo por quase uma hora e não pude deixar de mencionar o fato ao capitão e a todos os oficiais de bordo, insistindo que deveríamos estar perto da costa, já que era evidente que o cão havia farejado caça. Isso foi motivo geral de riso, mas não afetou em nada a boa opinião que eu tinha do meu cão. Após muito tempo discutindo os prós e os contras, ousadamente declarei ao capitão que depositava mais confiança no nariz de Tray do que nos olhos de qualquer marujo a bordo e em seguida propus que apostássemos o mesmo valor que eu pagaria pela travessia, como havíamos acertado (ou seja, cem guinéus), de que toparíamos com alguma caça no prazo máximo de meia hora. O capitão (um sujeito afável e simpático) deu outra gargalhada e pediu para que o cirurgião, o sr. Crowford, se preparasse para avaliar o meu pulso e me examinar; após fazer isso, ele constatou que eu estava em perfeitas condições de saúde mental. Entre os dois travou-se o seguinte diálogo, que entreouvi, ainda que sussurrassem, de alguma distância:

CAPITÃO: Ele não está raciocinando direito; minha honra não permite aceitar a aposta.

CIRURGIÃO: Penso de outro modo. Creio que guarda a sua plena sanidade mental, porém confia mais no faro do cão do que no juízo dos oficiais a bordo. Sem dúvida, vai perder a aposta, e bem merece isso.

CAPITÃO: Para mim, não seria nada justo esse tipo de aposta. De todo modo, vou aceitá-la e, se for o caso, devolvo-lhe o dinheiro.

Durante a conversa, Tray continuava na mesma posição, deixando-me ainda mais convencido de minha opinião inicial. Mais uma vez voltei a sugerir a aposta, que foi então aceita.

Combinado! Combinado! Mal essas palavras foram pronunciadas por ambos os lados, alguns marinheiros, que estavam pescando na lancha, atada à popa do navio, arpoaram um tubarão descomunal, que foi içado a bordo e retalhado com o objetivo de aproveitar o óleo. Foi então que, para surpresa de todos, encontraram nada menos do que seis pares vivos de perdizes no estômago desse

animal!

Por tanto tempo estavam as aves naquela situação que uma das fêmeas chocava quatro ovos, e um quinto estava prestes a eclodir no momento em que o tubarão foi desventrado! A avezinha recém-nascida foi colocada junto a uma ninhada de gatos que chegaram ao mundo poucos minutos antes! A velha gata a tratou com tanto carinho quanto a qualquer um de seus filhotes quadrúpedes, e mais tarde foi tomada de imensa tristeza quando a ave saiu voando, só se recuperando ao vê-la retornar. Quanto às outras perdizes, havia entre elas quatro fêmeas, e sempre uma, ou mais, estava chocando, por isso pudemos contar com abundante caça à mesa do capitão. E, em agradecimento ao pobre Tray (que me levou a ganhar cem guinéus), fiz com que lhe dessem os ossos todos os dias e, de vez em quando, até mesmo uma ave inteira.

XVIII UMA SEGUNDA VIAGEM À LUA

Já contei de uma viagem que fiz à Lua, quando tive de buscar o meu machado de prata, porém, em outra ocasião, tive oportunidade de lá retornar em condições bem mais agradáveis, durante uma estada longa o bastante para notar várias particularidades, e vou me empenhar em descrevê-las do modo mais preciso que me permite a memória.

Parti em viagem de descoberta a pedido de um parente distante, que sustentava a curiosa ideia de que seria possível encontrar gente de tamanho equivalente ao dos indivíduos descritos por Gulliver no império de Brobdingnag. Para mim, esse relato sempre me pareceu fantasioso. Porém, para agradar a esse parente, que me fizera seu herdeiro, empreendi a viagem, navegando rumo aos mares do Sul, aonde chegamos sem nada encontrar de extraordinário, com exceção de homens e mulheres voadores que brincavam de jogar pula-carniça e dançavam minuetos em pleno ar.

No décimo oitavo dia de viagem, depois de termos passado pela ilha de Otaheite, ou Taiti, mencionada pelo capitão Cook como o local de onde trouxeram o famoso indígena Omai, um furacão lançou o barco pelo menos mil léguas acima da superfície da água e o manteve nessas alturas até que novos ventos enfunassem por completo as velas, impulsionando o barco para frente a uma velocidade descomunal. Assim navegamos nessa região acima das nuvens durante seis semanas. Até que por fim topamos com uma grande terra no céu, como uma ilha reluzente, circular e brilhante, onde, aproximando por um porto seguro, pudemos desembarcar e logo constatamos que era habitada. Abaixo de nós avistamos outra terra, que continha cidades, árvores, montanhas, rios, mares etc. – que, especulamos, devia ser este mesmo mundo nosso que havíamos deixado para trás. Ali onde estávamos, vimos enormes figuras cavalgando abutres de dimensões descomunais, cada um com três cabeças. Para que façam uma ideia da magnitude dessas aves, tenho de lhes dizer que cada uma de suas asas é tão larga e seis vezes mais longa do que a lona da vela principal de nossa embarcação, que chegava a deslocar cerca de seiscentas toneladas. Desse modo, em vez de montar cavalos, como fazemos neste mundo, os habitantes da Lua (pois soubemos que estávamos em Madame Luna) esvoaçam de um lado a outro nessas aves. E ficamos sabendo que o rei da Lua estava empenhado em uma guerra contra o Sol e me ofereceu uma patente, mas recusei a honraria com que Sua Majestade me reconheceu.

Tudo nesse mundo tem dimensões extraordinárias! Uma mosca comum ali é

muito maior do que qualquer de nossas ovelhas. Quando travam combates, suas armas principais são os rabanetes, usados como dardos, os quais se mostram fatais ao ferir o adversário. Para proteger-se, usam escudos de cogumelos e, no ataque, pontas de aspargos afiadas como dardos (sempre que não é a época do rabanete). Alguns nativos da estrela Cão Maior podem ser vistos perambulando por lá, atraídos pelas possibilidades do comércio; suas aparências são como de imensos mastins, com os olhos próximos da parte inferior ou da ponta dos focinhos; e, como não têm pálpebras, usam a extremidade da língua para cobrir os olhos quando querem adormecer; em geral, têm nada menos do que vinte pés de altura. Já os nativos da Lua, nenhum deles tem menos de trinta e seis pés de estatura: não são chamados de seres humanos, e sim de animais cozinheiros, pois todos preparam os alimentos no fogo, como nós, mas, por outro lado, não desperdiçam tempo com as refeições, visto que usam uma abertura no lado esquerdo do corpo para, de uma vez só, levar ao estômago todos os alimentos, fechando-a em seguida até o mesmo dia no mês seguinte. O fato é que nunca se satisfazem com alimentos mais do que doze vezes por ano, ou em apenas uma ocasião por mês. E todos, com exceção dos glutões e dos gourmets, devem preferir tal método ao nosso.

Não há na Lua mais de um gênero, seja dos animais cozinheiros seja dos demais lunarianos. Todos nascem em árvores de copas e tamanhos variados. Aquela árvore que dá o animal cozinheiro, ou espécie humana, é muito mais bela que as outras: tem galhos grandes e retos e folhas cor de carne; os frutos que produz são nozes ou vagens, com cascas duras que medem no mínimo duas jardas; quando ficam maduros, isto é, quando mudam de cor, são colhidos com todo cuidado e postos de lado pelo tempo que for necessário. E quando decidem dar vida às sementes dessas nozes, estas são jogadas em um grande caldeirão com água fervente, o que, após algumas horas, faz com que se abram as cascas e delas saiam as criaturas.

A Natureza dá forma à essência deles para diversas tarefas antes mesmo de virem ao mundo: de uma casca salta um guerreiro, de outra um filósofo, da terceira um teólogo, da quarta um advogado, da quinta um lavrador, da sexta um palhaço, e assim por diante. Sem perder um instante, cada um principia a se aperfeiçoar, colocando em prática aquilo que antes sabiam apenas em teoria.

Quando envelhecem, eles não morrem: dissipam-se no ar, dissolvem como se fossem fumaça! No que se refere às bebidas, não conhecem nenhuma; as únicas excreções são imperceptíveis, ocorrem junto com a expiração. Não possuem mais do que um dedo em cada mão, com o qual realizam tudo tão perfeitamente quanto nós, com nossos quatro além do polegar. As cabeças ficam

embaixo do braço direito e, quando têm de viajar ou fazer um exercício mais forte, preferem deixá-las em casa. Essa é uma prática muito comum, e sempre que os indivíduos de posição e caráter entre os lunarianos se dispõem a ir ver o que se passa entre a gente comum, eles ficam em casa, isto é, os corpos permanecem em casa e são enviadas apenas as cabeças, que podem guardar sigilo e circular à vontade sem serem reconhecidos para voltarem com um relato do que ocorreu.

Na Lua, os caroços das uvas são muito parecidos com granizo; e estou perfeitamente convicto de que, quando uma tempestade ou uma ventania sacode as vinhas, e arranca as uvas dos caules, essas pedras caem e formam nossas saraivadas. E aconselho os que também são dessa opinião que guardem um tanto dessas pedras na próxima chuva de granizo para preparar com elas o vinho lunariano. Essa é uma bebida comum no veranico de outubro. Estava quase me esquecendo de outros fatos. Os habitantes da Lua usam a barriga tal como fazemos com um saco, e ali guardam o que for mais conveniente, pois podem fechá-la e abri-la à vontade, exatamente como fazem com o estômago. Também não são incomodados por intestinos, fígado, coração ou nenhuma outra entranha, nem se preocupam com roupas; tampouco a exibição de alguma parte de seus corpos é inadequada ou indecente.

Quanto aos olhos, podem tirá-los e colocá-los de suas órbitas quando quiserem, e usá-los para ver em qualquer posição, seja nas mãos, seja na cabeça! E se, por acidente, perdem ou estragam um deles, podem tomar emprestado ou adquirir outro e por meio dele enxergar com tanta clareza como se fossem os próprios olhos. Os mercadores de olhos são encontrados em diversas partes da Lua, e nesse assunto todos ali revelam seus caprichos: há épocas em que a moda são os olhos esverdeados, outras em que todos pendem para os amarelados.

Sei bem que tudo isso deve parecer muito estranho. Porém, se a sombra de uma dúvida restar no espírito de alguém, a solução é simples: que ele próprio faça essa viagem, pois vai então constatar o quão fiel à verdade sou como viajante.

XIX

Minha primeira visita à Inglaterra foi no princípio do reinado do atual soberano. Tive a oportunidade de conhecer o bairro de Wapping, ao acompanhar o embarque de alguns bens que estava enviando a amigos em Hamburgo. Resolvido esse assunto, tomei o cais da Torre em meu caminho de volta. O sol estava muito forte, e me senti tão exausto que subi em um dos canhões para me recuperar, e ali mesmo acabei pegando no sono. Era 4 de junho, por volta das doze horas. Exatamente uma hora depois, aqueles canhões seriam disparados em homenagem à ocasião. Todos os canhões haviam sido carregados naquela manhã e, como ninguém notou a minha presença, fui lançado sobre as casas na outra margem do rio, no terreiro de um lavrador, entre os bairros de Bermondsey e Deptford, onde tombei sobre uma grande pilha de feno, ainda dormindo, e ali continuei a roncar profundamente até o preço do feno atingir um nível tão extravagante (o que se deu cerca de três meses depois) que o lavrador achou mais vantajoso enviar todo o seu estoque ao mercado. E o monte sobre o qual eu repousava era o maior do terreiro, continha mais de quinhentos fardos, e foi por ali que começaram o trabalho. Acordei com as vozes das pessoas que subiam por escadas a fim de começar pelo topo e me levantei, ignorando por completo o que ocorrera. Ao tentar me afastar, caí sobre o lavrador que era dono de todo aquele feno, quebrando-lhe o pescoço, mas sem me ferir. Mais tarde, para meu consolo, soube que o sujeito era absolutamente detestável, sempre guardando o produto de sua terra para vendê-lo com mais lucro em épocas de carestia.

XX

As Viagens à Sicília, do sr. Drybones, que li com enorme prazer, levaram-me a fazer uma visita ao monte Etna, e a minha viagem a esse local não faltaram histórias cujo relato vale a pena ser feito. Certa manhã, bem cedo, três ou quatro dias depois de minha chegada, saí do chalé em que passara a noite, a seis milhas do sopé da montanha, decidido a explorar as partes internas do vulcão, mesmo correndo o risco de morrer durante a tentativa. Após três horas de grande esforço, alcancei o topo do monte; então este estava, já havia três semanas, em erupção. Nessa condição, sua aparência foi inúmeras vezes descrita por diversos viajantes, e não pretendo aqui cansá- -los com relatos de assuntos com os quais estão familiarizados. Caminhei em volta da borda da cratera, que parecia ser pelo menos cinquenta vezes mais ampla do que a Poncheira do Diabo, perto de Petersfield, no caminho para Portsmouth, embora não tão larga no fundo, pois mais se assemelha a um funil que se estreita do que a uma poncheira. Então, tomada a decisão, pulei de pé e logo me vi sobre um leito quente, com o corpo ferido e queimado em diversos pontos por brasas incandescentes, as quais, em seu vigoroso movimento de subida, se opunham à minha queda. No entanto, meu peso acabou me levando ao fundo, onde me achei no meio de barulhos e clamores, mesclados às mais horrendas maldições. Depois de recobrar a presença de espírito, e sentindo a dor diminuir, comecei a espreitar ao redor. Adivinhem, cavalheiros, meu assombro ao constatar que estava na companhia de Vulcano e de seus Ciclopes, que vinham discutindo, durante as três semanas antes mencionadas, sobre cumprimento de ordens e obediência, uma discussão que ecoava de forma alarmante durante o mesmo período no mundo da superfície mais acima. A minha chegada, porém, restaurou a paz de toda a sociedade local, e o próprio Vulcano honrou-me com a aplicação de curativos nos meus ferimentos, que curaram de imediato. Também me ofereceu bebidas para me recuperar, em especial néctar e outros vinhos saborosos, do tipo a que podem beber apenas os deuses e as deusas. Assim que se concluiu esse repasto, Vulcano ordenou a Vênus que me concedesse todo o bem-estar que pedia a minha situação. Descrever os aposentos e o leito no qual me recuperei está além da minha capacidade que nem sequer vou me aventurar a tanto; basta dizer que ultrapassa a capacidade que tem a língua de fazer justiça, ou de falar dessa deusa de bom coração em qualquer termo que se equipare aos seus méritos.

Vulcano fez um relato bastante conciso do monte Etna: disse que nada mais era do que o acúmulo das cinzas originárias da sua forja; e que muitas vezes ele se via forçado a castigar seu pessoal, contra quem, tomado pelas paixões, costumava atirar brasas incandescentes, muitas vezes desviadas com destreza e que assim acabavam lançadas ao alto e para o mundo, de modo que ficassem fora

do alcance de Vulcano. Algo que nunca tentavam era lançar as brasas de volta e contra o deus. “Nossas discussões”, acrescentou ele, “às vezes duram de três a quatro meses, e o aparecimento de brasas ou cinzas no mundo é o que vocês, mortais, chamam de erupções.”

Sob o monte Vesúvio, ele me assegurou, ficava outra de suas oficinas, à qual tinha acesso por um túnel que se estendia por trezentas e quarenta léguas sob o leito do mar, e ali também discussões resultavam em erupções similares. Eu deveria ter permanecido ali como humilde criado de Madame Vênus, mas alguns tagarelas ociosos, que gostam de uma maldade, sussurraram histórias ao pé do ouvido de Vulcano, o que nele despertou um surto irrefreável de ciúme. Certa manhã, sem nenhum aviso prévio, enquanto eu esperava por Vênus como sempre fazia prazerosamente, ele me colocou sob seu braço e me levou a aposentos em que jamais estivera, no qual havia o que parecia ser um “poço” de boca bem larga. E, de braço estendido, segurou-me sobre o poço, enquanto dizia: “Ingrato mortal, volte ao mundo do qual veio”, e, sem me dar a menor oportunidade de resposta, deixou-me tombar no buraco. Logo me vi descendo com velocidade acelerada, até que o horror tomou conta de mim e impediu qualquer outro pensamento. Imagino que tenha entrado em transe, do qual de repente fui despertado ao mergulhar em um imenso corpo d’água iluminado pelos raios do sol!

Desde pequeno, nado muito bem e sou capaz de grandes proezas aquáticas. Então me descobri no paraíso, visto que tinha recentemente passado por poucas e boas. Após examinar ao redor por um tempo, nada consegui avistar além da imensidão do mar, estendendo-se para além do horizonte em todas as direções. Também notei que o clima era diferente e bem mais frio do que na oficina do mestre Vulcano. Por fim, notei a certa distância um corpo de assombrosa dimensão, como um enorme rochedo, aproximando-se de mim, e percebi que se tratava de um bloco de gelo flutuante. Nadei em direção a ele até achar um local que me permitisse escalar até o topo, o que fiz, com muita dificuldade. Ainda assim continuava sem avistar sinal de terra, e o desespero voltou a tomar conta de mim com força redobrada. Mas, antes de cair a noite, avistei uma vela, da qual nos aproximamos velozmente. Quando chegamos bem perto, gritei em alemão e responderam em holandês. Então atirei-me ao mar e agarrei a corda que jogaram na minha direção e, com a ajuda dela, subi a bordo. Perguntei onde estávamos e me informaram que aquele era o grande oceano Meridional, descoberta que afastou todas as minhas dúvidas e dificuldades. Era óbvio que eu havia passado pelo monte Etna, atravessado o centro da Terra e chegado aos mares do Sul. Esse, cavalheiros, é um trajeto bem mais curto do que a volta ao mundo, e que nenhum outro homem havia percorrido, nem mesmo tentado,

além de mim. No entanto, na próxima vez em que percorrer esse caminho, serei mais minucioso em minhas observações.

Depois de comer e beber, fui descansar. Os holandeses são um tipo de gente muito rude: contei aos oficiais minha passagem pelo Etna, exatamente como fiz para vocês, e alguns deles, em especial o capitão, deixaram evidente por caretas e meias palavras que duvidavam de mim. Porém, como havia me aceitado de bom grado a bordo do navio, e ainda continuava a cuidar do meu bem-estar, o capitão não teve outra saída senão engolir a afronta.

Por minha vez, passei a indagar sobre o destino deles. E me informaram que estavam em busca de novas descobertas. "E se", prosseguiram, "a sua história é de fato verdadeira, trata-se da descoberta de uma nova passagem, e com isso não vamos retornar de mãos vazias." Estávamos exatamente no trajeto inicial do capitão Cook e, no dia seguinte, atracamos na baía de Botany. Esse é um lugar que eu jamais recomendaria ao governo inglês como adequado para o envio de delinquentes, ou como local de correção. Em vez disso, deveria ser uma recompensa para o mérito, tal a abundância de dádivas ali acumuladas pela Natureza.

Ali permanecemos não mais do que três dias. Depois de levantarmos âncora, no quarto dia, desencadeou-se a mais medonha tempestade, que em poucas horas destruiu todas as nossas velas, rachou o mastro da proa e derrubou o mastaréu da gávea. Este caiu diretamente sobre o estojo onde ficava a bússola, e tanto o estojo como a bússola se estilhaçaram. Todos os que já estiveram no mar sabem as consequências de um infortúnio assim: estávamos sem saber para onde seguir. Por fim a tempestade abrandou, seguida por uma ventania constante e forte, que nos impulsionou a pelo menos quarenta nós por hora durante nada menos do que seis meses! (Ou seriam dias?) Aí começamos a notar uma assustadora mudança ao redor: nossos espíritos ficaram mais aliviados, os narizes regalados com os perfumes mais aromáticos que se podem imaginar. O próprio mar mudara de aparência, e de esverdeado tornou-se esbranquiçado! Pouco depois dessas alterações fantásticas, avistamos terra, e não muito longe uma enseada. Entramos nela quase sessenta léguas e vimos que era ampla e funda, repleta do mais delicioso leite. Ali desembarcamos, e nos demos conta de que a ilha era um único e imenso queijo. Descobrimos isso quando um dos tripulantes desmaiou assim que pusemos os pés em solo firme: esse sujeito sempre tivera aversão a queijo e, quando recobrou os sentidos, implorou que retirassem o queijo de debaixo de seus pés. Os exames que fizemos a seguir comprovaram que ele estava absolutamente certo, pois a ilha inteira, como foi dito, não passava de um queijo com dimensões extraordinárias! Dela os habitantes, que eram

incrivelmente numerosos, extraíam o principal sustento – e toda noite o queijo cresce na mesma proporção em que é consumido ao longo do dia. Parecia haver uma profusão de parreiras, com cachos de suculentas uvas, as quais, quando prensadas, nada mais produziam além de leite. Vimos como os moradores locais disputavam corridas sobre a superfície leitosa: eram figuras eretas e bem-apessoadas, com nove pés de altura, três pernas e um único braço. De modo geral, suas feições eram graciosas e, quando brigavam, punham em uso um corno reto, que nos adultos cresce no centro da testa, de maneira bem elegante. E não afundavam: corriam e caminhavam sobre a superfície do leite, como fazemos sobre um gramado.

Nessa ilha de queijo, o trigo cresce de modo abundante, e suas espigas produzem crostas de pão, já prontas, de formato arredondado como o dos cogumelos. Em nossos passeios pela ilha de queijo, descobrimos dezessete outros rios de leite, assim como uma dezena de rios em que corria vinho.

Após trinta e oito dias de travessia, alcançamos o lado oposto daquele em que havíamos atracado. E topamos com um bolor azulado, como o denominam os comedores de queijo, de onde brotavam as mais diversas e saborosas variedades de frutas. Em vez de gerar ácaros, produzia pêssegos, nectarinas, damascos e milhares de frutas deliciosas de que não tínhamos conhecimento. Nessas árvores, que adquirem tamanhos inacreditáveis, havia incontáveis ninhos de aves, entre os quais um de martim-pescador, de tamanho sobrenatural: tinha uma circunferência pelo menos duas vezes maior que a cúpula da igreja de St. Paul, em Londres. Visto de perto, esse ninho era feito de imensos troncos de árvore curiosamente entrelaçados; e ali havia, deixem-me ver (pois faço questão de sempre me expressar de maneira comedida), até meio milhar de ovos acomodados no ninho, e cada qual tão grande quanto quatro barris de bebida, ou oito barriletes, e não só podíamos ver como mesmo ouvir os filhotes piando lá dentro. Tendo, após grande esforço, conseguido abrir um desses ovos, dele vimos sair um filhote sem plumas, consideravelmente maior do que vinte abutres adultos. E, assim que libertamos essa jovem ave, o velho martim-pescador se aproximou e, com uma de suas garras, arrebatou o nosso capitão, que tentava romper a casca do ovo, levando-o a uma altitude superior a uma milha, e depois o soltou lá de cima sobre a superfície do mar, mas não sem antes ter arrancado, com as suas asas, todos os dentes da boca do capitão.

Em geral, os holandeses são bons nadadores, e logo que o capitão se juntou a nós, retornamos à embarcação. No caminho de volta, seguimos por um trajeto diferente, no qual vimos muitos objetos estranhos. Abatemos dois bois selvagens, de um único chifre cada, tal como os moradores locais, com a diferença

de que nos bois o chifre brotava entre os olhos. Mais tarde ficamos preocupados com o fato de termos abatido esses animais, pois tomamos conhecimento, após pesquisar, de que essas criaturas eram domesticadas e usadas, assim como fazemos com os cavalos, como animais de montaria e de tiro; e a carne deles, fomos informados, é excelente, mas de pouca valia para gente que vivia de queijo e leite.

Quando nos restavam dois dias de viagem para alcançar o navio, notamos três indivíduos pendurados pelos calcanhares em uma árvore alta; ao perguntar sobre a causa daquela punição, soubemos que todos eram viajantes que, ao voltarem para casa, enganaram os amigos com a descrição de lugares que jamais haviam visitado e com o relato de eventos que jamais haviam ocorrido. Bem, isso nunca acontecerá comigo, pois sempre me atenho rigorosamente aos fatos.

Assim que retornamos ao navio, erguemos a âncora e estávamos partindo daquele país extraordinário quando, diante de nossos olhares atônitos, todas as árvores no litoral, e não eram poucas nem pequenas, nos prestaram homenagem – não apenas uma, mas duas vezes –, inclinando-se ao mesmo tempo, e sem demora retornando à postura anterior, bem ereta.

Pelo que pudemos saber desse queijo, ele era consideravelmente maior do que todo o continente da Europa!

Depois de navegar por três meses por lugares desconhecidos, pois ainda estávamos sem bússola, chegamos em um mar que parecia ser quase completamente escuro. E, quando provamos da água, vimos que se tratava de vinho da mais alta qualidade, e foi então muito difícil impedir que os marinheiros se embriagassem. No entanto, horas depois, nos encontramos rodeados por baleias e outros animais de dimensões imensas, um deles parecia ser grande demais para que pudesse ser avaliado pelo olho: só nos dávamos conta dele quando chegávamos perto. E esse monstro atraiu por sucção o nosso navio, com todos os mastros erguidos e as velas enfunadas, para dentro de sua boca imensa, por entre dentes que eram muito maiores e mais altos que o mastro de uma belonave de primeira linha. E depois de ficarmos por um tempo em sua boca, ele a abriu por inteiro, engoliu um descomunal volume de água, e assim fez com que a nossa embarcação, que pesava no mínimo quinhentas toneladas, descesse flutuando até seu estômago, onde permaneceu tão quieta quanto se tivesse lançado âncora em uma forte calmaria. Avistamos então inúmeros cabos, âncoras, botes e barcaças, bem como uma quantidade significativa de navios, alguns carregados e outros vazios, que haviam sido engolidos pela criatura. Tudo era feito à luz de tochas; não havia Sol, Lua ou planeta para observar no

firmamento. Todos nós em geral ficávamos flutuando e encalhados duas vezes por dia: sempre que o animal ingeria líquido, era maré alta para nós; quando ele evacuava, os barcos encalhavam. De acordo com um cálculo aproximado, em cada ocasião ele ingeria mais líquido do que em geral se encontra no lago de Genebra, ainda que este tenha mais de trinta milhas de circunferência.

Em nosso segundo dia de confinamento nesse lugar escuro, eu me arrisquei, durante a maré baixa, como dizíamos ao ver o navio tocar o fundo, a fazer uma excursão a pé com o capitão e alguns oficiais, todos levando tochas nas mãos. Acabamos por encontrar gente de todas as nações, em quantidade que ultrapassava dez mil indivíduos; e todos estavam empenhados em organizar uma reunião secreta para decidir como iriam recuperar a liberdade. Ali havia crianças que nunca avistaram nosso mundo, cujas mães deram à luz repetidas vezes naquela situação calorosa. Assim que o chefe da reunião secreta se preparava para discutir a questão que nos levara ali, essa catástrofe em forma de peixe sentiu sede e se pôs a beber com o costumeiro vigor. A água jorrou com tanta força que fomos todos obrigados a entrar de imediato nos barcos, sob o risco de morrer afogados; alguns tiveram até mesmo que nadar e quase perderam a vida. Poucas horas mais tarde, tivemos mais sorte, pois nos reunimos logo após o monstro ter feito suas necessidades. Dessa vez fui escolhido como líder: minha proposta inicial foi juntar dois mastros principais e, na próxima vez que ele abrisse a bocarra, deveríamos estar prontos para fincar ali os mastros de tal modo que ele não conseguisse mais fechá-la. A sugestão contou com aprovação de todos, e uma centena de homens robustos foi escolhida para realizar o serviço. Mal havíamos acabado de preparar e unir os mastros quando surgiu uma oportunidade. Assim que o monstro abriu a boca, o topo do mastro duplo foi fixado na parte superior da boca, enquanto a outra extremidade era fincada na língua do animal, o que de fato o impediu de fechar a boca. E quando no estômago todas as embarcações voltaram a flutuar, subimos em botes e, remando com muita força, conseguimos sair. Em seguida, a claridade do dia, passados três meses de confinamento na escuridão total, segundo os melhores cálculos, animou nossos espíritos. Tão logo nos livramos daquele imenso animal, vimos que uma frota reunida de noventa e cinco embarcações, vindas de todas as nações, tinham também ficado naquela situação de confinamento. Deixamos os dois mastros na boca do peixe, para impedir que outros ficassem presos naquele horrendo golfo de trevas e de imundície.

O primeiro objetivo foi então descobrir em que parte do mundo estávamos e por algum tempo tivemos dificuldades para determinar isso. Por fim descobri, com base em observações anteriores, que estávamos no mar Cáspio, que banha a costa dos tártaros calmucos! Como chegamos ali, é algo que não se

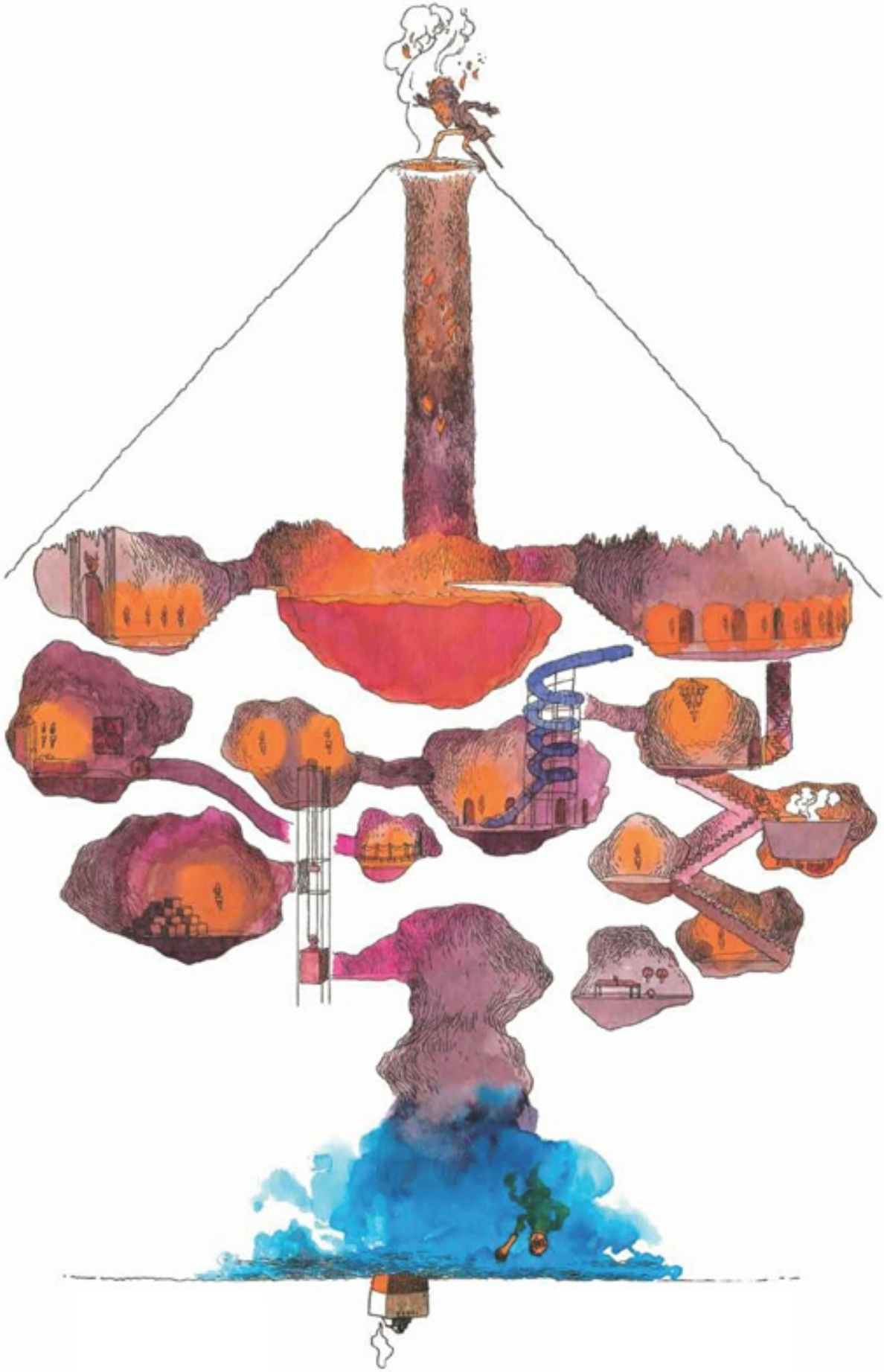
pode entender, uma vez que esse mar não se comunica com nenhum outro. Um dos habitantes da ilha do Queijo, que eu trouxera comigo, tentou explicar o fato dizendo que o monstro, em cujo estômago havíamos permanecido tanto tempo, nos levara até ali por uma passagem subterrânea. Enquanto isso, remávamos na direção da praia, onde fui o primeiro a desembarcar. Assim que pus os pés no chão, um grande urso avançou sobre mim com as patas dianteiras. Não tive outra saída senão agarrá-las em minhas mãos e as apertei com tanta força que ele berrou irritado – em vão, porque eu o mantive imobilizado nessa posição até que morresse de fome. Podem rir, cavalheiros, podem rir, mas não precisei de muito tempo para conseguir isso, pois o impedi de lamber as patas. E dali rumei, mais uma vez, para São Petersburgo, onde um velho amigo me presenteou com um excelente cão de caça, descendente daquela famosa cadela antes mencionada e que pariu uma ninhada enquanto perseguia uma lebre. Sofri a tristeza de ver esse cão morrer logo depois por um caçador trapalhão, que o alvejou em vez do bando de perdizes que acabara de mirar. Da pele desse animal mandei fazer este colete que estou usando, que sempre me leva contra a minha vontade à caça se caminho pelo campo na estação apropriada, e, quando chego à distância adequada para atirar, um dos botões salta e cai no local em que está o alvo. E quando as aves erguem voo, estando assim preparado e com a arma engatilhada, nunca perco o tiro. Restam-me apenas três botões no colete. Vou fazer com que seja costurado um novo conjunto antes do início da nova temporada de caça.

Quando um bando de perdizes é levantado desse modo, pela queda do botão, elas alçam voo em linha direta, uma após a outra. Certo dia, esqueci de tirar a vareta do cano da espingarda, e ele foi lançado diretamente através das aves, como se um cozinheiro as tivesse trespassado com um espeto. Como também esquecera de colocar chumbo, a vareta ficou de tal forma aquecida pela pólvora que as aves estavam perfeitamente assadas quando voltei para casa.

Desde o meu retorno à Inglaterra, realizei aquilo em que mais me empenhara, ou seja, cuidar do habitante da ilha do Queijo que trouxera comigo. Meu velho amigo, Sir William Chambers, que deve só a mim todas as suas ideias sobre a jardinagem chinesa, empregadas em uma descrição que lhe conquistou exaltada reputação; devo dizer, cavalheiros, que, em conversa que tive com esse cavalheiro, ele parecia muito incomodado com uma ferramenta para acender os lampiões na nova sede da Somerset House. Segundo ele, a maneira comum, usando escadas, era ao mesmo tempo inconveniente e pouco higiênica. Então veio à minha mente o nativo da ilha de Queijo. Ele tinha apenas nove pés de altura quando, graças a mim, aqui chegou pela primeira vez, mas crescera de tal modo que estava medindo dez pés e meio. Assim, eu o apresentei a Sir William, que o nomeou para tão meritória função. Para isso, ele deve carregar, sob ampla

capa, um utensílio em cada bolso do casaco, em vez daqueles quatro que Sir William, com muita propriedade, determinara para finalidades privadas em tão ilustre situação, o grande quadrângulo.

Ele também conseguiu que o sr. Pitt o nomeasse mensageiro para os lordes da câmara particular de Sua Majestade, e cuja principal função será, agora, divulgar os segredos da Casa Real ao digno patrão deles.



Na época do começo do reinado do atual soberano, eu tinha negócios a tratar com um parente distante que então morava na ilha de Thanet. Era uma questão familiar e não havia como resolvê-la rapidamente. Assim, durante a minha estada, sempre que fazia tempo bom, eu costumava sair para caminhar pela manhã. Após algumas dessas excursões, avistei um objeto sobre uma grande elevação, distante cerca de três milhas. Estendi a caminhada até lá, onde descobri as ruínas de um templo antigo. E foi com admiração e espanto que me aproximei dele: os resquícios ainda visíveis de grandeza e magnificência eram provas evidentes de seu antigo esplendor. Não pude deixar de lamentar a erosão e a devastação do tempo, das quais aquele edifício, antes nobre, era agora uma melancólica comprovação. Inúmeras vezes eu o rodeei, meditando sobre a natureza efêmera e passageira de todas as coisas vivas. Na lateral leste, viam-se as ruínas de uma torre imponente, com quase quarenta pés de altura, recoberta de hera, o topo aparentemente plano; eu a examinei de todos os lados com atenção, cogitando que, se conseguisse chegar ao topo, poderia desfrutar da mais deliciosa vista de toda a região ao redor. Animado por essa ideia, decidi que, se fosse possível, tentaria escalar a torre, o que de fato consegui graças à hera, mas não sem dificuldade nem perigo. E lá no alto constatei que tudo estava recoberto pela vegetação, com exceção de um imenso fosso no centro. Depois de examinar com maravilhamento as belezas artificiais e naturais que concorriam para enriquecer o cenário, a curiosidade me levou a sondar o buraco no centro. Queria saber o quão profundo era, pois me ocorrera a suspeita de que poderia se comunicar com alguma inexplorada caverna subterrânea na encosta; porém, sem achar uma maneira de averiguar tal informação, mal sabia como prosseguir. Depois de um tempo explorando a questão mentalmente, decidi lançar uma pedra nas profundezas e ouvir o eco. Encontrei uma pedra perfeita para isso e a coloquei sobre o buraco; mantendo um pé de cada lado, e me inclinando para não perder o menor som, deixei afinal tombar a pedra. Assim que terminei de fazer isso, ouvi uma crepitação mais embaixo e, de repente, uma águia monstruosa ergueu a cabeça bem diante do meu rosto e, subindo com uma força impressionante, me carregou sentado em seus ombros. Sem hesitar, agarrei-me ao pescoço dela, largo o bastante para prender meus braços, e vi que suas asas, quando estendidas, alcançavam dez jardas de uma ponta à outra. À medida que a ave subia de maneira firme e constante, percebi que estava confortável e que podia desfrutar a visão da paisagem com muito prazer.

Pairando sobre a área de Margate por um tempo, a águia foi vista por diversas pessoas, e também foi alvo de vários disparos. Uma dessas balas atingiu o salto do meu sapato, sem no entanto me causar nenhum ferimento. A ave então mudou de curso, rumo ao penhasco de Dover, onde pousou, e até considerei desmontar, mas não pude, pois um grupo de fuzileiros navais descarregavam seus mosquetões em nossa direção como exercício de batalha, da praia; as balas zuniram perto da minha cabeça e sacudiram as penas da águia como pedras de granizo, contudo não fomos alvejados. Rapidamente, a ave retomou altura e voou sobre o mar na direção de Calais, mas a uma altitude tão grande que o canal da Mancha parecia mais estreito que o Tâmisa correndo sob a ponte de Londres. Um quarto de hora depois, eu me vi pairando sobre um bosque fechado na França, do qual a águia se aproximou com muita rapidez, o que me levou a escorregar até a parte de trás de sua cabeça. Porém, quando pousou em uma imensa árvore e ergueu a cabeça, retomei a posição anterior, e não podia me soltar sem correr o risco de morrer na queda. Por isso, decidi me manter firme, considerando que a ave poderia me levar até os Alpes, ou a outra montanha alta, onde seria possível desmontar sem correr risco. Após descansar por alguns minutos, a ave se pôs a voar novamente, circulando o bosque por várias vezes e emitindo berros fortes o bastante para que fosse ouvida no outro lado do canal. Em poucos minutos, surgiu do meio da mata uma ave da mesma espécie e voou direto ao nosso encontro. Ela me examinou com óbvios sinais de desagrado e chegou bem perto de mim. Depois de juntas completarem vários círculos, ambas as águias tomaram o rumo sudoeste. Logo notei que ave que eu cavalgava não conseguia acompanhar o ritmo da outra, o tempo todo ela perdia altura, devido ao meu peso; ao perceber isso, sua companheira fez meia-volta e se colocou em uma posição em que a outra poderia apoiar a cabeça em sua cauda. Dessa maneira seguimos até o meio-dia, quando avistei com toda a nitidez o rochedo de Gibraltar. Como o dia estava muito claro, a despeito da grande altitude, a superfície da terra parecia exatamente como um mapa, em que a terra, o mar, lagos, rios, montanhas e outros acidentes se delineavam perfeitamente; e, como tinha certo conhecimento de geografia, não foi difícil para mim determinar que parte do mundo estávamos sobrevoando.

Enquanto contemplava aquela maravilhosa vista, um falatório incompreensível surgiu à minha volta, e em um instante fui atacado por uma miríade de pequenas criaturas escuras, deformadas e assustadoras, que arremetiam contra mim vindas de todos os lados e de tal maneira que eu não podia mover as mãos nem os pés. Porém, depois de sofrer o assédio delas por mais de dez minutos, a música mais deliciosa que se possa imaginar atingiu meus ouvidos, mas de repente ela se transformou no mais tremendo e medonho ruído, como se um tiro de canhão ou as mais violentas trovoadas não passassem de

suaves brisas ao anoitecer em relação ao mais assustador furacão. Entretanto, foi muito rápido e não teve nenhum efeito fatal, que certamente acompanharia seu prolongamento.

A música começou, e avistei grande quantidade das pequenas criaturas mais belas atacar as do outro grupo e lançá-las com violência em uma espécie de caixa de rapé, na qual ficaram presas, e uma delas desfez-se da caixa com extraordinária rapidez. Então, voltando-se para mim, disse que as outras criaturas eram um enxame de demônios que haviam escapado do local em que deviam permanecer; e que o veículo no qual foram confinadas se afastaria, sem diminuir a velocidade, por dez mil anos, quando então se romperia por si mesmo, e os demônios poderiam recobrar a liberdade e a capacidade mostrada pouco antes. Assim que concluiu essa explicação, a música cessou e todos desapareceram, deixando-me em um estado de espírito muito próximo dos confins do desespero.

Quando estava me recompondo um pouco, e pude com enorme prazer ver o que havia ao redor, notei que as águias estavam prestes a pousar no pico de Tenerife. Desceram até o cume do rochedo, mas, vendo que não seria possível escapar caso pretendesse desmontar, fiquei onde estava. As águias se acomodaram no pico, aparentemente exaustas, e o calor do sol fez com que elas caíssem no sono; não demorou muito para que também eu caísse sob o mesmo poder de fascinação. No frescor do começo da noite, quando o sol se esconde atrás do horizonte, fui despertado pelo movimento da águia; e, tendo me estirado sobre o dorso dela, me sentei e retomei a postura de viagem. Assim que ambas alçaram voo, assumiram a posição de antes e tomaram o rumo da América do Sul. A Lua brilhou esplendorosa durante a noite toda, permitindo que eu tivesse excelente vista de todas as ilhas daqueles mares.

Pouco antes de o dia nascer, chegamos ao grande continente da América, naquela parte denominada terra firma, e descemos até o cume de uma montanha muito alta. Nesse momento, a Lua, muito distante no Ocidente e escurecida por densas nuvens, iluminava apenas para que pudesse distinguir uma espécie de matagal ao meu redor, dando frutos parecidos com repolhos, que as águias devoraram com gulodice. Procurei ver melhor, mas a névoa e as nuvens de passagem me envolveram nas trevas mais espessas, e o que tornava a cena ainda mais chocante era o terrível uivo de bestas selvagens, algumas das quais pareciam estar bem próximas. Resolvi ficar onde estava, imaginando que a águia me levaria embora caso alguma das bestas se mostrasse hostil. Quando apareceu a luz do dia, quis examinar o fruto que as águias comeram, e alguns estavam pendentes de tal modo que não tive dificuldade para pegá-los, e cortar em fatias

com o canivete. No entanto, qual não foi minha surpresa ao notar que tinham aparência de rosbife, e ainda por cima com pedaços mesclados, alguns com gordura e outros sem! Provei um pouco e aquilo me pareceu bem temperado e delicioso; cortei várias grossas fatias e guardei-as no bolso, onde também achei uma crosta de pão que trouxera de Margate; ao tirá-la do bolso do paletó, surgiram de dentro três balas de mosquetão que se haviam incrustado no pão ao sobrevoarmos o penhasco de Dover. Depois de remover as balas, e cortar mais fatias, fiz uma nutritiva refeição de pão e fruto de rosbife. Em seguida, cortei dois dos maiores frutos que vi ao lado, e amarrei os dois com uma de minhas jarreteiras, e os pendurei no pescoço da águia para comer mais tarde, ao mesmo tempo que enchia os bolsos. Enquanto cuidava desses assuntos, notei uma fruta volumosa, parecida com uma bexiga estufada, que em mim despertou a vontade de usá-la como base para um experimento. Ao abri-la com o canivete, vi jorrar um licor refinado e puro, como gim da Holanda, sob o olhar atento das águias, que o beberam ali mesmo, do chão. Recortei a bexiga o mais rápido possível, e consegui salvar cerca de meio quartilho no fundo, que provei e não era diferente do melhor vinho de montanha. Bebi tudo o que havia e me senti bastante reanimado. Naquela altura, as águias começaram a cambalear em meio aos arbustos. Procurei me manter sentado, mas logo fui atirado a certa distância no mato. Ao tentar me levantar, apoiei a mão sobre um enorme porco-espinho, que por acaso estava reclinado de costas em meio à relva: de imediato ele se fechou em torno da minha mão, e eu não conseguia soltá-la. Golpeei várias vezes contra o solo, mas sem resultado. Enquanto estava ocupado com isso, ouvi um farfalhar no meio da folhagem e, erguendo os olhos, deparei com um animal enorme a apenas três jardas de mim. Não havia outra maneira de me defender além de estender as duas mãos, enquanto ele avançava sobre mim e agarrava justamente aquela na qual se enrodilhara o porco-espinho. Assim que minha mão ficou livre, saí correndo e, ao olhar para trás, o animal despencava no chão, exalando o último suspiro com o porco-espinho entalado na garganta. Passado o perigo, voltei para ver as águias e as encontrei dormindo na relva, completamente embriagadas em razão de todo o licor que haviam bebido. Na verdade, eu também estava bastante afetado por ele e, ao constatar que tudo estava tranquilo, saí à procura de mais frutas e logo as encontrei. Depois de cortar duas grandes bexigas, cada uma com cerca de um galão, eu as amarrei juntas e as pendurei do pescoço da outra águia; duas outras bexigas menores prendi com uma corda na minha própria cintura. Com um bom suprimento assegurado, e notando que as águias começavam a se recuperar, novamente me sentei no dorso de uma delas. Meia hora mais tarde, levantaram voo majestosamente daquele lugar, sem sequer se dar conta dos fardos que carregavam. As duas águias retomaram as posições de antes e seguiram rumo ao norte, atravessando o golfo do México, passando pela América do Norte e

seguindo diretamente para as regiões polares, o que me deu a melhor oportunidade possível de conhecer esse vasto continente.

Antes mesmo de entrarmos na zona gélida, o frio começou a me incomodar, mas, perfurando uma das bexigas, tomei um bom gole e constatei que, em seguida, o frio não me causava mais nenhum incômodo. Passando sobre a baía de Hudson, avistei diversos navios da Companhia ancorados, e muitas tribos de índios levando peles ao mercado.

Nessa altura, estava tão acostumado com o meu assento, e me tornara um ginete tão hábil, que conseguia ficar de tronco erguido e ver tudo o que se passava ao redor. Em geral, porém, preferia me estirar no pescoço da águia, agarrando-o com os braços, e com as mãos enterradas nas penas, a fim de mantê-las quentes.

Em tais climas gélidos, notei que as águias voavam mais rápido, de modo, suponho, a acelerar a circulação do sangue. Ao passarmos pela baía de Baffin, avistei a leste vários groenlandeses encorpados e muitas e surpreendentes montanhas de gelo flutuando nos mares.

Enquanto contemplava essas maravilhas naturais, pensei que era uma ótima oportunidade para descobrir a passagem pelo noroeste, se é que existia de fato, e com isso desfrutar não só da recompensa oferecida pelo governo, como também da honra de uma descoberta vantajosa para todas as nações da Europa. Porém, ainda absorto nesse agradável devaneio, acabei rudemente despertado quando a primeira águia bateu de cabeça contra uma substância sólida e transparente, e logo em seguida aconteceu o mesmo com a águia em que eu estava, e as duas começaram a cair, aparentemente mortas.

Aqui nossas vidas deveriam sem dúvida ter chegado ao fim, não fosse pelo senso de perigo e pela singularidade da minha situação, que me inspiraram certa habilidade e destreza que nos permitiram tombar perpendicularmente por quase duas milhas com tão pouca inconveniência quanto se tivéssemos descido por uma corda. Pois, assim que me dei conta de que as águias haviam se chocado contra uma nuvem de gelo, muito comuns na proximidade dos polos, o fato é que (estando ambas muito juntas) pude me estender no dorso da ave mais à frente, e agarrar-lhe as asas para mantê-las abertas, ao mesmo tempo que esticava as pernas para trás a fim de sustentar as asas da outra águia. Essa manobra deu certo, e pudemos pousar em segurança sobre uma montanha de gelo, que, segundo minhas estimativas, se elevava cerca de três milhas do nível do mar.

Depois de desmontar da águia, retirei o carregamento das águias, abri uma das bexigas e deixei as aves tomarem um pouco do licor, sem pensar nos horrores que tinha vivido. O rugido das ondas, os entrechoques do gelo e os uivos dos ursos formavam todos a cena mais horrível e tremenda. Além de tudo isso, minha preocupação com a recuperação das águias era tamanha que deixei de lado os perigos aos quais estava exposto. Após ajudar as aves, debrucei-me sobre elas tomado de dolorosa ansiedade, sentindo plenamente que era só por meio delas que poderia ser libertado daqueles grilhões do desespero.

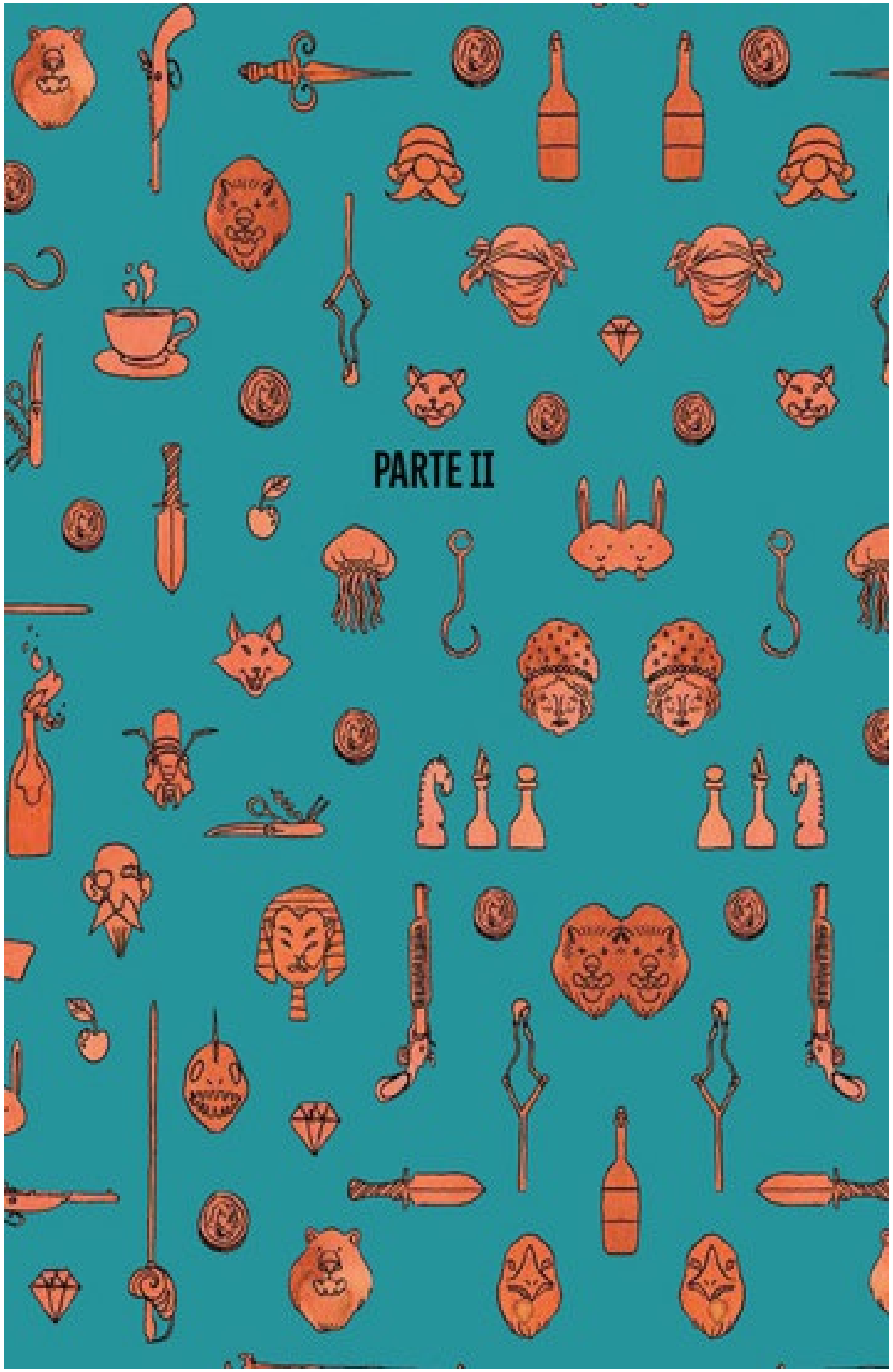
Porém, de repente, um urso monstruoso começou a urrar às minhas costas, emitindo um som que mais parecia um trovão. Eu me voltei e, notando que a besta estava pronta para me devorar, segurei nas mãos a bexiga com licor e, pelo medo, apertei-a com tanta força que, ao explodir, o licor acabou por ser arremessado nos olhos do animal, tirando-lhe a visão. De imediato ele deu meia-volta, afastou-se correndo confuso e logo adiante caiu por uma fenda no gelo até o mar, e não foi mais visto.

Posto de lado o perigo, voltei para verificar como estavam as águias, as quais encontrei em franca recuperação; desconfiado de que parte da fraqueza delas se devia à fome, peguei um daqueles frutos de rosbife, cortei-o em fatias finas e as ofereci às aves, que devoraram com avidez. Depois de alimentá-las, e dispondo do restante de minhas provisões, retomei o meu lugar. Ao me recompor e arrumar tudo da melhor maneira, comecei a comer e a beber com grande apetite; devido ao fato de os efeitos do vinho de montanha, como o chamei, serem muito prazerosos, me pus a entoar versos de uma canção que aprendera ainda menino, mas o ruído logo assustou as águias, até então mergulhadas no sono em virtude da quantidade de bebida que haviam tomado, e elas acordaram aparentemente muito assustadas. Infelizmente para mim, contudo, quando me empenhava em alimentá-las, por acidente fiz com que virassem as cabeças para o sudeste, e nesse rumo seguiram a toda velocidade. Após horas de voo, avistei as ilhas Ocidentais e, logo depois, tive o prazer indescritível de rever a Velha Inglaterra. Mal notei os mares e as ilhas por que passamos no caminho.

As águias baixaram de altitude aos poucos, à medida que se aproximavam da costa, com a intenção, imagino, de pousar numa das montanhas do País de Gales. Porém, quando chegaram a uma distância de cerca de sessenta jardas, foram alvo de dois disparos de canhões: uma das balas rompeu a bexiga com licor pendurada na minha cintura; a segunda penetrou no peito da águia mais à frente, que em seguida caiu por terra, ao passo que a outra, aquela em que eu estava, sem ter sofrido nenhum ferimento, afastou-se voando com espantosa velocidade.

Tal situação me deixou bastante assustado e comecei a achar que seria impossível escapar com vida. Mas, ao recobrar um pouco a presença de espírito, voltei os olhos para baixo, na direção da terra, e, para minha alegria inexprimível, constatei que Margate não estava muito longe, e a águia já se aproximava da velha torre, aquela na qual eu fora arrebatado na manhã do dia anterior. Assim que pousou, saltei em terra, feliz de me ver de volta ao mundo. A águia afastou-se poucos minutos depois, e ainda permaneci ali sentado, a fim de recompor meu espírito abalado, e nisso passei algumas horas.

Por fim fui visitar os amigos e relatar essas aventuras. O assombro se estampou em todos os rostos. E os parabéns por ter retornado em segurança repetiram-se em meio a manifestações sinceras de divertimento, e assim passamos o tempo tal como fizemos agora, com todos os presentes dando os mais exaltados cumprimentos a minha CORAGEM e SINCERIDADE.


PARTE II

PREFÁCIO

Não resta dúvida de que o Barão de Munchausen se mostrou muito importante para o mundo da literatura; foram tantos os viajantes que se destacaram por seus feitos, que eles mesmos precisaram de um Gulliver para superá-los nas façanhas. Se o intrépido Barão de Tott disparou uma enorme peça de artilharia, bem mais fez o Barão de Munchausen, que colocou nas costas essa mesma peça de artilharia e com ela atravessou o mar a nado. Quando os viajantes não poupam esforços para serem os heróis de seus relatos, certamente devem admitir a superioridade, e corar ao serem por ele superado, do renomado Munchausen. Duvido que qualquer um até agora – Pantagruel, Gargântua, o capitão Lemuel ou o Barão de Tott – seja capaz de superar o Barão nessa qualidade. E como no presente a curiosidade de todos parece voltar-se sobretudo para o interior da África, nada há de mais edificante do que ouvir os relatos verídicos das aventuras de Munchausen, e isso antes mesmo de recebermos outras informações desse continente; pois o Barão e suas façanhas fazem parte do espírito da época, além de contar exatamente aquilo que mais interessa aos ouvintes.

Não pretendo aqui afirmar que o Barão, nas histórias a seguir, tenha a intenção de satirizar temas políticos. Não, de forma alguma. Porém, se o leitor assim entender, nada posso fazer.

Se o Barão cruza com um bando de navios negreiros levando brancos cativos para que trabalhem em fazendas instaladas em climas frios, deveríamos por isso imaginar que está fazendo alusão ao atual tráfico de seres humanos? E que, se os negros assim o fizessem, isso não passaria de um simples ato de justiça, tal como a retaliação é a lei divina! Além disso, se fôssemos considerar isso reflexo de qualquer questão comercial ou política da atualidade, deveríamos ser tentados a imaginar, talvez, ideias políticas estampadas em cada página, em cada frase do conjunto. Sejam ou não tais coisas intencionais por parte do Barão – bem, cabe apenas ao leitor decidir.

Não tivemos apenas viajantes maravilhosos nesse mundo vil, mas também viajantes rabugentos, os quais não foram poucos nem passaram despercebidos. É uma pena, portanto, que o Barão não tenha se empenhado em superá-los em tal sorte de relato. Quem será capaz de ler sobre as viagens de Fedordefungo, como o chama Sterne, sem admiração? E pensar que um indivíduo vindo do Norte da Escócia fosse conhecer algumas das nações mais requintadas da Europa, e achar defeito em tudo o que pusesse os olhos – a ponto de nada o satisfazer! Portanto, na minha modesta opinião, a viagem às Hébridas é mais justificável, assim como

talvez a viagem pela Irlanda do sr. Twiss. O dr. Johnson, criado na rica Londres, com mais motivo ficaria irritado e mal-humorado nas regiões desoladas e monótonas das Hébridas.

O Barão, na obra que segue, parece de certa maneira mais filosófico; o relato que faz da língua no interior da África, e a sua analogia com a dos habitantes da Lua, revela seu profundo entendimento das velharias etimológicas das nações, e lança nova luz sobre a obscura história dos antigos citas, e sobre a Coletânea, de Charles Vallancé.

O empenho que demonstrou na abolição do costume de comer carne humana no interior da África, tal como descrito nas Viagens de Bruce, é verdadeiramente humanitário. No entanto, longe de mim imaginar que, com Gogue e Magogue e o espetáculo do senhor Prefeito, ele tivesse a intenção de satirizar qualquer pessoa ou grupo de pessoas; ou, ainda, por um tedioso pleito em que juízes cegos e matronas mudas realizam uma vã perseguição ao redor do mundo, ele estivesse fazendo pouco de qualquer julgamento verdadeiro.

Porém, devo admitir que seria presunçoso demais da parte de Munchausen insistir junto à metade dos soberanos da Terra no fato de estarem equivocados, e aconselhá-los sobre o que deveriam fazer. E que, em vez de ordenar que milhões de seus súditos massacrassem uns aos outros, mais conveniente seria que empregassem suas forças em prol do bem comum. Como se ele soubesse mais do que a imperatriz da Rússia, o grão-vizir, o príncipe Potemkin ou qualquer outro açougueiro deste mundo. Mas que fosse um aristocrata da realeza, e tomasse o partido da desonrada rainha da França no atual drama político, não me surpreende nem um pouco, porém suponho que seu espírito tenha se animado com a leitura do panfleto escrito pelo sr. Burke.

XXI

Tudo o que relatei até este momento – prosseguiu o Barão – é tão verdadeiro quanto o sagrado. E se houver alguém corajoso a ponto de negar tal fato, estou mais do que pronto a enfrentá-lo com a arma de sua preferência. Sim – clamou ele, em tom mais exaltado e erguendo-se da cadeira – vou obrigá-lo a engolir esse decantador, essa taça e talvez tudo o mais, cheios de Kerren-Wasser, a deliciosa aguardente alemã de cereja. Portanto, meus amigos e companheiros, tenham confiança no que lhes digo, e prestem homenagem aos relatos de Munchausen. Um viajante tem o direito de relatar e embelezar à vontade o que lhe ocorreu, e é uma falta de educação recusar o respeito e o aplauso que merece.

Tendo passado um tempo na Inglaterra desde as memórias relatadas anteriormente, após muita meditação, passei a considerar o fértil campo de descobertas que poderia haver nas regiões interiores da África. Perdi o sono de tanto pensar nisso. Por isso, tratei de conquistar toda a ajuda do governo para chegar à célebre fonte do Nilo e assumir o vice-reinado dos reinos interiores da África, ou, pelo menos, o majestoso domínio de Monomotapa. Para a minha sorte, contava com um amigo muito poderoso na corte, a quem vou chamar de o ilustre Hilaro Frosticos. Talvez não o conheçam por esse nome, mas o fato é que temos uma linguagem própria entre nós, para nossa maior conveniência, pois durante as minhas andanças aprendi nada menos do que 999 línguas. Como! Que caras são essas, cavalheiros? Ora, reconheço que não há tantas línguas faladas em todo este mundo vil, mas, por outro lado, não estive na Lua? E, podem acreditar em mim, quando escrever um tratado sobre educação, vou delinear os métodos para aprender dúzias de línguas ao mesmo tempo – francês, espanhol, grego, hebraico, cherokee etc. –, que fará inveja nos mestres.

Depois de passar a noite toda sem conseguir pegar no sono imaginando as descobertas africanas, fui logo pela manhã encontrar com meu ilustre amigo Hilaro Frosticos. Ao mencionar meus planos com todo o entusiasmo da minha fantasia, ele me ouviu seriamente e, após muito meditar, disse: “Olough, ma genesat, istum fullanah, cum dera kargos belgarasah eseum balgo bartigos triangulissimus!”. Mas, acrescentou, seria prudente considerar e avaliar as ameaças e os perigos das multidões que os pobres-diabos vão encontrar no caminho de aventurosa perambulação; e, verdade seja dita ao senhor, valoroso cavalheiro e barão, tenho a esperança de que irá se portar com toda a louvável seriedade e precaução que, tal como relatado no tricentésimo quadragésimo sétimo capítulo da Profilática, é algo a levar mais em conta do que todo o mérito neste globo terráqueo. Sinceramente, desejo-lhe todo o bem e nisso insisto, muito valoroso Munchausen, com imensa estima, que seja extremamente bem-

sucedido em sua travessia. Pois, nos domínios interiores da África, comenta-se que vivem tribos que mal enxergam além de três polegadas e meia adiante da ponta do nariz; e verdadeiramente o senhor deveria adotar o maior cuidado possível, avançando sempre de maneira lenta e segura; visto que aqueles que se apressam acabam por tropeçar. Entretanto, teremos o imenso prazer de apresentá-lo a Lady Fragrantia, que sem dúvida nos oferecerá a opinião dela sobre o tema. Em seguida, retirou do bolso um chapéu oficial, um barrete, tal como descrito na mais honrosa e antiga heráldica, e, colocando-o sobre a minha cabeça, falou: "Como o senhor parece de novo empenhado em reviver o espírito da antiga aventura, permita-me colocar sobre sua cabeça esta proteção, a fim de demonstrar a estima na qual tenho sua valorosa disposição".

Lady Fragrantia, meus caros amigos, era uma das criaturas mais divinas de toda a Grã-Bretanha, e estava apaixonada por mim. Ela desenhava o meu rosto em uma tela de cetim branco, quando apareceu o nobilíssimo Hilaro Frosticos, que apontou para o barrete que pusera em minha cabeça.

"Perdoe-me a insistência, Hilaro", começou a adorável Fragrantia, "mas quero dizer que isso é belo, é interessante. Eu adoro o senhor e muito o aprecio, meu caro Barão." Em seguida, colocando no barrete outra pluma, prosseguiu: "Isto te dará um ar mais delicado e fantástico. Faço isso, meu querido Munchausen, por ser a sua amiga, porém cabe ao senhor, evidentemente, aceitar ou rejeitar o meu presente, ainda que me agrade demais o resultado final, cuja excelência me motiva a torná-la ainda melhor. E quaisquer que sejam os inimigos que o senhor enfrente, terei a doce satisfação de recordar que o senhor traz na cabeça a marca da minha proteção!".

Eu agarrei o barrete com entusiasmo e, graciosamente ficando de joelhos, beijei-o por três vezes com todo o arrebatamento do amor romântico. "Prometo", exclamei, "pelos seus olhos faiscantes, e pela deliciosa alvura de seu braço, que nenhum selvagem, tirano ou inimigo na face da Terra irá me tirar essa proteção, enquanto houver uma gota de sangue dos Munchausen correndo em minhas veias! Vou carregá-lo em triunfo pelas regiões da África, que em breve pretendo percorrer, e lá farei com que seja respeitado, mesmo na corte do preste João."

"Admiro seu espírito", respondeu ela, "e vou usar toda a minha influência na corte para que o senhor seja despachado com toda a pompa e o quanto antes ao seu destino. Mas, eis que agora vamos poder desfrutar da mais brilhante companhia possível, a de Lady Carolina Wilhelmina Amelia Skeggs, de lorde Spigot e Lady Faucet e da condessa de Belleair."

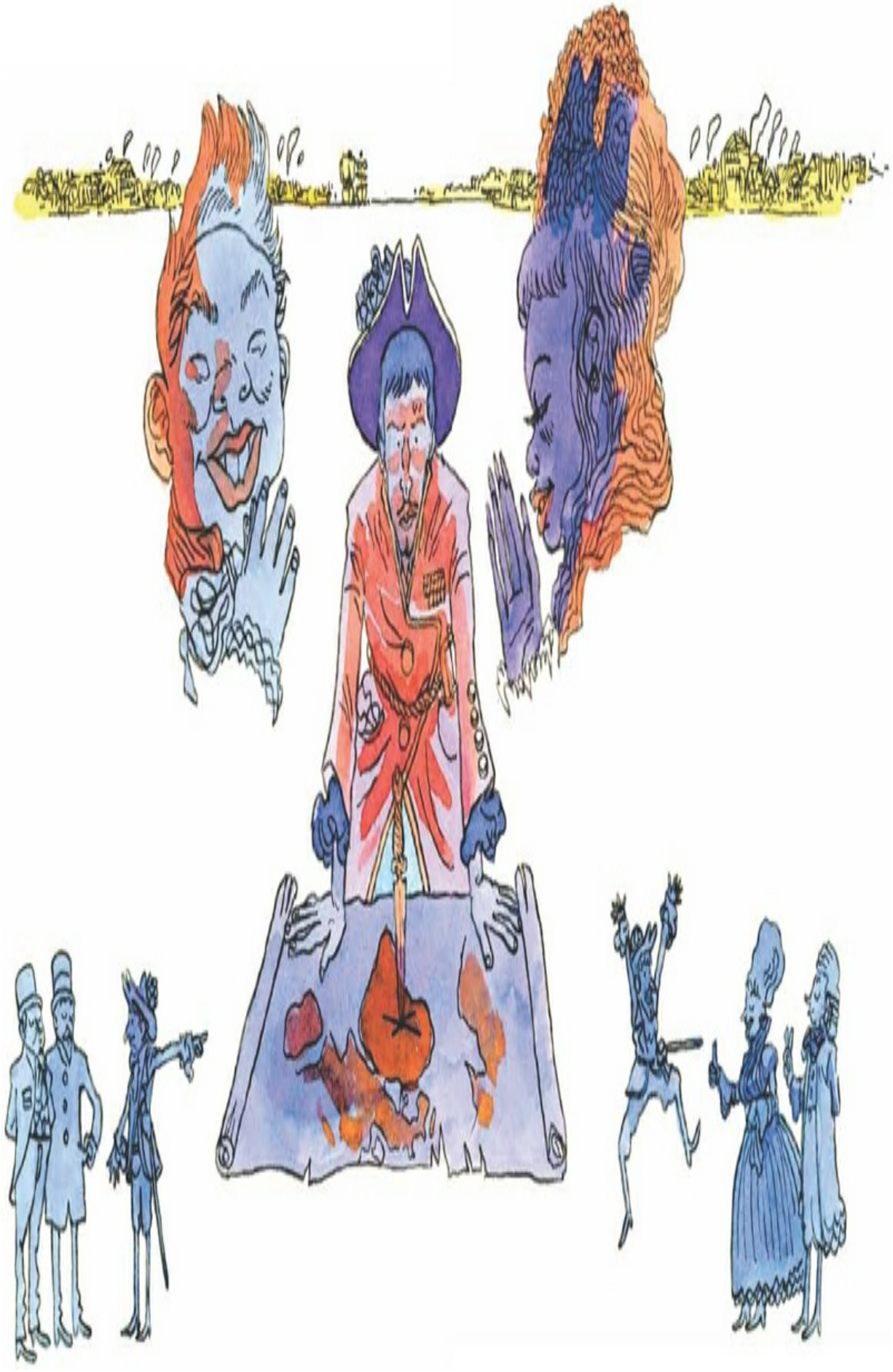
Concluída a cerimônia de apresentação ao grupo, passamos a conversar sobre o assunto em questão; e contando com a aprovação geral do meu projeto, ficou decidido que eu deveria partir o mais rápido possível, assim que tivesse a permissão do soberano. “Estou convencido”, afirmou lorde Spigot, “de que, se existe algo de fato desconhecido e merecedor da nossa mais ardorosa curiosidade, isso deve estar nas imensas regiões da África; esse continente, que parece ser o mais antigo do globo, guarda, contudo, sua maior parte ainda completamente desconhecida. E que riquezas fantásticas de ouro e de diamantes não se ocultam nessas regiões tórridas, quando os próprios rios derramam, na costa, uma quantidade incessante de areias douradas! Minha opinião, portanto, é de que o Barão merece os aplausos de toda a Europa por seu entusiasmo, e também merece a mais expressiva ajuda do soberano.”

Uma aprovação tão lisonjeira, vocês bem podem imaginar, foi um deleite para o meu coração e, com toda a confiança e alegria, permiti que me levassem até a corte. Após as costumeiras cerimônias de apresentação, basta dizer que recebi todas as honrarias e os aplausos que podia esperar com as mais calorosas expectativas. Sempre gostei do je ne sais quoi da atual sociedade mais elegante e, na presença de todos os soberanos da Europa, me senti perfeitamente à vontade enquanto era alvo, por parte de toda a corte, das mais elogiosas mostras de estima e de admiração.

Lembro-me, em determinada ocasião, do fim do infeliz marquês de Bellecourt. A condessa de Rassinda, que o acompanhava, estava em um de seus dias mais divinos. “É verdade, estou confiante”, confidenciou-me o marquês de Bellecourt, “de ter agido em conformidade com os mais rigorosos sentimentos de justiça e lealdade ao soberano. Que peitoral é mais forte do que um coração puro? E ainda que não tivesse recebido uma palavra ou um olhar, mesmo assim não podia imaginar – não, impossível que fosse um mal-entendido. Consciente da minha integridade, vou tentar de novo – e o farei com toda a ousadia possível.” Agarrando a oportunidade, o marquês de Bellecourt avançou três passos, levou a mão ao peito e fez uma reverência. “Permita-me”, começou, “com o mais profundo respeito, a…” Então a língua lhe faltou – e mal podia acreditar no que via, pois no mesmo instante o grupo inteiro começou a deixar o salão. Ele se viu quase sozinho, abandonado por todos. “O quê!”, exclamou, “e não é que ele deu meia-volta com o mais evidente desprezo? Então não quer falar comigo? Então não quer me ouvir pronunciar nem mesmo uma palavra em minha defesa?” Nesse momento, o coração parou de bater em seu peito. “Os meus amigos! Eles não me conhecem? Não me reconhecem? Ai de mim! O que temem é se contagiar com meu… Se é assim, então, adieu! Não aguento mais… Vou retornar ao meu torrão natal, e nunca, nunca mais sair de lá. Adieu, querida corte, adieu!”

O venerando marquês de Bellecourt parou um instante antes de se acomodar na carruagem. Por três vezes, olhou para trás, e por três vezes secou a lágrima que ameaçava escorrer por sua face. "Assim seja", disse, "pelo menos desta vez a verdade vai se manifestar – no fundo de um poço!"

Que o seu espírito encontre a paz, nobre marquês! Um Rei dos Reis vai ter pena do senhor, e milhares que ainda nem sequer nasceram ao senhor vão dever a felicidade e terão motivo para abençoar milhares, talvez, que jamais chegarão a conhecer o seu nome. Mas o próprio Munchausen, este sempre irá celebrar sua glória!



XXII

Concluídos os preparativos e recebidas as instruções para a viagem, fui conduzido pelo ilustre Hilaro Frosticos, por Lady Fragrantia e um importante grupo de nobres, e todos me instalaram no topo do monte de ossos de baleia no palácio. Após ficar nessa posição por três dias e três noites, como em provação, e como exemplo da minha perseverança e decisão, na terceira hora depois da meia-noite eles me levaram à carruagem da rainha Mab. A carruagem tinha dimensões fantásticas, grandes o bastante para conter mais suprimentos que o tonel de Heidelberg, e com o formato redondo de uma noz de amêndoa. Na verdade, mais parecia uma noz de amêndoa que tivesse alcançado as mais extravagantes dimensões, e em cujas paredes um verme igualmente enorme havia feito um buraco. Entrei na carruagem exatamente por esse buraco. Era tão amplo quanto a porta de uma carruagem e me acomodei no centro, em uma espécie de poltrona que se equilibrava sobre si mesma, sem nada mais tocar, como a fabulosa tumba de Maomé. Por dentro, a noz parecia uma representação brilhante dos astros no firmamento, as estrelas fixas, os planetas e um cometa. As estrelas eram tão grandes quanto as medalhas da nossa nobreza; e o cometa, excessivamente brilhante, tinha a mesma aparência de alguém que tivesse reunido todos os olhos das jovens mais belas do reino, e os misturado, como na plumagem de um pavão, para formar um cometa – isto é, um globo e, ligado a ele, uma cauda emplumada, diminuindo pouco a pouco até se reduzir a um ponto. Essa bela constelação parecia absolutamente instigante e deliciosa. Exibia um formato que muito lembrava o de um girino! E se movimentava sem parar, tomada de uma leveza brincalhona, para cima e para baixo, por todo o firmamento na superfície côncava da noz. De repente ficava naquela parte dos céus sob meus pés, e no momento seguinte encontrava-se sobre a minha cabeça. Jamais sossegava, o tempo todo se movia para leste, oeste, norte ou sul, e não se importava mais com os mundos do que se fossem lampiões sem refletores. Contra alguns, se chocava e os deslocava de seus lugares; outros acabavam por pegar fogo e queimavam até se tornarem cinzas; e, ainda outros, ela os quebrava em parcelas ínfimas, e tais fragmentos adquiriam de imediato forma globular, como gotículas de mercúrio, que se transformavam em satélites de quaisquer outros mundos por acaso encontrados pelo caminho. Resumindo, aquilo tudo mais parecia uma síntese da criação, do passado, presente e futuro. E tudo o que se passa entre as estrelas ao longo de um milhar de anos ali em geral se completava na mesma quantidade de segundos.

Examinei todas as maravilhas da carruagem e fiquei encantado e fascinado. “Não há a menor dúvida”, exclamei, “de que aí está o próprio céu em miniatura!” Tudo o que precisava era tomar as rédeas na mão. Porém, antes de

começar o relato das minhas aventuras, é necessário mencionar o restante dos apetrechos que me acompanhariam. A carruagem era movida por uma junta de nove touros, atrelados em sucessivas trincas. Na fileira da frente havia um macho de primeira linha, que recebera o nome de John Mowmowsky; já os demais, conhecidos todos pelo nome de Jack, não ganharam nenhum nome especial. Todos estavam calçados para a viagem, não como cavalos, que usam ferraduras, ou como costumam ser os touros castrados e destinados a puxar carroças – em vez disso, tinham as patas incrustadas em crânios humanos. Cada uma dessas patas, com casco e tudo, fora socada na cabeça de um homem, expressamente decapitada para tanto, e ali dentro firmada por uma espécie de cimento ou argamassa, de modo que o crânio se tornou parte da pata e do casco do animal. Com esses calçados craniais, as bestas conseguiam realizar travessias magníficas, e também deslizar sobre a água, mesmo sobre o oceano, com estonteante rapidez. O arreamento tinha fivelas douradas, todo tacheado em magnífico estilo. Os animais eram cavalgados por nove postilhões, grilos de tamanho descomunal, tão grandes quanto macacos, que se sentavam diretamente na cabeça dos touros e trinavam sem parar no mais infernal ritmo, bastante alto em relação ao tamanho de seus corpos.

As rodas da carruagem tinham mais de dez mil molas, arranjadas de modo a garantir maior velocidade ao veículo, em um conjunto bem mais complexo do que uma dúzia dos relógios de Estrasburgo. A parte externa do veículo era adornada com estandartes, além da magnífica grinalda de louro que me proporcionava sombra ao montar meu cavalo. E agora, após concluir esta descrição muito breve do veículo que me conduziria África adentro, e os senhores devem convir que era bem superior ao aparelho de monsieur Vaillant, vou começar a contar-lhes as façanhas do meu périplo.

XXIII

Tomando nas mãos as rédeas da carruagem, ao som da música que marcava minha despedida, estalei o chicote e partimos. Três horas depois, já me encontrava entre a ilha de Wight e a costa da Inglaterra. E ali permaneci por quatro dias, até ser alcançado por outra parte da minha expedição, a qual fui ordenado a escoltar em segurança até seu destino. Era uma esquadra de navios de guerra que ia ao mar Báltico, mas que fora deslocada para o Mediterrâneo. Com a ajuda de imensos ganchos e argolas, exatamente como aqueles usados em chapéus, porém bem maiores, alguns pesando centenas de quilos, os navios de guerra foram pendurados nas rodas da minha carruagem. E, na verdade, nada poderia ser mais simples ou conveniente, pois podiam ser presos ou soltos a qualquer momento com a maior facilidade. Em suma, depois de uma salva de disparos de canhões e três vivas gerais, voltei a estalar o chicote e saímos a toda velocidade, confesso que de maneira um tanto atabalhoada, e, em seis segundos, eu e todo o meu séquito nos vimos em segurança e excelente disposição ao lado do rochedo de Gibraltar. Ali desenganchei a esquadra de guerra e, depois de me despedir calorosamente dos oficiais, liberei-os para que seguissem viagem, à maneira comum, até seu porto final. Todas as tropas mostraram-se extremamente interessadas na novidade do meu veículo e, atendendo aos insistentes pedidos do governador e de outras autoridades locais, desembarquei em terra e mais uma vez contemplei o velho e desolado rochedo, pelo qual já foi gasta mais pólvora do que a necessária para adquirir o mesmo território fértil em qualquer outra parte do mundo! Retornando à carruagem, agarrei os arreios e segui adiante, em louca correria pelo Mediterrâneo, até a ilha de Cândia. Ali recebi documentos vindos da Sublime Porta, em que era solicitado a ajudá-los na guerra contra a Rússia; a recompensa por essa aliança seria nada menos do que toda a ilha de Cândia, ou Creta, como também é conhecida. A princípio hesitei, considerando que a ilha seria uma aquisição extremamente valiosa para o soberano que na época me empregasse e, ainda, que os mais deliciosos vinhos, açúcar etc. poderiam ser ali produzidos em abundância; todavia, quando levei em conta que o comércio da Companhia das Índias Orientais muito provavelmente seria prejudicado pelas relações com a Pérsia através do Mediterrâneo, decidi recusar a proposta, pelo que, mais tarde, recebi os agradecimentos da ilustre Casa dos Comuns em virtude de minha perspicácia política.

Após restabelecer as forças em Cândia, segui adiante e, pouco depois, alcancei as terras do Egito. O território desse país, pelo menos na região perto ao mar, é de pouca altitude, de modo que me vi em terra firme antes mesmo de me dar conta, e o Pilar de Pompeu acabou emaranhado nas inúmeras engrenagens da máquina, causando sérios danos. Ainda assim, consegui

prosseguir aos trancos e barrancos até que, ao passar sobre aquele imenso obelisco, a Agulha de Cleópatra, o aparelho voltou a ficar preso e se pôs a avançar com muita dificuldade, em ritmo muito, muito lerdo, sobre os terrenos lamacentos e pantanosos do país. No entanto, meus pobres touros trotavam adiante com impressionante empenho através do istmo de Suez até o mar Vermelho, e por fim escavaram uma trilha, um canal obscuro, que desde então foi confundido pelo Barão de Tott com os resquícios de um canal construído pelos ptolomeus entre o mar Vermelho e o Mediterrâneo – porém, como os senhores podem muito bem constatar, aquilo não passa, na verdade, da trilha aberta pela minha carruagem, o carro da rainha Mab.

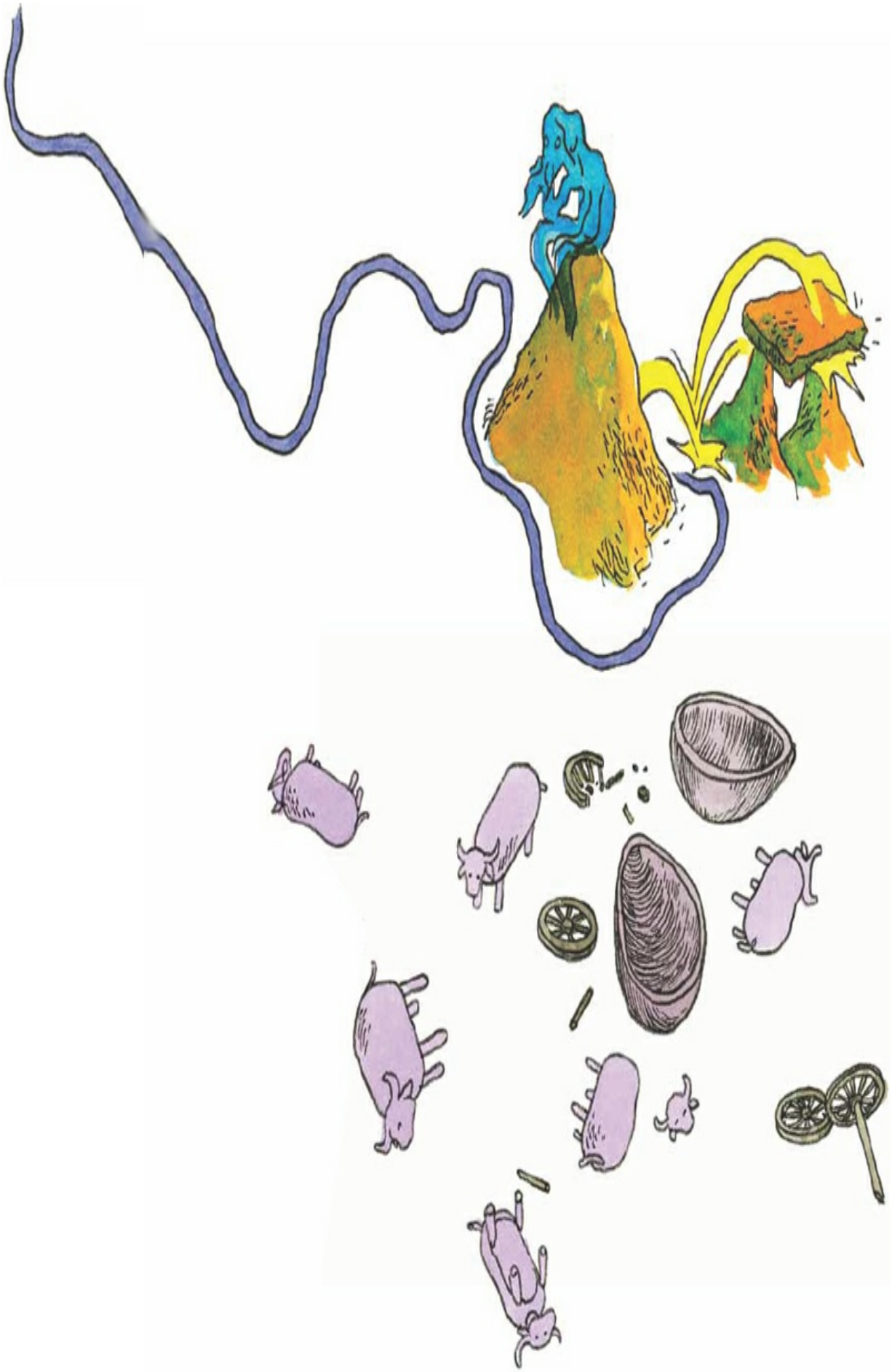
Uma vez que os artesãos atuais daquele país nada têm de excepcional, ainda que os antigos egípcios, pelo que se diz, fossem dotados da mais extraordinária habilidade, não consegui obter molas novas para a carruagem, e tampouco tive a oportunidade nem tempo de reparar a carruagem no reino do Egito. E, como não pretendia empreender outra viagem por terra, e pelas altas montanhas de mármore que se erguem além das nascentes do Nilo, achei mais conveniente rumar, da melhor maneira possível, ou seja, por mar, até o cabo da Boa Esperança, onde imaginei que encontraria ferreiros e carpinteiros holandeses, ou até mesmo algum artesão inglês. E, assim, com o veículo adequadamente consertado, minha intenção era me embrenhar pelo interior até o centro da África. A superfície da água, eu bem sabia, fazia menos resistência às rodas da máquina – e de fato ela passou pelas ondas como se fosse a carruagem de Netuno. Em resumo, tendo chegado à margem do mar Vermelho, cruzamos sob os olhares admirados o estreito de Bab-el-Mandeb até a grande costa ocidental da África, ali onde Alexandre não teve coragem de se aventurar.

E na verdade, meus amigos, se Alexandre tivesse se aventurado na direção do cabo da Boa Esperança, muito provavelmente jamais teria retornado. Não é nada fácil determinar se, naquela época, havia ou não moradores nessas partes meridionais da África. Porém, de qualquer modo, o conquistador do mundo teria apenas se empenhado em uma louca aventura. Suas pobres embarcações, que não haviam sido construídas para longas travessias marítimas, seriam danificadas e naufragariam antes mesmo de alcançar o cabo, deixando Sua Majestade isolada e muito além dos limites do mundo então conhecido. Mesmo assim, teria sido um fim digno para Alexandre, depois de ter conquistado a Pérsia e a Índia, e de ter vagueado por sabe-se lá quais regiões, até Júpiter ou Ammon, ou mesmo a Lua, como um chefe índio certa vez disse ao capitão Cook.

No que diz respeito à minha pessoa, contudo, tive sucesso bem maior que o de Alexandre. Foi com rapidez surpreendente que avancei naquela direção e,

pensando em parar junto ao cabo, infelizmente acabei me aproximando demais e, com as rodas do lado direito da carruagem, bati contra o rochedo, hoje conhecido como a Tábua do Cabo ou a Montanha da Mesa. A máquina chocou-se com tal força que sacudiu todo o rochedo em sentido horizontal. Com isso, o topo do monte, com o formato de meia esfera, foi lançado ao mar, e o cume da montanha antes íngreme adquiriu assim um formato plano – e por isso foi rebatizada como Montanha da Mesa, por sua similaridade com o móvel.

Exatamente quando o topo da montanha foi arrancado, o espírito do cabo, aquele terrível diabrete que tanto aparece em Os Lusíadas, foi encontrado, agachado em um buraco por ele aberto no meio da montanha. Mais parecia uma jovem abelha em seu pequenino alvéolo antes de se lançar para fora, ou, ainda, uma fava na vagem. Quando a parte superior da montanha foi retirada e arremessada longe, descobriu-se a parte superior dessa criatura. Parecia ter um tom azul-garrafa, e ficou assustada, ofuscada pelo inesperado brilho da luz. Ao ouvir o pavoroso estrépito das engrenagens, e o chilrear medonho dos grilos, ficou paralisada e, soltando em seguida um urro, mergulhou dez mil braças no interior da terra, ao passo que a montanha, vomitando fumaça, silenciosamente se fechou, sem deixar o menor rastro aparente!



XXIV

Constatei com enorme pesar e chateação o extravio de todo o meu equipamento. No entanto, não me senti de todo abatido, pois é somente na adversidade que se revela o espírito mais valente. Com permissão do governador holandês, a carruagem foi adequadamente guardada em um enorme armazém, erguido à beira da água, e os touros foram cuidados para que descansassem após viagem tão exaustiva. E podem os cavalheiros ter certeza de que bem o mereceram, e por isso receberam cuidados extremos até o meu retorno. Como nada mais me restava fazer, comprei uma passagem em um navio vindo da Índia e que retornava a Londres, onde eu pretendia relatar todo o ocorrido diante do Muito Honorável Conselho Privado de Sua Majestade.

Nada digno de nota aconteceu até navegarmos ao largo da costa da Guiné, onde, para nosso completo assombro, avistamos um morro alto, aparentemente de vidro, vindo sobre nós em pleno mar aberto. Os raios de sol nele se refletiam com tal esplendor que chegava a ser difícil ver aquele fenômeno. Logo me dei conta de que se tratava de uma ilha de gelo, e, embora estivéssemos a uma latitude tropical, decidi que o melhor seria nos afastar o quanto antes daquele medonho perigo. E foi o que tentamos fazer, porém em vão, pois ao redor das sete da noite, impulsionados por ventania muito forte e em meio a uma escuridão extraordinária, acabamos nos chocando contra a ilha. Nada podia se comparar à confusão, aos gritos e ao desespero de toda a tripulação, até que eu, consciente de que não havia tempo a perder, reanimei o espírito deles e gritei para que não desanimassem e fizessem tudo o que eu pedisse. Poucos minutos depois, o navio estava meio tomado de água, enquanto o imenso castelo de gelo, que parecia nos esmagar por todos os lados, em alguns pontos desmoronando em medonhos pedaços sobre o convés, já cobrara a vida de metade da tripulação. Nessa altura, subindo ao topo do mastro, consegui prendê-lo à parte mais alta da geleira e, convocando o restante da tripulação a me seguir, todos deixamos a embarcação condenada e nos dirigimos até o ponto mais alto da ilha.

Ao amanhecer, tivemos condições de avaliar a nossa terrível situação, assim como a perda ou o congelamento do navio. Pois, após passar a noite rodeada por castelos de gelo, a embarcação estava inteiramente congelada e contida de tal maneira que podíamos vê-la sob os nossos pés a partir do sólido centro da ilha. Depois de discutir sobre o que fazer, passamos a recortar o gelo e, desse modo, recuperamos parte dos cabos, bem como os botes, que, amarrados à ilha, arrastamos com toda a força, decididos a levar para casa a ilha e tudo o mais, ou então morrer na tentativa. No topo da ilha, colocamos todo o tipo de estopa e sobras que conseguimos retirar da embarcação, os quais, em poucas horas, devido

ao derretimento do gelo, se transformaram em excelente adubo. E como eu trazia nos bolsos sementes de legumes exóticos, não demorou para que contássemos com abundância de frutas e raízes cultivadas na própria ilha, garantindo a alimentação de toda a tripulação. Uma das principais árvores era a de fruta-pão; e também outra árvore, que produzia pudins de ameixa tão quentes, e com equilíbrio tão sutil de açúcar, fruta etc., que todos reconheceram não ser possível provar nada tão delicioso assim na Inglaterra. Em resumo, embora o escorbuto tivesse sido um terrível flagelo entre os tripulantes antes de nos chocarmos contra o gelo, o suprimento de legumes, e sobretudo das árvores de fruta-pão e de fruta-pudim, pôs fim à doença.

Não se passaram muitas semanas e continuamos a avançar de modo exaustivo, remando sem parar e arrastando a ilha, quando encontramos com uma esquadra de negreiros, como são conhecidos. Esses infelizes, convém saber, meus caros cavalheiros, haviam se apoderado dos navios de alguns europeus na costa da Guiné e, provando das delícias das riquezas, estabeleceram colônias em diversas ilhas recém-descobertas junto ao polo sul, onde cultivavam uma variedade de plantações adaptadas aos climas mais frios. Como não se acostumavam ao clima e ao frio excessivo da região, os moradores da Guiné conceberam o plano de arrebanhar escravos para que se ocupassem dessa tarefa. Com esse objetivo, todos os anos enviavam navios à costa da Escócia, às regiões setentrionais da Irlanda, ao País de Gales – e, às vezes, eram até avistados ao largo da Cornualha. E depois de terem adquirido, ou arrebatado por fraude ou violência, grande quantidade de homens, mulheres e crianças, levavam esse carregamento humano à outra extremidade do mundo, e lá os vendiam aos donos das plantações, onde eram mantidos em cativeiro graças aos açoitamentos, e obrigados a se esfalfar como selvagens até o fim de suas vidas.

Só de pensar nisso o meu sangue fervia, e todos na ilha de gelo também se mostraram horrorizados diante da existência desse tráfico injusto de seres humanos. No entanto, exceto por atos explícitos de violência, viu-se que era impossível acabar com tal comércio, devido a um preconceito, sustentado ultimamente pelos negros, ou seja, o de que as pessoas da raça branca são desprovidas de alma! Mesmo assim, tomamos a decisão de atacá-los e, desviando nossa ilha sobre eles, logo tivemos sucesso em vencê-los. Com isso, resgatamos tantos brancos quanto possível, ao mesmo tempo que atirávamos ao mar todos os negros. As pobres criaturas salvas da escravidão ficaram tão agradecidas que explodiram em sonoro choro de gratidão, enquanto provávamos da aprazível sensação de considerar a felicidade que iríamos proporcionar a seus pais, irmãos, irmãs e filhos, ao devolvê-las em segurança a seus lares, redimidas do cativeiro no regaço de sua terra natal.

Após retornar em segurança para a Inglaterra, sem demora prestei um depoimento sobre a minha viagem etc. diante do Honorável Conselho Privado de Sua Majestade, e solicitei ajuda imediata para outra excursão à África e, caso possível, também para a reforma do meu antigo veículo, com o objetivo de utilizá-lo com todo o resto. Tudo isso foi autorizado sem nenhum problema, para minha imensa satisfação, e também recebi instruções de, o quanto antes, me preparar para a partida.

Dado que o imperador da China enviara, como presente aos europeus, um animal muito curioso, que fora mantido na Torre de Londres, e era de enorme estatura e capaz de realizar com éclat, com brilho, a viagem, decidiu-se que a criatura iria me acompanhar. Conhecida como Esfinge, era uma das figuras mais tremendas, ainda que magnífica, em que já pus os olhos. A Esfinge foi enfeitada com ricos adornos e transportada para uma imensa barcaça de fundo chato, na qual também se ergueu uma construção de madeira, com a exata aparência do Westminster Hall. Dois balões foram amarrados sobre esta, presos à barcaça por enorme quantidade de cordas, com o propósito de manter o equilíbrio adequado, e impedi-la de virar, ou de se encher de água, em decorrência do peso prodigioso da construção.

O interior do edifício foi preenchido com cadeiras, como um anfiteatro, acomodando a maior quantidade possível de lordes e ladies, que serviriam de conselho e séquito deste seu humilde criado. Quase no centro, uma poltrona adornada com elegância estava destinada a mim e, mais adiante, foram colocados os famosos Gogue e Magogue em toda a sua pompa.

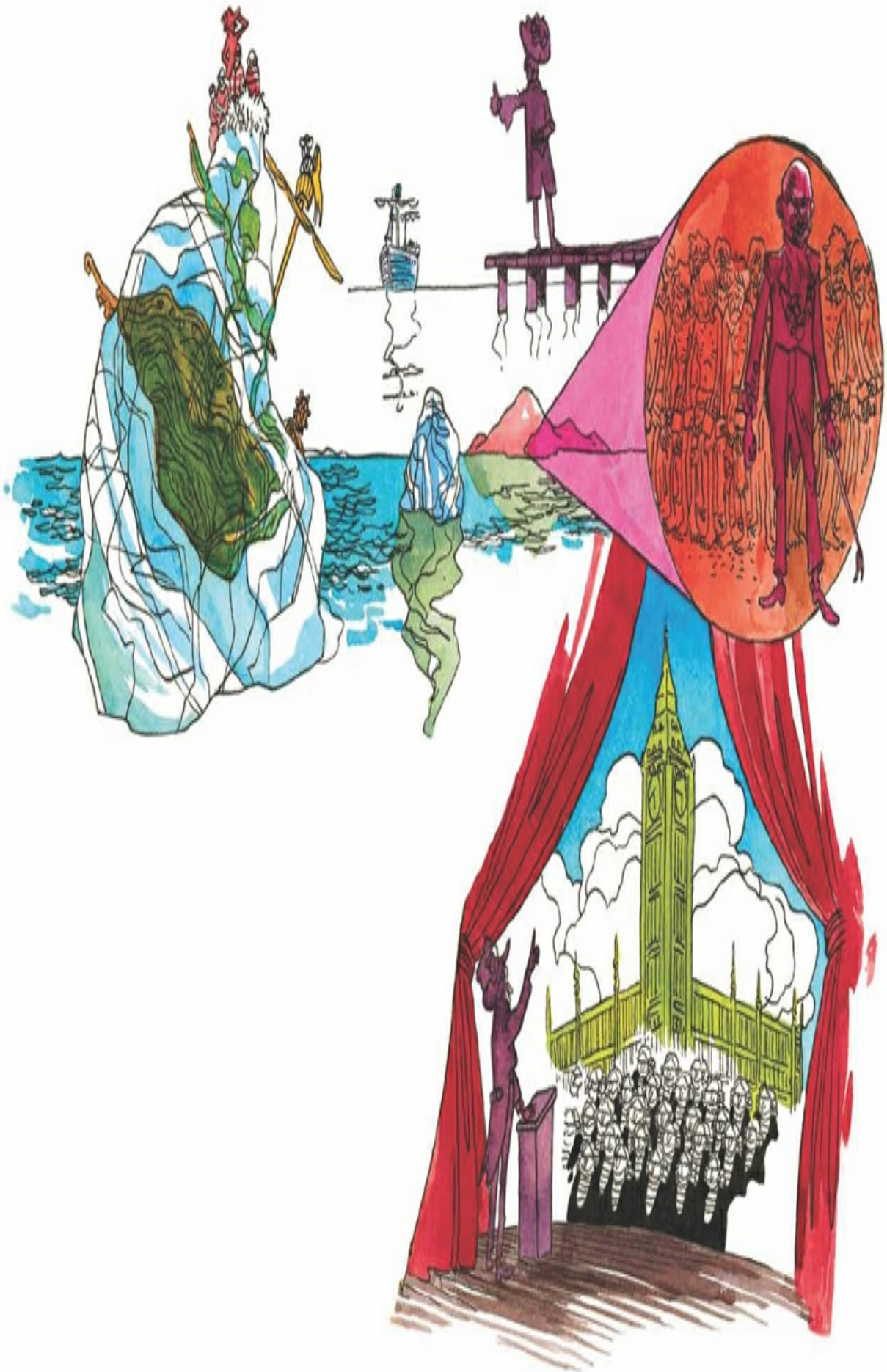
Tendo como postilhão o lorde e visconde Gosamer, deslizamos sem medo rio abaixo, a nobre Esfinge saltitando como o enorme leviatã, a rebocar a barcaça e os balões.

Assim avançamos, navegando calmamente, rumo ao mar largo; por conta do clima tranquilo, mal podíamos sentir o movimento da embarcação, e passamos o tempo discutindo sobre as gloriosas intenções da expedição, e as descobertas que dela iriam resultar.

"Estou convencido", afirmou o nobre amigo Hilaro Frosticos, "de que a África foi originalmente quase toda povoada, ou, para me expressar melhor, quase toda dominada por leões, os quais, depois do homem, parecem ser os mais temíveis dentre os tiranos mortais. De modo geral, essa região – pelo menos as partes que até agora pudemos investigar – parece bastante inóspita para a existência

humana; a intolerável secura do local, as areias escaldantes que soterram exércitos e cidades inteiras em ruína completa, e a vida medonha que tantas hordas nômades são obrigadas a levar, tudo me leva a crer que, se alguma vez considerarmos estabelecer acampamentos por lá, certamente eles vão se transformar nas sepulturas de nossos conterrâneos. Por outro lado, a África está mais próxima de nós que as Índias Orientais, e não posso deixar de imaginar que, em muitas partes, todos os produtos da China e das Índias Orientais e Ocidentais ali prosperariam se cuidados devidamente. E, como a região é tão prodigiosamente extensa e desconhecida, que manancial de descobertas não deve conter! Na realidade, sabemos menos a respeito do interior da África do que sobre a própria Lua; pois neste último caso já medimos seu terreno, e observamos as variações e desigualdades em sua superfície por meio dos nossos telescópios – as florestas e montanhas em seu globo manchado.

Mas nada sabemos do interior da África, além do que foi imaginado pela fantasia de compiladores de mapas ou geógrafos. Que acontecimento afortunado, portanto, não deveríamos esperar de uma viagem de descoberta e colonização empreendida em estilo tão magnífico quanto a nossa! Que orgulho! Que aquisição para a filosofia!"



XXV

O intrépido conde Gosamer, com um par de demoníacas esporas, cavalgando a Esfinge, levou toda a nossa comitiva para a ilha da Madeira. E, por ser dotado de grande vaidade, ao notar as grandes multidões de pessoas e gascões etc. reunidas na costa francesa, o conde não pôde se conter e começou a saltitar, como jamais haviam visto. Ainda mais ao se dar conta de que todos os membros da Assembleia Nacional haviam se disposto ao longo das praias, como exemplo da polidez francesa, em homenagem a essa expedição, tendo à frente Rousseau, Voltaire e Belzebu. Foi então que calcou as esporas no flanco da Esfinge e, ao mesmo tempo, estalou o chicote desenfreadamente, puxando as rédeas ao máximo, com a intenção de fazer a criatura dar cambalhotas e proporcionar alguma diversão incomum. A Esfinge, porém, estava amuada e com péssimo humor: de fato mergulhou – e foi um mergulho tão abrupto que o arremessou por sobre a cabeça dela e o fez cair na água. Isso se passou na baía de Biscaia, cujo mar é muito agitado, como todos sabem, e a Esfinge, temerosa de que o conde se afogasse, sem se desviar para um ou outro lado, avançou furiosa em linha reta e apenas inclinou um pouco a cabeça para baixo, sugando o pobre conde para a sua boca, com dois ou três tonéis de água, que devem ter facilitado a ingestão do nobre, mas que, para um animal tão grande quanto a Esfinge, era antes o equivalente a uma colherada. Depois de ser engolido, o conde seguiu em frente até cair no estômago, e ali as enormes esporas em seus pés tanto arranharam e incomodaram a criatura que a fizeram vomitar. Com isso, logo depois de ingerido, ele foi expelido com a violência mais terrível, como bala ou granada arremessado por uma peça de artilharia. Nesse momento, a Esfinge estava bastante mareada, e o desafortunado conde foi arremessado como um foguete

pelo céu, tombando sobre o cume do pico Tenerife, onde mergulhou de cabeça na neve – requiescat in pace!, descanse em paz!

Acompanhei todo esse desastre do meu assento na arca, mas fui tomado de tal convulsão de riso que mal pude pronunciar uma palavra inteligível. A Esfinge, sem o seu postilhão, seguia ora numa direção ora noutra, cabriolando medonhamente e sem parar. Com isso, tudo teria acabado mal se eu não tivesse de imediato ordenado que Gogue e Magogue acudissem. Eles mergulharam no mar e, nadando cada qual por um lado da criatura, conseguiram afinal alcançá-la e agarrar as rédeas. E assim continuaram a ladeá-la, como tritões, segurando o focinho da Esfinge, enquanto eu, instalando-me como cavaleiro no dorso do animal, assegurei que a expedição afinal tomasse o rumo do cabo da Boa Esperança.

Assim que desembarcamos no cabo, cuidei para que tivessem início os reparos da minha antiga carruagem e sua maquinaria, o que foi realizado com toda a rapidez pelos excelentes artesãos que trouxera comigo da Europa. E quando tudo foi reposto em ordem, voltamos a navegar pelo mar – e talvez nunca tenha sido visto algo mais glorioso ou mais grandioso. Era magnífico contemplar a Esfinge fazendo reverências sobre a água, e os grilos chilreando sobre os touros como resposta à saudação. Enquanto isso, Gogue e Magogue avançavam e tomavam as rédeas do imponente John Mowmowsky, e aproximando-se da carruagem e de todos, logo o instalaram na parte dianteira da arca por meio de ganchos e argolas, e atrelaram a Esfinge à frente de todos os touros. Desse modo, toda a comitiva adquiriu uma aparência grandiosa e triunfante. À frente, deslizava a poderosa Esfinge, flanqueada por Gogue e Magogue; em seguida surgiam os touros, com os grilos nas cabeçorras; depois, a carruagem da rainha Mab, contendo o trono curioso e o mecanismo celestial; mais atrás surgiam a barcaça e a arca do Conselho, arrastando acima os dois balões, o que conferia ao todo um ar de ligeireza e de elegância. Nas galerias sob os balões, e no dorso dos touros, coloquei boa quantidade de excelentes cantores, acompanhados das melodias marciais de clarinetas e trombetas. Entoavam "Perigos aquáticos" e "Pompa do azul profundo". O Sol brilhava esplendoroso sobre o mar enquanto a procissão se acercava da terra firme, sob quinhentos arcos de gelo, iluminados por luzes coloridas, e adornados no estilo mais fantasioso, com algas, grinaldas elegantes e conchas de todo tipo. Ao mesmo tempo, numerosos jorros d'água dançavam sem parar adiante e atrás de nós, atraindo a água do mar em uma espécie de cone, e de repente se unindo com os mais fantásticos relâmpagos e trovões.

Após o desembarque de todo o séquito, partimos sem demora rumo ao centro da África, mas antes consideramos oportuno instalar umas tantas rodas sob a arca para facilitar o deslocamento. Viajamos na direção norte por vários dias, e não avistamos nada de notável, exceto o espanto dos nativos ao contemplarem nossos aparatos.

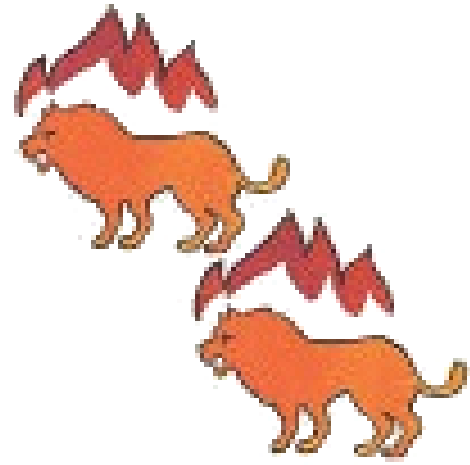
No cabo da Boa Esperança, as autoridades holandesas, para fazer justiça a eles, proporcionaram toda a assistência possível à expedição. Suponho que tenham recebido ordens de assim prosseguir por parte de Suas Majestades na Holanda. Seja como for, nos presentearam com amostras dos mais excelentes vinhos do Cabo, e foram muito solícitos. Quanto às características do país, como já comentamos, pareciam em muitos pontos favorável a toda espécie de cultivo, fértil em abundância. Os nativos e os hotentotes dessa região da África foram muitas vezes descritos por viajantes e, portanto, não é o caso aqui de perder tempo com isso. No entanto, em outras regiões situadas mais para o interior africano, a aparência, os costumes e a índole das pessoas são completamente diferentes.

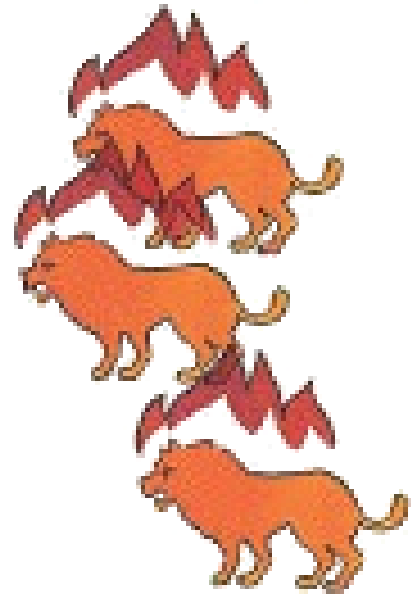
Nós nos orientamos pela bússola e pelas estrelas; todos os dias conseguíamos grande quantidade de caça na mata, e à noite montávamos acampamentos seguros com medo dos animais selvagens. Certo dia em especial, ouvimos o tempo todo, vindo de todos os lados entre os montes, o horrendo rugido de leões, ressoando de um rochedo a outro como trovoadas interrompidas. Mais parecia que todos esses animais selvagens haviam se reunido para destruir o nosso grupo. Ao longo desse dia avançamos com cautela, os caçadores mal se aventurando além do círculo mais próximo da caravana com medo de serem pegos. À noite, erguemos o acampamento como de costume, assim como um cercado em torno das barracas. Tão logo nos recolhemos para descansar, fomos assaltados pela cantoria de pelo menos mil leões, que se aproximavam de todos os lados, e não mais distantes do que uma centena de passos. Nosso gado exibia pavor, tomado de tremores e banhado em suores frios. Ordenei que o grupo todo ficasse de armas engatilhadas e sem fazer o menor barulho, até que eu desse o

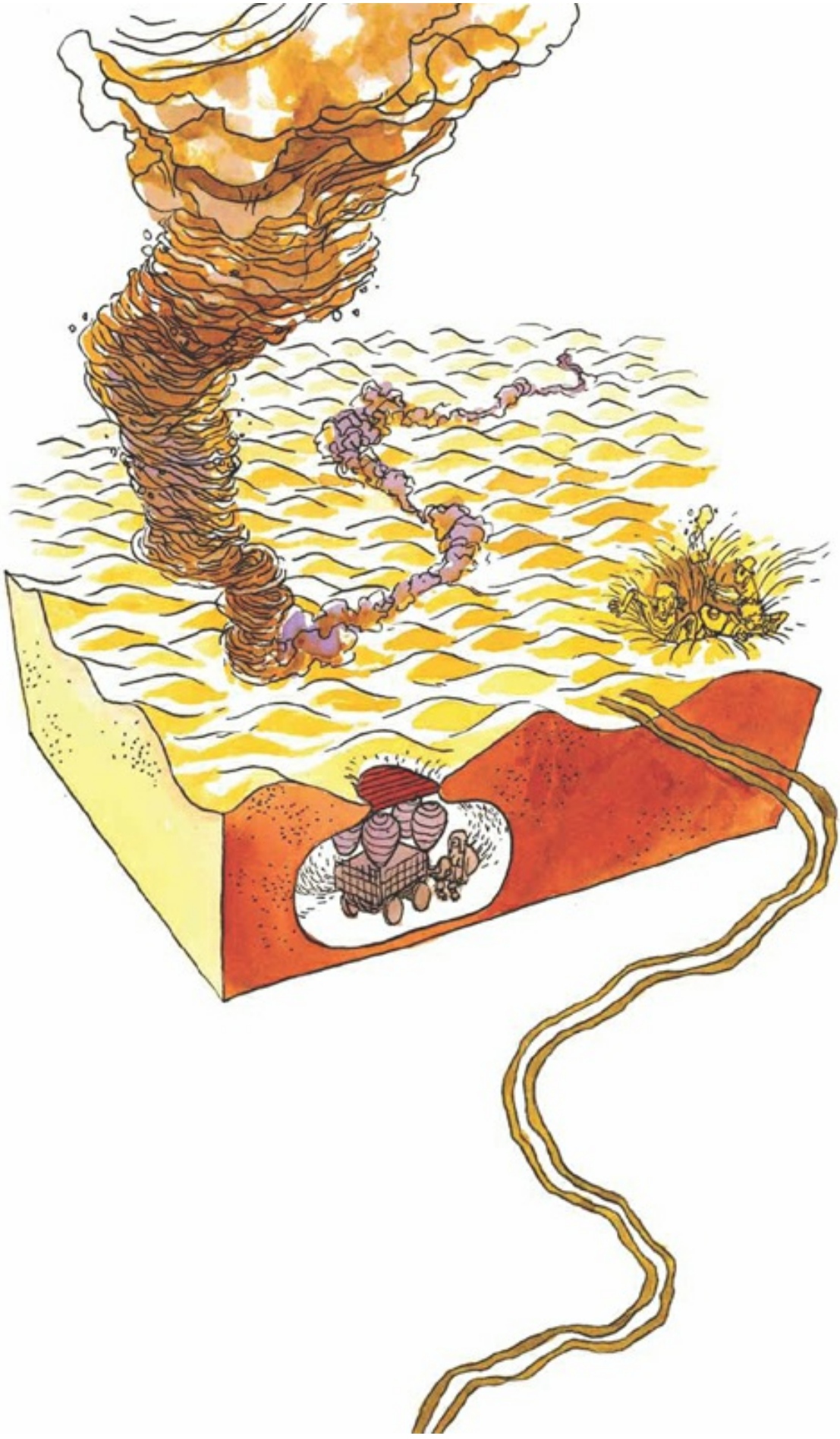
sinal para que disparassem. Foi então que peguei grande quantidade de piche, que trouxera na caravana para esse momento, e o despejei em um círculo ao redor do acampamento, e dentro tracei outro círculo, dessa vez com pólvora. Depois dessas precauções, esperei ansioso pela aproximação dos leões. Esses animais temíveis, sabendo da força de nossos homens, aproximaram-se muito lenta e cuidadosamente, vindos de todos os cantos no mesmo ritmo, rugindo em concerto assustador, que mais parecia um terremoto, ou uma convulsão do mundo. Quando por fim atacaram, pisaram no piche com as patas, farejando-o como se fosse sangue, e lambuzando de piche também as jubas espessas. No mesmo instante, quando pretendiam em conjunto desferir o golpe mortal contra nós, disparei a pistola, mirando o círculo de pólvora, que de imediato explodiu em toda a extensão, fazendo com que os leões recuassem em tumulto geral, afastando-se dali com rapidez. Pouco depois, conseguimos vê-los dispersos pelo mato a certa distância, urrando agoniados, e movendo-se de um lado para o outro como fogos-fátuos, as patas e as jubas inflamadas com o piche e a pólvora. Em seguida, comandei uma perseguição generalizada: fomos atrás deles por todos os recantos da floresta, a luz que eles próprios emitiam nos servindo de guia, até que, antes de amanhecer, alcançamos seus esconderijos e a tiros ou de outro modo abatemos todos. Em seguida, até o final da nossa viagem, nunca mais ouvimos o rugido de um leão, nem nenhum outro animal selvagem tentou atacar o grupo, o que comprova o quanto vale a presença de espírito no momento certo, e o terror inspirado nos inimigos selvagens por um plano adequado e oportuno.

Finalmente, alcançamos os confins de um deserto infinito – uma imensa planície que se estendia a nossa volta como um oceano. Não se via nenhuma árvore, nenhum arbusto, nenhuma folha de grama – apenas uma areia extremamente fina, misturada a pó de ouro e minúsculas pérolas reluzentes. O pó de ouro e as pérolas nos pareceram sem valor, pois não tínhamos a esperança de retornar à Inglaterra muito cedo. À enorme distância, avistamos algo que parecia uma pluma de fumaça bem rente ao horizonte; examinando-a com os telescópios, percebemos que se tratava de um redemoinho recolhendo a areia enquanto a lançava aos céus com força tremenda. Sem hesitar um instante, fiz com que meus companheiros erguessem uma barragem de grandes dimensões ao nosso redor, o que conseguimos após muito empenho; em seguida, a cobrimos com tábuas e toras, que trazíamos. Mal havíamos terminado essa tarefa, a areia se aproximou em ondas como as do mar – era uma tempestade e um rio de areia ao mesmo tempo. Continuou a avançar, sem nenhuma trégua, durante três dias, e recobriu por completo a barragem que tínhamos levantado, soterrando a todos. De tão forte, era insuportável o calor no local, mas quando o barulho parou, imaginamos que a tempestade havia passado e começamos a escavar um

túnel até a superfície, o que fizemos em pouco tempo. Ao sairmos à luz do dia, tudo ao redor fora soterrado pela areia; não mais parecia um terreno com colinas, apenas uma planície contínua, cujas desigualdades ou cristas lembravam ondas no mar. Logo conseguimos libertar o veículo e o séquito da areia quente, tarefa muito perigosa no calor escaldante, e seguimos adiante em nossa travessia. Várias outras tempestades de areia iguais a essa nos atingiram durante o trajeto, porém, recorrendo aos mesmos estratagemas, repetidas vezes conseguimos evitar nossa destruição. Depois de percorrermos mais de nove mil milhas naquela planície inóspita, expostos aos raios diretos e calcinantes do sol, sem jamais encontrar um riacho, sem que uma chuvarada refrescante caísse do céu, estávamos beirando o desespero quando, para nossa inimaginável alegria, avistamos montes muito ao longe e, à medida que nos aproximávamos, notamos que estavam cobertos de bosques. Nada poderia se mostrar mais romântico ou belo do que as rochas e os precipícios cheios de flores e de arbustos de toda espécie, com palmeiras de dimensões tão grandiosas que superavam de longe o que havia na Europa. Frutos de todos os tipos pareciam crescer selvagens em enorme abundância, e antílopes, ovelhas e búfalos perambulavam em grande quantidade pelos campos e vales. As árvores ressoavam com a melodia dos pássaros, e tudo contribuía para formar um cenário de alegria.







XXVI

Depois de passar pelas montanhas ao redor, entramos em um vale muito agradável, onde uma multidão estava reunida para um banquete em que eram servidos touros vivos, cuja carne era cortada com enormes facas, usando a carcaça como mesa, ao som de urros dos pobres animais. Nada era mais assustador nesse festejo, e notamos que havia kava, uma aguardente preparada tal como descreve Cook no relato de suas viagens, e que era bastante consumida por todos. Nessa altura, inspirado por uma ideia de benevolência universal, decidi abolir o costume de comer carne crua e beber kava. No entanto, tinha plena consciência de que não poderia sugerir isso de imediato.

Dias depois, já descansados, decidimos partir rumo à capital daquele império. A peculiaridade da nossa aparência era notada e comentada durante todo o caminho. As multidões fitavam a Esfinge, os touros, os grilos, os balões e toda a comitiva como se estivessem diante de um fenômeno extraterrestre. Mas o que realmente botava terror e medo no coração de todos era o trovejar de nossas armas de fogo.

Enfim, nos aproximamos da cidade, situada às margens de um largo rio, e o imperador, acompanhado de toda a corte, veio nos receber à frente de um formidável cortejo. Estava montado em um dromedário, adornado como rei, com todos os súditos a pé em respeito a Sua Majestade. Com quatro pés e três polegadas, ele era pouco mais alto do que os súditos, e sua pele, igual à de todos os conterrâneos, era tão alva quanto a neve! Antes dele, vinha uma banda tocando a mais fina música, no estilo característico local, e todo o seu séquito parou a cerca de cinquenta passos das nossas tropas. Nós o saudamos de volta com uma salva de disparos de mosquetões e uma fanfarra de clarins e música marcial. Ordenei que nossa caravana também parasse e, desmontando, avancei descoberto, com apenas dois criados, na direção de Sua Majestade. O imperador foi igualmente educado e, descendo do dromedário, veio ao meu encontro. “Muito me contenta”, declarou ele, “ter a honra de receber tão ilustre viajante, e garanto-lhe que, em meus domínios, pode contar com tudo o que lhe for útil ou agradável.”

Após agradecer a Sua Majestade pela generosidade, disse que estava muito surpreso em encontrar um povo tão diferente no interior da África, e que valia demonstrar o quanto eu e meus acompanhantes estávamos gratos por esse acolhimento e que, como resposta, iríamos divulgar entre eles as artes e as ciências da Europa.

Não demorei a descobrir a verdadeira origem daquele povo, que não parecia ser terrestre, e que, na verdade, descendia de moradores da Lua, pois a principal língua falada por lá e aquela usada ali no centro da África eram quase idênticas. O alfabeto e o método de escrita eram praticamente os mesmos e revelam a extrema antiguidade daquele povo, bem como sua origem. Aqui vou lhes apresentar um exemplo de sua escrita: “Sregnah dna skoohtop”.

Pedi que um célebre antiquário analisasse tais palavras, e ficou comprovado, para alegria de todos, a provável existência de um intercâmbio entre os habitantes da Lua e os antigos citas, os quais não ocupavam uma região da Rússia, e sim a área central da África, como pude atestar, por meio de várias pistas. Como vimos, as palavras transcritas no nosso alfabeto formam “Sregnah dna skoohtop”, ou seja, “Os citas são de origem divina”. O termo Sregnah, que significa “citas”, é composto de Sreg ou sre, que está na origem do nosso termo “senhor”; nah, ou gnah, tem o sentido de “conhecimento”, pois os citas reuniam a essência da nobreza e do aprendizado; dna significa “céu”, ou “lunar, pertencente à Lua”, duna, na Antiguidade adorada como divindade daquele luzeiro. E skoohtop indica a origem ou o princípio de algo, de skoo, o termo usado na Lua para designar um ponto geométrico, e top ou htop, “vegetação”. Tais palavras encontram-se até hoje gravadas em uma pirâmide no centro da África, quase junto à nascente do rio Níger. E se alguém discordar disso, ora, que vá até lá e veja por si mesmo.

Em seguida, o imperador me levou até sua corte para espanto geral dos súditos, e nos prestou todas as honras de que era capaz. Nunca se propôs partir para uma expedição sem antes nos consultar e, por nos considerar uma espécie de seres inteligentes, demonstrava respeito pelas nossas opiniões. Muitas vezes, me fazia perguntas sobre as nações da Europa e sobre o reino da Grã-Bretanha, e parecia extremamente admirado ao ouvir o relato que lhe fiz da nossa marinha e da imensidão do oceano. Nós mostramos como se organiza um governo quase da mesma maneira da Constituição britânica, com um Parlamento e diferentes graus de nobreza. Sua Majestade era o último na linha dinástica e, ao falecer, com a aprovação unânime da população, nomeou-me o herdeiro de todo o Império. E assim foi. Imediatamente após sua morte, os nobres e os soberanos locais me procuraram com petições, pedindo que eu aceitasse sentar-me no trono. Antes fui me aconselhar com meus nobres amigos, com Gogue e Magogue e todos os demais. Depois de muito ponderar, concluiu-se que eu deveria aceitar o posto de chefe de governo, mas não como um soberano efetivo e independente, e sim como vice-rei de Sua Majestade da Inglaterra.

Foi então que me ocorreu ter chegado o momento de acabar com o costume de comer carne crua e beber kava. Para isso, recorri a todos os meios de persuasão a fim de afastar esses hábitos da maioria da população. E, para meu espanto, ninguém gostou de tal campanha, com o povo olhando com inveja para aqueles forasteiros que queriam introduzir inovações em seu próprio meio.

Além disso, não podia deixar de me preocupar com aquelas criaturas tão solícitas, semelhantes a mim em relação a tamanha barbaridade. Fiz tudo o que estava ao alcance da vontade de um coração benevolente. A princípio, experimentei todos os métodos de convencimento e estímulo. Não os reprovei com dureza; em vez disso, convidava milhares para o jantar e servia, à moda europeia, apenas carne assada. Infelizmente, em vão! Tudo o que o meu gesto conseguiu foi colocá-los à beira de uma rebelião. Passaram a conspirar, a criticar minhas intenções, minhas concepções ambiciosas e despropositadas, como se eu, ó céus!, pudesse ter algum motivo ou interesse pessoal no desejo de que vivessem não como crocodilos ou tigres. Por fim, dando-me conta de que a gentileza de pouco adiantava, consciente de que a tolerância nenhum efeito teria sobre certos espíritos, e de que a ordem demanda o respeito e a veneração, decidi proibir, sob o risco das penalidades mais graves e dolorosas, que se bebesse kava ou que se ingerisse carne crua, pelo período de nove dias, nos distritos de Angalinar e Paphagalna.

Essa medida, no entanto, despertou tal aversão e ódio ao meu governo que os ministros, e até mesmo eu, nos tornamos alvo de críticas; ofensas, sátiras, chacotas e insultos desabavam sobre o nome Munchausen sempre que este era mencionado. Em consequência, jamais houve um governo tão detestado, ou odiado tão sem motivos.

Diante desse dilema, recorri aos conselhos do nobre amigo Hilaro Frosticos. Do bom senso dele eu esperava alguma saída, pois o restante do Conselho, que me recomendara ordenar a proibição, apenas dera um exemplo lamentável de sua falta de discernimento, caso contrário a situação teria tido um final mais feliz. Resumindo: foi com estas palavras que ele se dirigiu a mim e ao Conselho:

"É inútil, nobre Munchausen, que Sua Excelência se empenhe em obrigar esse povo a hábitos nunca antes vividos. Em vão o senhor vai insistir para eles que as tortas de maçã, os pudins, a carne assada e as tortas de carne são alimentos deliciosos, ou mesmo que o açúcar é doce, ou o vinho deleitável. Ai de nós! Não é dessa maneira que eles entendem o que é algo delicioso, algo adocicado, ou qual

é o sabor da uva. E mesmo se estivessem convictos da qualidade de seu modo de vida, jamais, jamais se deixariam convencer. E não se deixariam convencer só pelo fato de serem submetidos à própria força de persuasão. Melhor, portanto, deixar de lado tal ideia por enquanto; melhor tentar outro remédio. O que me ocorre, portanto, é que devemos parar de imediato todas as tentativas de persuadi-los. Em vez disso, caso seja viável, poderíamos trazer da Inglaterra uma boa quantidade de nonada de chocolate e distribuí-la por todo o país. E com essa distribuição, suponho – não, tenho certeza –, que conseguiremos resgatar esse povo do horror e da barbárie."

Se essa proposta tivesse sido feita em outro momento, teria sido imediatamente rejeitada pelo Conselho. Agora, porém, quando todos os caminhos haviam se mostrado inúteis, quando não parecia restar nenhum outro recurso, de bom grado a maioria se manifestou a favor daquilo que mal entendi, pois não tinha absolutamente a menor ideia de como colocar em prática, ou das possibilidades de sucesso, ou mesmo de como dar os primeiros passos na direção proposta. No entanto, era uma proposta, e como tal foi apresentada. Da minha parte, ouvi admirado as palavras de Hilaro Frosticos porque sabia que ele tem profundo conhecimento da espécie humana, e da qualidade de instigá-la e persuadi-la para que alcançasse a própria felicidade, assim como o bem geral. Portanto, seguindo a sugestão de Hilaro, despachei um balão com quatro homens para que sobrevoasse o deserto e tomasse o rumo do cabo da Boa Esperança, com cartas que seriam enviadas à Inglaterra, solicitando, o quanto antes, carregamentos de nonada.

Durante todo esse tempo, o povo continuava inquieto e reclamão. Tudo o que o rancor, a falta de espírito e a ignorância poderiam conceber para atingir meu governo – tudo foi posto em prática. As ações mais recompensadoras, mais beneficentes, tudo o que era mais agradável acabou se transformando em oposição.

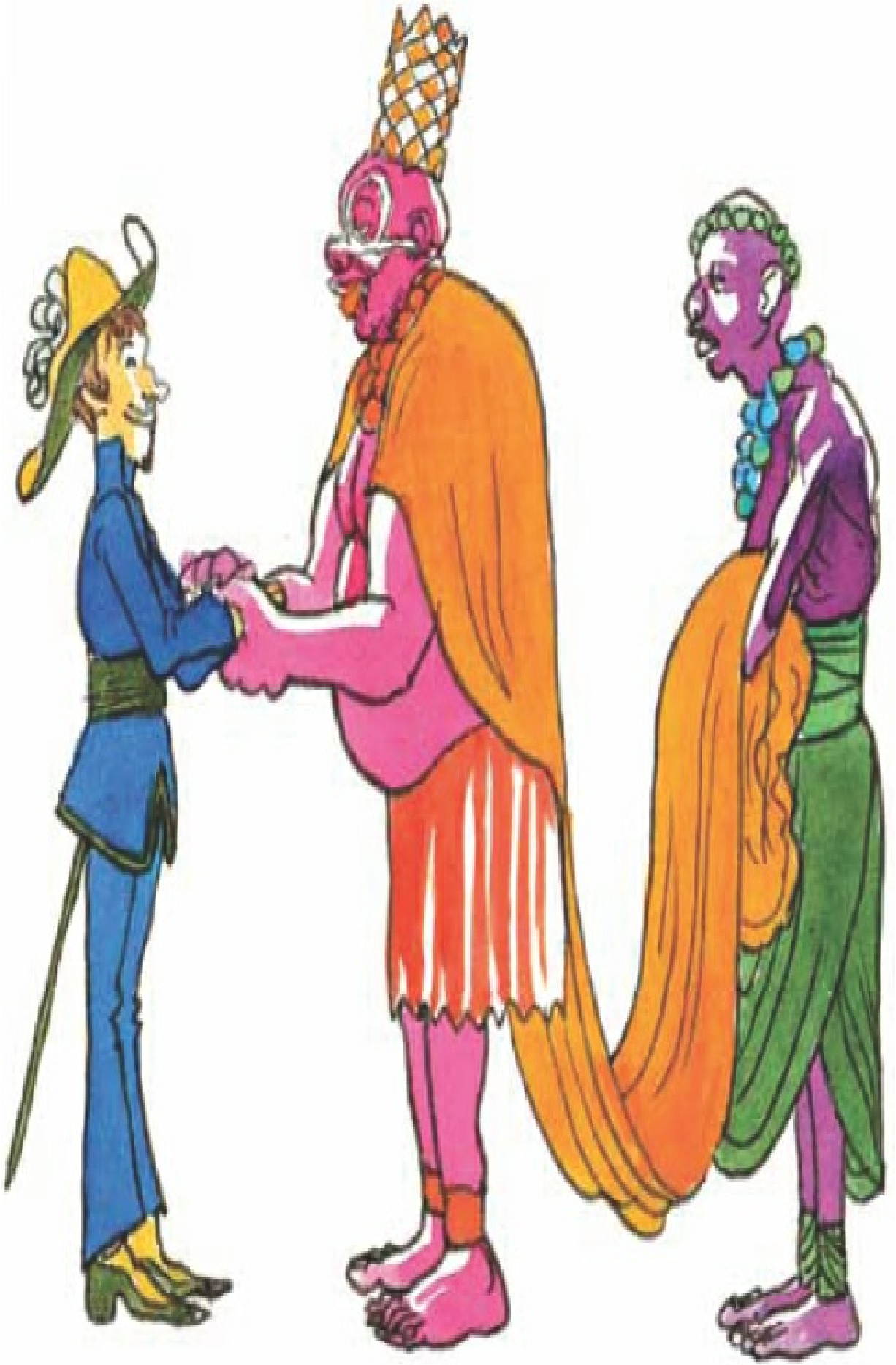
O coração dos Munchausen não foi feito de substância impenetrável a ponto de ser insensível ao ódio em todo o reino. Certa ocasião, em uma Assembleia Geral das Classes, tomado pela ideia de tanta ingratidão, falei da maneira mais emocionante possível, e não de modo indigno, na tentativa de movê-los a meu favor. Ressaltei que o bem geral e a felicidade do povo eram tudo o que eu mais queria e desejava; que, se as minhas decisões haviam sido equivocadas, ou mal compreendidas, ainda assim não tinha outro desejo, nem outra vontade que o bem-estar de todos etc. etc.

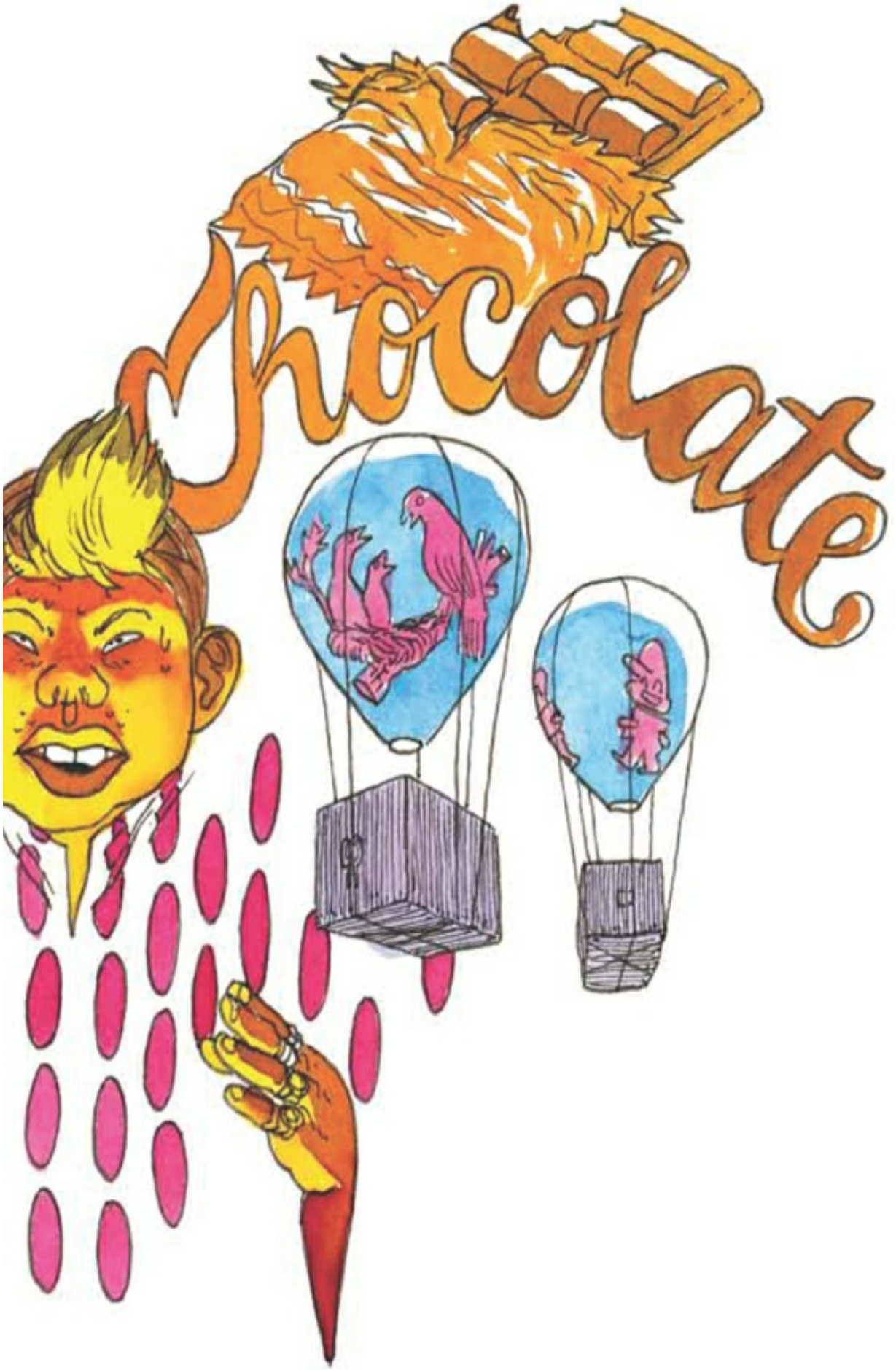
Hilaro Frosticos mostrou-se nesse momento muito perturbado. Ele me olhou seriamente – franziu as sobrancelhas, mas ficou tão encantado com o ardor que jorrava de meu coração, das minhas intenções, que não o entendi. Em um instante, vi tudo como por através de um véu – os lordes, os nobres, os soberanos –; toda a assembleia parecia flutuar diante de meus olhos. Quanto mais pensava em minhas boas intenções, nas calúnias que tanto feriam minha sensibilidade, minha natureza benévola, minha ternura – já não mais fazia conta de mim –, não me contive e falei de maneira abrupta, apressada: "beneficência, ardor, ternura". Ai! ai! acabei me desfazendo em lágrimas!

"Quieto! Quieto!", exclamou Hilaro Frosticos.

Bem, com isso, meu governo de fato virou alvo de impropérios, sátiras, ridículo, contrariedades. Um dia, com os braços cheios de folhetins, me assustei ao ver Hilaro entrar na sala, as lágrimas brotando de meus olhos: "Veja, veja isto, Hilaro! Como posso aguentar isso? Não há como contentar essa gente. Vou abandonar esse governo – não aguento mais! Veja o que essas anedotas lamentáveis – o que elas dão a entender… Ah, eles vão ver, vou largar tudo isso!".

Bobagem!", disse Hilaro. Com essa simples palavra, me vi energizado, como por magia! Sempre considerei Hilaro alguém muito experiente – tanta força, tanto bom senso. "Há três veleiros, sob a proteção de uma fragata", prosseguiu Hilaro, "que acabaram de aportar no cabo, depois de uma travessia de sucessos, carregados com a nonada que solicitamos. Não há tempo a perder. Que esse carregamento seja trazido o quanto antes para cá e distribuído pelos principais celeiros do Império."




chocolate

XXVII

Pouco depois, fiz com que fosse publicada a seguinte proclamação na Gazeta da Corte e em todos os outros diários do Império:

> PELO MAIS PODEROSO E INFLUENTE SOBERANO,
>
> SUA EXCELÊNCIA
>
> O SENHOR BARÃO DE MUNCHAUSEN
>
> Considerando que certa quantidade de nonada foi distribuída por todos os celeiros imperiais para usos específicos, e considerando que os locais sempre exprimiram aversão a todo tipo de alimento europeu, declaro por meio desta que ficam estritamente vedados, sob pena das mais severas punições, a qualquer dos funcionários encarregados de cuidar dos carregamentos de nonada acima mencionados, a doação, a venda ou o desvio para fins comerciais de qualquer parcela ou quantidade do mencionado material, até que estas medidas sejam conveniente arranjadas segundo a nossa boa vontade e disposição.
>
> Datado e assinado em nosso
>
> Castelo de Gristariska,
>
> neste Triskill do mês de Griskish,
>
> no ano de Moulikasra-navas-kashna-vildash

Essa proclamação despertou intensa curiosidade por todo o Império. "O senhor sabe o que é essa tal de nonada?", perguntou Lady Mooshilgarousti a lorde Darnarlaganl.

"Nonada!", replicou ele, "Nonada! Não… que nonada?"

"Estou me referindo", reiterou a nobre senhora, "à enorme quantidade de nonada que se encontra armazenada, sob a proteção de guardas, em todos os redutos do Império, e cuja venda ou distribuição a qualquer pessoa é estritamente proibida, sob pena dos mais severos castigos…"

"Santo Deus!", exclamou ele. "O que pode ser essa maravilha? Proibida! E por que estaria sendo proibida? Mas diga-me, Lady Fashashash, a senhora faz ideia do que seja essa nonada? E o senhor, lorde Tratillauex? Senhorita Gristilarkask? O quê! Mas ninguém sabe nada a respeito dessa tal nonada?"

E assim, por vários dias, esse foi o principal assunto das conversas em todo o Império. Nonada, nonada, nonada – a palavra ressoava em todas as reuniões e em todos os cantos, desde o amanhecer até o pôr do sol; mesmo à noite, quando o sono suave revitalizava o restante dos mortais, as mulheres nobres de todo o Império não sonhavam com outra coisa que não fosse a nonada!

Palavra de honra", disse Kitty, enquanto ajustava o vestido diante do espelho, logo depois de se levantar, "não há quase nada que não estou disposta a fazer para saber o que vem a ser essa nonada."

"Ora, minha cara", replicou a srta. Killnariska, "e eu que passo a noite inteira sonhando com isso. Até pensei que o meu amante me beijava a mão, e a apertava contra o peito, enquanto eu, tremendo, tentava me desvencilhar; que se ajoelhara aos meus pés. Não, nunca, nunca vou lhe retribuir o olhar, exclamei, até que descubra algo sobre a nonada, ou mesmo obtenha um pouco dela. Vá embora! Não me apareça mais aqui se não arranjar essa nonada maravilhosa. Ele me prometeu, por sua honra de cavalheiro, que sairia vagando pelo mundo, enfrentando todos os perigos, e até pereceria, se necessário, a fim de atender ao anjo que lhe arrebatara a alma."

Os soberanos e os nobres da nação, quando se reuniam para beber kava, também não conseguiam falar de outro assunto além da nonada. Homens, mulheres e crianças, ninguém se interessava por nada que não tivesse a ver com a nonada. Era uma tremenda onda de curiosidade, uma fermentação generalizada, uma febre universal – que somente poderia ser satisfeita e acalmada pela nonada.

Porém, em um aspecto todos estavam de acordo: o governo devia ter naquilo um interesse muito forte, caso contrário não teria dado ordens tão precisas para a preservação da nonada, nem impedido o acesso dos súditos imperiais a ela. Originárias dos quatro cantos do país, começaram a chegar para mim inúmeras petições, de todas as corporações e agremiações do Império. A maioria das pessoas instigava seus representantes, e o próprio Parlamento apresentou uma petição, implorando que eu tivesse a bondade de levar em conta a ansiedade da população e desse ordens para satisfazer a curiosidade do povo, a fim de evitar consequências mais pavorosas. A esses pedidos, por recomendação

do meu Conselho, não respondi de imediato, ou, no melhor dos casos, apenas dei respostas vagas. A curiosidade consumia todos; já não se lembravam de insultar o governo, tão empenhados estavam em saber o que era afinal aquela nonada. A grande Assembleia dos Estados não conseguia discutir nenhum outro tema. Em vez de promulgar leis que regulamentassem as atividades do reino, em vez de discutir as soluções que lhes pareciam mais sensatas e excelentes, só conseguiam ocupar o tempo cogitando, falando e discutindo sobre a nonada. Em vão o líder da maioria os chamava à ordem; quanto mais eram censurados, mais extravagantes e inquisitivos se tornavam.

Em resumo: em muitos locais, o povo rebelou-se da maneira mais escandalosa e tumultuada e, ao mesmo tempo e em toda a nação, invadiu os celeiros e distribuiu os estoques de nonada por todo o Império. Fosse devido à vontade reprimida, à enorme curiosidade, à força da imaginação ou à índole da população – não há como saber –, o fato é que apreciaram imensamente a nonada. Foi uma intoxicação de alegria, satisfação e aplauso.

Constatando o quanto apreciaram a nonada, mandei vir outro tanto da Inglaterra, em quantidade bem maior que a anterior, e meticulosamente a distribuí por todos os meus domínios. E assim o afeto do povo foi reconquistado e, dali em diante, meu governo passou a ser venerado, aplaudido e admirado mais do que nunca. A ode seguinte foi declamada no castelo, no mais elevado estilo, para admiração geral:

ODE

Vós, touros e grilos, e Gogues e Magogues,

E os clarins soando claros toques

Venham entoar em coro todos os ós

Maravilhosos, fogos e bons votos!

Grande e soberbo assoma teu barrete franco,

Admirado e venerado como o sol levante;

Solene, majestoso, sábio, como o tempo branco

E renomado também por virtude, senso e desplante.

Então reforça a estirpe com canto nobre

E elegância divina,

Enquanto deusas em torno acorrem,

Assim todas as nove musas.

E touros, e grilos, e Gogues e Magogues,

E os clarins soando claros toques

Vão entoar em coro todos os ós

Maravilhosos, fogos e bons votos!

Essa exemplar poesia foi muito aplaudida, admirada e repetida em todas as reuniões públicas, celebrado como impressionante empenho. E a música, composta por Minheer Gastrashbark Gkrghhbarwskhk, elevada à mesma exaltada altura das palavras! Nunca houve nada tão universalmente admirado, o píncaro da espirituosidade mais requintada, os cânticos mais apropriados, a música mais excelente.

"Por minha palavra de honra, e a fé que tenho por meu amor", declarei, "a música pode ser discutida na Inglaterra, mas almejar a própria alma da harmonia, para o mundo só é possível com a declamação dessa ode."

Nesse momento, Lady Fragrantia tamborilava com os dedos a borda do leque, absorta em devaneio, imaginando que estivesse tocando um – o quê? um piano?

"Não, minha querida Fragrantia", disse eu, ternamente tomando-a nos braços enquanto ela rompia em lágrimas, "jamais, jamais vou tocar qualquer outro…!"

"Oh, que divina!, contemplá-la como a uma manhã de verão, toda corada e vestida de orvalho!"

XXVIII

"E agora, nobilíssimo Barão", disse o ilustre Hilaro Frosticos, "agora chegou o momento de fazer esse povo se empenhar em algum projeto interessante para nós. Aproveite que eles estão nessa fermentação espiritual, não permita que voltem aos antigos pensamentos; faça com que comecem a trabalhar de imediato." Assim, para abreviar a história, a nação inteira lançou-se em vigorosa atividade, a fim de construir algo que jamais fora visto em outras partes. Cuidei que tivessem bastante kava e nonada que tanto gostavam, e eles se esfalfaram como cavalgaduras. A Torre da Babilônia, que, segundo Hermogastricus, tinha sete milhas de altura, ou mesmo a Muralha da China, nenhuma delas passava de mera ninharia quando comparada a essa estupenda construção, que foi terminada muito rapidamente.

Ela alcançava uma altura imensa, muito além de tudo o que já fora edificado, mas sua ascensão era tão suave que um regimento de cavalaria, arrastando peças de artilharia, era capaz de subir ao cume com perfeita comodidade e facilidade. Mais parecia um arco-íris no céu, com uma das pontas no centro da África, e a outra se inclinando até a Grã-Bretanha. Tratava-se de uma ponte, e não havia outra que lhe superasse em grandiosidade, e como construção de alvenaria não era ultrapassada nem mesmo pelas obras de Sir Christopher Wren. Deve ter sido maravilhoso formar um arco tão formidável, sobretudo quando se sabe que os artesãos tiveram de superar obstáculos que não poderiam encontrar em nenhum outro arco no mundo – e com isso estou me referindo à atração da Lua e dos planetas. Pois um arco de tão grande elevação – e, em alguns trechos, tão distante da Terra – chega em grande medida a escapar à força gravitacional do centro do nosso globo; ou melhor, pode ser mais facilmente afetado pela atração gravitacional dos planetas. Com isso, as pedras do arco, imaginava-se, em certos momentos ficariam prestes a cair para cima, até a Lua, ao passo que em outros momentos tendiam a rolar para baixo, na direção da Terra. Todavia, como o que mais se temia era o primeiro caso, assegurei a estabilidade da estrutura por meio de um aparato muito curioso. Ordenei que os arquitetos recolhessem a cabeça de uma centena de parvos e cabeças- -duras e as incrustei na superfície interna do arco, a determinados intervalos em toda a extensão da ponte; dessa maneira, o arco ficou perfeitamente consolidado, com sua inclinação em relação à Terra fixada por toda a eternidade. E isso se explica porque, de todas as coisas no mundo, os crânios dessa espécie têm a curiosa propensão de afundar até o centro do globo.

Assim que a ponte ficou pronta, fiz com que uma inscrição fosse entalhada no ápice do arco, em estilo magnífico e com letras tão grandes e vistosas que

podiam ser lidas no céu com facilidade por todas as embarcações a caminho ou retornando das Índias Orientais ou Ocidentais, tal como o lema de Constantino.

KARDOL BAGARLAN KAI TON FARINGO SARGAI RA

MO PASHROL VATINEAC CAL COLNITOS RO NA FILNAT

AGASTRA SA DINGANNAL FANO

E o significado disso é: "Enquanto existir esta ponte e este penhor de união, o povo será feliz. Tampouco pode toda a força do mundo afetá-los, a menos que a Lua, desviando-se da sua rota costumeira, atraia os crânios a ponto de provocar uma elevação súbita, fazendo com que tudo desmorone na mais horrível confusão".

Assim se estabeleceu uma fácil comunicação entre a Grã-Bretanha e o centro da África, o que permitiu que muitos viajassem com frequência de um país a outro; e, por um pedido meu, um serviço de carruagens postais foi organizado e mantido na ponte entre ambos os impérios. Após algum tempo, tendo colocado em prática as questões de governo, solicitei permissão para abdicar do trono, pois uma grande conspiração se organizara contra mim na Inglaterra. Com isso, recebi ordens de retorno e me preparei para tomar o rumo da Velha Inglaterra.

Parti em meio aos aplausos e à admiração geral. Fiz a travessia com a mesma comitiva que antes me acompanhara – a Esfinge, Gogue e Magogue etc. – e atravessei a ponte, flanqueada por fieiras de árvores, adornada com grinaldas de flores variadas e iluminada com luzes coloridas. Seguimos com grande rapidez e a ponte era tão comprida que mal nos dávamos conta da subida; com isso, avançamos sem perceber até alcançar o centro do arco. A vista que tínhamos daquele ponto era a mais bela que se pode imaginar; lá embaixo vislumbrava-se uma perspectiva divina dos reinos, mares e ilhas. De maneira geral, a África apresentava um tom pardo e requeimado, crestado pelo Sol; a Espanha parecia tender ao amarelado, devido aos campos de trigo espalhados pelo reino; a França exibia tendência para uma reluzente coloração de palha, mesclada a trechos esverdeados; e a Inglaterra se mostrava recoberta pela mais abundante vegetação. Admirei a aparência do mar Báltico, que evidentemente parecia ter se intrometido entre aqueles países pela repentina rachadura da terra, uma vez que originalmente a Suécia estava unida à costa ocidental da Dinamarca. Em suma, todo esse interstício do golfo da Finlândia não existia até esses países, por consenso mútuo, terem se afastado uns dos outros. Tais eram as minhas meditações filosóficas enquanto cruzava a ponte, até que notei um homem com

armadura e uma enorme lança ou chuço, montado em um cavalo e avançando na minha direção. Logo vi pelo telescópio que não poderia ser outro além de Dom Quixote, e com isso me preparei para um encontro bem divertido.

XXIX

"Quem é o senhor?", exclamou Dom Quixote, do alto da imponente montaria. "Quem é o senhor? Fale! Ou, pela vingança eterna do meu braço, toda a sua maquinaria vai perecer ao som da minha trombeta!"

Pasma diante de saudação tão rude, a grande Esfinge ficou paralisada e, ofendida, recolheu a cabeça, como uma lesma ao encostar em algo que a desagrada. Já os touros eclodiram em um feroz bramido, os grilos estridularam alarmados, e Gogue e Magogue se postaram à frente de todos. Um desses irmãos poderosos empunhava um enorme varapau, em cuja ponta havia uma corda com cerca de dois pés e, amarrada nela, uma bola de ferro, com cravos eriçados como os raios de uma estrela; com essa arma ele se preparou para o combate e, adiantando-se, assim falou: "Ousada criatura!, que desse modo vestida, com armadura completa, ousa atravessar meu caminho e parar o grande Munchausen. Prepare-se então, orgulhoso cavalheiro, pois será esmagado pelo meu braço poderoso".

Ao que Quixote, o cavalheiro de La Mancha, respondeu sem titubear: "Monstro agigantado! Condutor de bruxas, grilos e quimeras medonhas! Fique sabendo que aqui, sob o azul profundo do firmamento, a causa da verdade, do valor e da fé reta e pura vai lhe impor dura provação em contrapartida!".

Assim falou e, empunhando a poderosa lança, teria de imediato realizado sublimes golpes, não houvesse um sujeito colocado sob a cauda do Rocinante um arbusto espinhento, sobre a qual o quadrúpede deitou, e no mesmo instante o cavaleiro urrou o abrenúncio em prol de sua vida.

No mesmo momento, dez mil rãs saltaram do capacete de Gogue e Magogue e atacaram furiosamente o cavaleiro por todos os lados. Em vão ele vociferou e invocou a bela Dulcineia del Toboso, pois o coaxar desenfreado das rãs soava ainda mais alto e ruidoso do que todas suas invocações. E assim, no vil combate, o cavaleiro foi vencido, e ficou coberto de ovas que lhe escorriam por todo o reluzente capacete.

Detestáveis criminosos!", berrou o cavaleiro. "Sumam daqui! Só feiticeiros medonhos e bruxos poderiam finalizar essa árdua tarefa: derrubar o cavaleiro de La Mancha, impor-lhe essa vil derrota e combate, tal como jamais se viu antes. Ó, ouça-me, ouça-me, ó Del Toboso! Ouçam-me os votos, em meio à angústia que me paralisa a alma, em meio às rãs, Gridalbin, Hecaton, Kai, Talon e Rove. Merlim emplumou-lhes o voo pelos ares, e depois no aquoso luar mergulhou o

excêntrico bastão. A um toque, dez mil rãs, em estranha metamorfose, ainda assim coaxaram. E aqui vêm elas, por ordem mais exaltada, difamar o cavaleiro que antes defendia a renomada castidade, e as matronas todas injuriadas, e os envelhecidos romeiros, assim as praxes corteses de todos! Mas já se foi a era da cavalaria, e extinguiu-se para todo o sempre a glória da Europa?"

Assim falou e, de repente, o bom lorde Whittington, no comando de esplêndida exibição, destacou-se, com antiga armadura de cavalaria, e capacetes antigos nas tropas, com todas as fitas, estandartes e bandeiras brilhando alegres em tons de vermelho, ouro e púrpura. Nas mãos, escudos quadrados de pão de mel, todos com fino lavor dourado, eram empunhados com solenidade. A uma palavra, dez mil milhares de biscoitos de nata, bolachas, pãezinhos doces, panquecas e chapéus de pão de mel apareceram no ar, como uma enorme tempestade de moinhos, ou quando chovem nuvens inteiras de cães e gatos.

Assustadas e apavoradas, as rãs esqueceram as notas e a melodia, antes tão terrível, e sufocaram os gritos do renomado cavaleiro, calando maravilhadas ao ouvir as palavras de Whittington, tidas com muita seriedade: "Bruxos, quimeras medonhas ou rãs, seja qual for o encantamento que se apresente em forma antiga, prestem atenção e ouçam as palavras de paz; e o senhor, meu bom arauto, leia em alto e bom som a Lei contra Distúrbios!".

Ele terminou, e sombrio era o tom que se evaporava com suavidade do coro inteiro das rãs, que haviam se petrificado de terror, não tivessem os temidos Gogue e Magogue, ambos com varapaus, levados ao alto por leves bexigas presas por cordões, atacado Sua Senhoria. De tempos em tempos, as bexigas voavam altas sobre ele, proclamavam sua fúria contra a legislação impositiva, ou a coerção da maioria. E então, submisso, dirigiu-se a Whittington, com astúcia, aos cavaleiros que o atacavam: "Gogue, Magogue, renomados e famosos! Por que, meus filhos, investem contra seu pai, amigo e chefe? Pretendem, assim armados de vis bexigas, atacar o título, a eminência e a pompa sublimes que me correspondem? Acalmem-se, desavença indigna, e retornem à legítima vassalagem. Considerem, meus amigos, quantas vezes não estufei seus barrigões, só com carne e banha de tartaruga. Lembrem-se do quanto se enriqueceram, ficando sem trabalhar durante eras, até adquirirem esse volume imenso. E pensem em quão honroso é servir Munchausen e, sobre os mares, gelados, salobros, singrar a ritmo das marés, empenhando-se pela eternidade como se estivessem ainda mais baixo que os cativos de Argel e Trípoli. E mesmo que no alto, tal como balões, os céus tenham cruzado, sobre um arco-íris ou magnífica ponte, como se em terra não tivesse ele cuidados suficientes para perturbar suas poderosas servidões, e ainda precisasse buscar no firmamento outros motivos de

trabalho penoso! Lembrem-se então, amigos, por que e de onde veio essa vontade de atacar seu legítimo governador, ou de ignorar seus afazeres? Ou, por que e de onde veio tal decisão de servir a esse alemão, lorde Munchausen, que por todo esse empenho os recompensará somente com nonada e golpes heroicos em combate? Parem tudo isso, portanto, e com boa vontade reatem a amizade edílica, incisiva, consequente e sóbria".

Então, parou de falar, respeitoso e correto, quando os dois campeões de guerra interromperam o combate e, em sinal de retomada da paz e da união, deixaram as armas sob os pés. De repente, a um sinal, cada qual bateu o pé esquerdo, e o eco causou o estouro das bexigas, atordoando todos os ouvidos ao redor, como o trovejar de um trovão agitando do alto a terra e o céu.

Acomodado novamente na sela, o cavaleiro de La Mancha ergueu-se e, equilibrando a lança na mão, galopou a toda velocidade contra a tropa de touros. E o senhor, espalhafatoso Crillitrilkril, para quem nenhum grilo jamais, em nenhuma rústica lareira ou chaminé enegrecida, trilou com mais contentamento suas canções, ainda que tenha o senhor perecido, e aos berros entregue a alma, à mercê de toda brisa; pois mesmo quando esse coração tão aprazível e alegre foi trespassado com violência pela lança de La Mancha, enquanto o senhor cavalgava entre os cornos que coroavam Mowmowsky. E agora avançava Whittington, vestindo armaduras antigas e os poderosos Magogue e Gogue, e com o bastão mágico tocou a testa de todas as rãs, que ficaram mudas e pasmadas, e nesse instante, formando um coro de saudação universal, passaram a entoar cânticos de júbilo e contentamento, e todas juntas, rebeladas, atacaram as minhas tropas.

Ainda que enorme, gigantesca, a Esfinge parecia naturalmente desprezível e covarde e, ao ver-se diante da tempestade de pão de mel, de Magogue, Gogue e Quixote, de todas essas forças voltadas contra ela, assustou-se, emborcando a barcaça, os balões e tudo mais; o bramido dos touros ficou mais alto e medonho, e o choque das rodas e o caos da terrível confusão ressoaram por todos os confins da terra e do céu. Redobrando as forças no ataque, o grande lorde Whittington arrancou, de sua bolsa de courinho, a famosa Grimalkin. Aos berros, atacou com violência contra os touros atarantados; como um raio, Grimalkin jogava dardos de um lado para o outro, e assim arrancou metade dos olhos de meus soldados. Tampouco podiam os condutores das carruagens, os grilos em cadeiras sublimes, escapar da ira e da fúria tão hostil de canhões em matança no mar tempestuoso. O grande Mowmowsky gritou vigorosamente e mergulhou na angústia, furtando-se a todo o dardejar feroz dos olhares incandescentes de Grimalkin. Terrível o estrondo da batalha e dos grilos, do Quixote e de Magogue na arena; com Whittington exclamando no ataque: "Avante, amigos e guerreiros, desbaratem

por completo o inimigo". Assim falou, empunhando alto o poderoso bastão, com o qual ia tocando e encantando cada touro, que passava então a urrar, enquanto o temível encanto devorava suas entranhas. Tudo teria naufragado por completo, em batalha mais que mortal, não fosse pelo fato de que, assim como Netuno se ergueu das profundezas tempestuosas, me elevei como imponente torre sobre as ruínas dos exércitos em combate. Sereno e calmo, ali permaneci, olhando ao redor, impávido; tampouco tive de dirigir minha raiva contra o adversário. Todavia, de repente, das bolsas da carruagem jorrou a nonada em grande quantidade, espalhando-se por toda a parte sobre a multidão em luta. E tal como a velha Catarina ou a sensata Joana têm de distribuir entre as galinhas pedaços e migalhas de pão, as aves ficam contentes e engolem apressadas os fragmentos disponíveis em meio à abundância e à paz fraterna, e aos sussurros de "calma", como diziam elas, "calma! calma!".

XXX

Ao retornar outra vez à Inglaterra, minha volta foi recebida com a maior festa: a cidade inteira parecia brilhar de tanta luz, e o Colosso de Rodes, ao ouvir falar das minhas espantosas façanhas, veio à Inglaterra especialmente para me parabenizar pelas incomparáveis conquistas.

Porém, para além dos festejos pelo meu retorno, o mais magnífico de tudo foi o oratório musical e a marcha triunfal. Gogue e Magogue receberam ordens de tomar a Torre da Donzela em Windsor e dela fazer um grande tambor ou tamborim. Por isso, cobriram o topo da torre com a pele de um elefante, especialmente curtida e preparada, de um lado a outro dos parapeitos, de modo que a pele de elefante esticada encaixou no castelo da mesma maneira que um pergaminho encaixa em um tambor – e o resultado foi que todo o edifício se tornou um imenso instrumento de guerra.

Para equiparar-se a isso, o Colosso de Rodes simplesmente tomou os prédios de Guildhall e da abadia de Westminster e virou-os de cabeça para baixo, com os alicerces voltados para o céu. Em seguida, amarrou-os de um lado a outro com fios de cobre e de aço, fazendo com que adquirissem a aparência do mais requintado saltério. Em seguida, tomou a grande abóboda de St. Paul, erguendo-a do chão com a mesma facilidade com que faríamos com um jarro de clarete. E, assim destacado, o domo mais parecia uma jarra. Além disso, o Colosso arrancou a parte superior da cúpula com os dentes e, levando o instrumento aos lábios, fez com que soasse como uma trombeta. E o que se ouviu foi algo como uma banda marcial: Tantará! Tará! Tá!.

Durante o concerto, passeei pelo parque com Lady Fragrantia, que naquela manhã usava um vestido claro, uma chemise à la reine.

"Adoro", começou ela, "o orvalho matinal, tão delicado e etéreo, e quando ele respinga em mim, acho que me aproxima da natureza da rosa", pois a aparência dela é como a da Aurora… "E, a fim de acentuar o rubor, pretendo ir para as termas."

"E beber da nascente de Podhon?", acrescentei, olhando para ela da cabeça aos pés.

"Sem dúvida", respondeu a adorável Fragrantia, "esse é o meu maior desejo; é a bebida da doçura e da delicadeza. Nunca houve criaturas como as que

frequentam os balneários e ali desfrutam das fontes. Mais parecem as flores sedentas de um pessegueiro, absorvendo a umidade em meio ao calor escaldante. Há algo nas águas que revigora o organismo todo e dilata o coração com arrebatamento e carinho. E como bebem! Deuses do céu! E depois, como dormem! Conte-me, meu caro Barão, o senhor já teve a oportunidade de contemplar as cataratas do Niágara?"

"De fato, minha senhora", respondi, surpreso com associação de ideias tão bizarra. "Lá estive, muitos anos atrás. E não encontrei mais dificuldade ao nadar para cima e para baixo das cataratas quanto o teria dançando um minueto…"

Nesse momento, ela deixou tombar o ramalhete de flores.

"Ah!", disse, quando coloquei o ramalhete de volta nas mãos dela, "não há muita variedade nessas primaveras-dos-jardins. Não preciso lembrá-lo, meu caro Barão, de que o gosto na escolha das flores é tão fundamental quanto em qualquer outra coisa, e se fosse uma jovem de dezesseis anos iria usar botões de rosa no regaço, mas aos vinte e cinco creio que seria mais adequado uma rosa desabrochada, madura, e prestes a tombar do galho caso não seja colhida – ai de mim!"

"Mas diga-me, minha senhora", perguntei, "o que lhe pareceu o concerto?"

"Ai! Ai!", retrucou, delicadamente apoiando a mão em meu ombro, "o que são para mim essas vibrações e esses sons incorpóreos? E, no entanto, que refinada doçura nas canções da região norte da nossa ilha – 'Você vai se afastar de mim, Mary!'. Que patéticas e divinas as pequenas árias da Escócia e das Hébridas! Mas nunca, nunca posso pensar naquele mesmo dr. Johnson – naquele policial, como o chamou Fergus MacLeod –, porém faço uma ideia de uma grande peruca parda e espessa, e um tonel de cerveja! Ó, aquilo foi humilhante! Ser tratado por todos os lados com educação e hospitalidade e, em troca, invejosamente achar defeitos em todos; percorrer a região de 'Kate of Aberdeen', de 'Auld Robin Gray', em meio à inocência e à singeleza rústicas, erguer as suas mantas escocesas, e dançar. Ó! Doutor, Doutor!"

"É o que a senhora diria, Fragrantia, se fosse escrever sobre uma excursão às Hébridas?"

"Paz aos heróis", respondeu, em tom delicado e teatral. "Paz aos heróis que descansam na ilha de Iona; os filhos das ondas, e os chefes do escudo pardo-escuro! A lágrima do forasteiro simpatizante se dispersa pelo vento sobre os gastos

rochedos enquanto medita dolorosamente sobre os tempos de outrora! Isso eu poderia dizer, sentada sobre um túmulo ou um monte de pedras druida. Não há como fugir disto: em tudo há um modo certo e outro errado de se fazer, e há mais prazer em pensar com pura nobreza de coração do que nas desavenças sórdidas e no sarcasmo de um patife."

XXXI

A disputa entre Gogue e Magogue, a Esfinge, Hilaro Frosticos, lorde Whittington etc. foi muito produtiva e resultou em intermináveis controvérsias jurídicas. Todos os advogados do reino foram convocados, tornando a questão tão complexa e incerta quanto possível. Por fim, a nação inteira ficou interessada, dividindo-se no apoio aos litigantes. O Colosso tomou o partido da Esfinge, e a questão afinal foi submetida à análise minuciosa de um conselho superior, que se reuniu em um imenso salão, com cadeiras variadas e o formato de anfiteatro. Não havia nada de mais imponente e esplêndido em todo o mundo. Um tribunal ou júri com uma centena de matronas ocupava a parte principal e mais cobiçada do auditório; elas vestiam graciosas túnicas de veludo azul-celeste, enfeitadas com grinaldas de brilhantes e diamantes em forma de estrelas; matronas discretas e de semblante sereno, todas uniformizadas, com óculos no nariz. Diante delas acomodava-se uma centena de juízes, com perucas de cabelos brancos e cacheados que lhes escorriam de cada lado até os pés, de modo que nem mesmo Salomão em toda a sua glória exibia aparência tão esperta. Respondendo aos ardorosos chamados de todo o Império, aceitei assumir a presidência do tribunal e, devidamente paramentado para tal função, ocupei o meu assento sob o dossel, no centro do salão. Diante de cada juiz, fora colocado um tinteiro quadrado, contendo um galão de tinta, e penas para escrever de tamanho proporcional; à direita, havia um volume enorme, tão grande que servia ao mesmo tempo de mesa e obra de referência. O fato é que não se fazia muito uso das penas e da tinta, a não ser para manchar e sujar o papel, pois, para que se mantivessem plenamente imparciais, eu ordenara que apenas os cegos fossem convocados para tal função. Por isso, quando tentavam escrever algo, todos mergulhavam as penas no aparato repleto de areia e, depois de terem imaginado que rabiscavam uma folha de papel, ansiosos para secá-la com areia, entornavam meio galão de tinta sobre o papel, lambuzando ali os dedos e então transferindo a tinta ao rosto toda vez que apoiavam o queixo na palma da mão para mostrar seriedade.

Quanto às matronas, para impedir a interminável tagarelice que acabaria por ofuscar todo tipo de entendimento, considerei absolutamente necessário que tivessem os lábios costurados. Dessa maneira, com os juízes cegos e as matronas mudas, creio que o julgamento tinha alguma possibilidade de ser concluído mais cedo do que o previsto. No lugar da língua, as matronas tinham outros instrumentos para expressar suas opiniões: cada qual contava com três bagatelas, uma pendente da linha que lhes suturava a boca, e as outras em ambas as mãos. Sempre que quisessem exprimir desaprovação, elas apressadamente recolhiam as bagatelas na direita e na esquerda. No caso de aprovação, inclinavam a cabeça fazendo com que a bagatela pendurada da boca descesse e, em seguida, fosse

recolhida. Foi assim, e por muito tempo, que prosseguiu o julgamento, para admiração de todo o Império, até que afinal considerei adequado comunicar-me com meu velho amigo e aliado, o preste João, pedindo a ele que me enviasse uma ave silvestre bizarra encontrada em seu reino, onde é conhecida como Wauwau.

Esse pássaro foi levado do interior da África à Inglaterra por meio da enorme ponte já mencionada, em um balão colocado sobre a ponte, estendendo-se sobre os parapeitos de ambos os lados, e com grandes asas ou remos para dar mais rapidez. Sob o balão pendia uma espécie de barcarola, na qual se acomodaram os encarregados de manejar o aparato e garantir a segurança do Wauwau. Ao desembarcar na Inglaterra, sem demora a ave oracular disparou e entrou por uma das janelas do grande salão, encarapitando-se sobre o dossel central, para enorme espanto de todos os presentes. Seu cacarejo soava bastante profético e oracular, e o primeiro pedido dos juízes e matronas, por consenso unânime, foi para que confirmasse ou desautorizasse a noção de que a Lua era feita de queijo verde. Essa questão era considerada absolutamente essencial: só depois de resolvida, seria possível seguir com o julgamento.

De aparência, o Wauwau parecia bastante com um cisne, sendo a única diferença o pescoço, que não era tão alongado, e o porte tão admiravelmente elegante quanto o de Véestris. Quando a ave passou a tagarelar cada vez mais barulhenta, toda a assembleia concordou sobre a urgente necessidade de capturá-la e, assim que isso acontecesse, nada mais restaria para que fosse concluído aquele processo judicial. Desse modo, com tal objetivo em mira, todos os presentes ergueram-se para agarrar o Wauwau, correndo em tumulto em sua direção, os juízes agitando as penas e sacudindo as enormes perucas, e as matronas chacoalhando em todas as direções as bagatelas; tudo isso concorreu para capturar a ave, que, batendo as asas, não demorou para alçar voo e abandonar o salão. Todos os assistentes seguiram atrás dela, na devida ordem de precedência e honra, com toda a minha comitiva, com Gogue e Magogue, a Esfinge, Hilaro Frosticos, a carruagem da rainha Mab, os touros e os grilos etc., precedidos de bandas de música – enquanto isso, o Wauwau descia para a rua e se punha a correr diante de todos como um avestruz, cacarejando sem parar. Imaginando prestes a pôr as mãos no feroz animal, os juízes e as matronas aceleravam o ritmo de repente, mas com a mesma rapidez a ave se afastava deles, e às vezes até saía voando ao longo de várias milhas, sobre montes e vales, alcançando o topo de Plinlimmon, onde pensamos que afinal teria fim a perseguição. Porém, não foi o que aconteceu: logo a ave alçou voo e não parou mais até chegar à foz do rio Potomac, na Virgínia.

Sem hesitar, nosso grupo embarcou nas máquinas em que havíamos viajado pela África, e, depois de alguns dias de travessia, alcançamos a América do Norte. Nada de muito interessante aconteceu durante a viagem, com exceção de uma ilha flutuante, que abrigava vilarejos muito agradáveis, habitados por brancos e negros. Ali não prosperava a cana-de-açúcar, devido, segundo me contaram, à diversidade dos climas: às vezes, a ilha era empurrada até quase o polo norte; em outras, deslizava até o equinócio. Com pena dos pobres ilhéus, agarrei uma enorme estaca de ferro e a finquei de modo que cruzasse o centro da ilha, prendendo-a em seguida às rochas e à lama no leito do mar. Desde então, a ilha não mais se move, e hoje é conhecida pelo nome de St. Christopher, e não há outra no mundo tão segura e firme.

Ao desembarcar na América do Norte, fomos recebidos pelo presidente dos Estados Unidos com todas as honras e extrema cortesia. Ele se mostrou contente de nos fornecer todas as informações possíveis sobre os bosques e as imensas regiões da América e ordenou que tropas das várias tribos de esquimós nos guiassem pelas florestas em nossa perseguição ao Wauwau – cuja caçada foi magnífica e inusitada. Minha intenção era cercar por completo o animal. Para tanto, ordenei aos juízes e às matronas que rodeassem o atoleiro com redes que se erguiam até a altitude de uma milha. Em várias partes delas, os membros da comitiva se encarapitaram, pairando no ar como aranhas na teia. Ao meu comando, Magogue vestiu uma espécie de armadura que trouxera para essa função, com espartilho de aço, manoplas, capacete etc., para que ficasse parecido com uma toupeira. De imediato, enfiou-se pela terra, abrindo caminho com um aparato na cabeça feito de lâminas de aço afiadas e, depois de perfurar um túnel no subsolo com as garras de ferro, não encontrou dificuldade para avançar, uma vez que os atoleiros em geral se encontram em terrenos com textura mole e fofa. Com isso ele esperava acabar com o esconderijo do Wauwau e, emergindo de repente, agarrar a pata do pássaro, enquanto seu irmão Gogue patrulhava o céu em um balão, pronto para capturar o fugitivo caso este conseguisse escapar de Magogue. Assim, o animal acabou cercado por todos os lados, e a princípio mostrou-se muito apavorado, sem saber como escapar daquela enrascada. Por fim, ouvindo um obscuro ruído no subsolo, o Wauwau levantou voo antes que Magogue tivesse a oportunidade de agarrar sua pata. A ave dirigiu-se para a direita, depois para a esquerda, então para o norte, o leste, o oeste e o sul, mas em todos os lados topou com os membros do grupo preparados na rede. Não restou outra saída à ave senão disparar voando diretamente para o alto, subindo com velocidade impressionante rumo ao Sol, enquanto por toda a parte o grupo explodia em uma aclamação geral.

Gogue, porém, em seu balão, logo interrompeu pelo meio a sensacional ascensão do Wauwau e o imobilizou em uma rede, cujas cordas segurou com firmeza nas mãos. O Wauwau não perdeu por completo a presença de espírito e, após parar um pouquinho, realizou várias e violentas arremetidas contra a volumosa superfície do balão; tão fortes foram os ataques que afinal se abriu uma enorme fenda, pela qual passou a escapulir o ar inflamável, levando todo o aparelho a perder altitude, caindo aos trambolhões e com espantosa rapidez. O próprio Gogue, atirado para fora da cesta, foi obrigado a soltar as cordas que prendiam a rede e, com isso, libertar o Wauwau, que não levou mais de um instante para sumir por completo.

Rogue estava à altitude de uma milha sobre a terra quando começou a cair, e a cada momento a velocidade da queda se acelerava mais, lançando-o no atoleiro como se fosse a bala de um canhão. Seu nariz chocou-se contra uma das manoplas metálicas usadas por Magogue, bem no instante em que este surgia das profundezas, e começou a sangrar em grande quantidade. No fim, se não fosse pelo atoleiro macio, ele teria perdido a vida.

XXXII

"Meus amigos, e mui eruditos e profundos Judiciarii", disse eu, "não desanimem com o fato de o Wauwau ter conseguido escapar. Por enquanto… Perseverem, perseverem que serão bem-sucedidos. Com Munchausen como comandante, jamais terão por que se desesperar. Portanto, sejam arrojados, sejam corajosos, e a Fortuna sorrirá aos seus esforços. Vamos prosseguir valentes em nossa perseguição e, se preciso, daremos três vezes a volta ao mundo no encalço do feroz Wauwau, e não descansaremos enquanto ele não estiver em nossas mãos."

Minhas palavras causaram tanta confiança e coragem nos corações que eles concordaram, sem exceção, em prosseguir com a caçada. Foi assim que nos embrenhamos pelos terríveis desertos e pelas florestas sombrias da América, muito além da nascente do Ohio, através de regiões jamais devassadas. As caçadas no mato eram sempre divertidas; certa vez, acompanhado de três criados, acabei me afastando bastante do grupo e, de repente, nos vimos rodeados por um bando de selvagens. Como já tínhamos gastado toda a pólvora e a munição, e não contávamos com armas leves, não havia como resistir a centenas de adversários. Para resumir a história, eles nos amarraram e nos levaram a uma soturna caverna na beira de um rochedo, onde se regalaram com a caça que haviam abatido. Porém, quando a caça começou a acabar, agarraram a mim e aos meus três infelizes companheiros e nos escalpelaram. A dor de perder a pele sobre o crânio foi indescritível; fez com que eu saltasse de agonia e mugisse como um touro. Em seguida, eles nos amarraram a estacas e em volta acenderam grandes fogueiras, ao mesmo tempo que dançavam em roda, entoando cantos bárbaros e desafinados, e espalmavam a mão diante da boca e emitiam temíveis gritos de guerra. Como naquele mesmo dia também haviam capturado um grande carregamento de vinho e aguardente que pertencia à nossa comitiva, aqueles bárbaros, deliciando-se com a bebida sem que tivessem ideia de suas características intoxicantes, tomaram quase tudo, enquanto esperavam que ficássemos assados. Não demorou nada para que ficassem embriagados, e a tal ponto que caíram no sono entre as fogueiras. Vendo nisso alguma esperança, fiz uma força descomunal para afrouxar as cordas que me atavam, e por fim consegui. Logo libertei meus companheiros que, embora um tanto chamuscados, ainda tinham forças para caminhar. E então, buscamos os pedaços de pele que haviam sido arrancados das nossas cabeças e, depois de achar os escalpos, não perdemos tempo para recolocá-los sobre os crânios ensanguentados, fixando-os no lugar certo com uma espécie de cola de alta qualidade, retirada de uma árvore local, fazendo com que ambas as partes se unissem e cicatrizassem em poucas horas. Então cuidamos de impor nossa vingança aos selvagens e, com os machados deles, trucidamos todos.

Ao voltarmos para o nosso acampamento, todos ali já nos tinham dado por perdidos, e ficaram muito contentes com o nosso retorno. Prosseguimos na incursão por aquela maravilhosa região selvagem, Gogue e Magogue atuando como desbravadores, derrubando árvores etc. com tremendo vigor enquanto avançávamos. Passamos por incontáveis pântanos, lagos e rios, até por fim avistarmos ao longe uma moradia. Mais parecia um castelo sombrio e melancólico, rodeado por grossos baluartes e largo fosso. Convocado um conselho de guerra, decidiu-se que enviaríamos uma delegação com clarins às muralhas do castelo e solicitaríamos a amizade do governador, fosse quem fosse, assim como as notícias que tivesse do Wauwau. Assim, toda a nossa comitiva deteve-se na floresta, com Gogue e Magogue agachados em meio às árvores, de modo que tanto a enorme força como o tamanho dos irmãos não ficassem evidentes nem despertassem a desconfiança do senhor do castelo. Deste se aproximaram os nossos emissários e pediram para entrar; depois de algum tempo a ponte levadiça foi baixada, e puderam avançar. Assim que entraram, o portão foi fechado e em ambos os lados perfilaram-se lanceiros, o que fez com que tremessem de pavor.

Viemos", proclamou o arauto, "da parte de Hilaro Frosticos, Dom Quixote, lorde Whittington e o mui renomado Barão de Munchausen para solicitar a amizade do governador deste poderoso castelo, e também em busca de notícias do Wauwau."

Para o mui nobre governador", replicou o oficial, "sempre é um prazer acolher os viajantes que cruzam esses desertos inóspitos, e ele considera uma honra receber o grande Hilaro Frosticos, assim como Dom Quixote e lorde Whittington, além do mui renomado Barão de Munchausen no interior destas muralhas."

Em resumo, pudemos entrar no castelo. O governador veio sentar-se à mesa com o nosso grupo, rodeado por seus amigos, todos com aparência feroz e belicosa, e que pouco falaram; tinham rostos muito sérios e concentrados, até serem servidos os primeiros pratos, que foram trazidos por diversos ursos apoiados apenas nas patas traseiras. Em todos os pratos havia um fricassê de pistolas, balas, molho de pólvora e aguardente. Tal refeição estava nos parecendo bastante indigesta, até mesmo para o estômago de um avestruz, quando o governador se dirigiu a nós, informando que, pelo costume local, sempre serviam aos forasteiros pratos como aqueles. Caso aceitassem a oferta, ele os combateria de bom grado, mas, se não quisessem se fartar de balas de pistolas etc., ele concluiria que se tratava de gente pacífica e os receberia no castelo com toda a

cortesia de que era capaz. Concluindo, aqueles primeiros pratos foram retirados intactos da mesa, nós jantamos e, depois da refeição, o governador insistiu que bebêssemos da sua aguardente, o que fizemos com muito, muito entusiasmo.

O governador nos contou que se chamava Nareskin Rowskimowmowsky e que se recolhera àquela região selvagem depois de se decepcionar com a corte de São Petersburgo. Foi enorme a minha satisfação ao saber disso; lembrei-me do velho amigo, que conhecera na corte russa, na época em que recusei a mão da imperatriz. O Nareskin, com todos os cavaleiros que o acompanhavam, bebia de maneira fenomenal, e logo deixamos o castelo aos berros, cavalgando cavalinhos de madeira. Nunca antes se vira cavalgada assim. À frente galopava uma centena de cavaleiros, com tropas de caça e matilhas de excelentes cães; depois vinham o Nareskin Rowskimowmowsky, Gogue e Magogue, Hilaro Frosticos e este seu humilde criado, provocando e berrando como um bando de endemoniados, enquanto esporeávamos os cavalinhos de pau com fúria infernal até chegarmos aos domínios dos Cabeças-duras. Esse reino era um dos mais selvagens em toda a Sibéria, e ali o Nareskin mandara erguer um romântico chalé de verão de estilo gótico, para o qual frequentemente se retirava com os companheiros após o jantar. Nareskin tinha uma dúzia de ursos de enorme estatura que dançaram para o nosso entretenimento, e seus líderes dançaram de modo admirável o minuet de la cour, o minueto da corte.

Nesse momento o mui nobre Hilaro Frosticos considerou apropriado perguntar ao Nareskin sobre o eventual paradeiro do Wauwau, em busca do qual havíamos viajado até aqueles confins da região e enfrentado tantas aventuras perigosas. Ele

aproveitou e convidou o Nareskin Rowskimowmowsky a se juntar à nossa expedição, acompanhado de todos os seus ursos. Espantado com o convite, o Nareskin olhou para Hilaro com soberba e ferocidade e, deixando transparecer uma paixão violenta, perguntou-lhe: “Como poderia imaginar que o Nareskin Rowskimowmowsky se rebaixaria a ponto de notar a existência de um mero Wauwau, ou de deixá-lo voar para onde quisesse? Ou que um líder em que corre tal sangue nas veias iria se empenhar em uma perseguição extravagante como essa? Pelo sangue e pelas cinzas da minha grande avó, preferiria antes decepar sua cabeça!”.

Hilaro Frosticos ficou muito ressentido com esse discurso e não demorou para que se espalhasse o tumulto. Os ursos, assim como a centena de cavaleiros, tomaram as dores de Nareskin e foram nobremente combatidos por Gogue e Magogue, Dom Quixote, a Esfinge, lorde Whittington, os touros, os grilos, os juízes, as matronas e Hilaro Frosticos.

Desembainhei a espada e desafiei Nareskin para um confronto individual. Ele franziu o cenho, com os olhos lançando chispas de fúria e indignação, e, tomando um escudo com a mão esquerda, me atacou. Desferi-lhe um golpe com toda a força de que fui capaz, mas ele se defendeu com o escudo, quebrando a minha espada. Foi então que Nareskin se mostrou pouco generoso: embora eu estivesse desarmado, ele continuou a avançar, golpeando-me com toda a violência; eu desviava com o estudo e o punho da espada quebrada, lutando como um galo de briga. Ao mesmo tempo, um urso gigantesco me atacou, no entanto enfiei por sua goela a mão que segurava o resto da espada e arranquei-lhe a língua pela raiz. Em seguida, agarrei a carcaça pelas patas traseiras e, girando-a sobre a cabeça, apontei contra Nareskin tal golpe com seu próprio urso que ele ficou estatelado. Repeti os golpes, socando a cabeça do urso contra a cabeça de Nareskin até que, com um golpe feliz, prendi-lhe o crânio dentro da queixada do animal, com o que ele passou a implorar por misericórdia. Seguindo a minha índole, não deixei de ser generoso e poupei-lhe a vida: um leão não se farta com carcaças.

Enquanto isso, meus homens conseguiram desbaratar os ursos e o restante dos adversários. Fui misericordioso e ordenei que parassem com as hostilidades. Nesse momento, avistei o Wauwau bem no alto do céu, e de pronto saímos atrás dele; continuamos sem parar até que chegamos a Kamchatka. De lá passamos a Otaheite, onde encontrei meu velho conhecido Omai, que estivera na Inglaterra com o grande navegante Cook, e fiquei contente de saber que ele fundara escolas religiosas dominicais por todo o arquipélago. Conversamos sobre a Europa e a viagem que fizera à Inglaterra.

"Ah!", comentou ele animado, "os ingleses, os cruéis ingleses, que me mataram com tanta bondade, e se encarniçaram em tornar ainda mais requintada a tortura, levando-me para conhecer a Europa, apresentando-me à corte inglesa, às sutilezas da vida refinada; eles me apresentaram aos deuses e me revelaram o céu, de propósito, para que depois sentisse a falta deles."

Dessas ilhas nos lançamos ao mar largo, acompanhados por uma esquadra de canoas com postos elevados de observação e os guerreiros mais intrépidos, sob o comando de Omai. Assim seguimos em frente: a carruagem da rainha Mab, a junta de touros e os grilos, a barcaça, a Esfinge e os balões, com Hilaro Frosticos, Gogue e Magogue, lorde Whittington, o cortejo do senhor Prefeito da cidade de Londres, Dom Quixote etc., com a minha esquadra de canoas – foi um espetáculo formidável a nossa chegada ao istmo de Darién.

Consciente do bem geral que isso causaria para a humanidade, de imediato bolei um plano para abrir um canal através do istmo. Para isso, conduzi a carruagem da maneira mais impetuosa possível, repetidas vezes de costa a costa, pelo mesmo trajeto no qual ia escavando rochas e terreno, desse modo formando um leito resistente para a água. Em seguida, Gogue e Magogue avançaram à frente de um milhão de pessoas, vindas das Américas do Norte e do Sul, assim como da Europa, e por meio de infinitos esforços removeram a terra etc. que a carruagem revolveu. Então voltei a utilizá-la, aprofundando e alargando cada vez mais o canal, e fiz com que Gogue e Magogue repetissem a tarefa. Quando o canal ficou com um quarto de milha de largura, e trezentas jardas de profundidade, fiquei satisfeito com o resultado e, sem mais delongas, permiti que a água do mar entrasse. Imaginei que, devido ao movimento rotatório da Terra em torno do próprio eixo, no sentido oeste para o leste, o nível do mar estaria mais alto na costa oriental do que na ocidental e que, com a interligação dos dois mares, haveria uma forte correnteza originária do leste – e, tal como previ, foi exatamente o que ocorreu. O mar espalhou-se com tremenda magnificência, alargando as margens do canal, abrindo uma passagem de várias milhas de um oceano a outro e transformando em ilha a América do Sul. Várias embarcações mercantes e barcos de guerra navegaram por esse novo canal a caminho dos mares do Sul, da China e de outras partes, saudando-me ao passar com salvas de tiros de todos os seus canhões.

Ao apontar o telescópio para a Lua, notei ali grande comoção entre os filósofos. Podiam ver com toda a clareza a alteração na superfície do nosso globo e se mostravam bastante interessados na construção que seus companheiros do astro vizinho tinham feito. Aparentemente, estavam admirados com o fato de

seres tão insignificantes como nós, os humanos, tivéssemos realizado algo tão magnífico, e tão notável que se percebia até mesmo de mundos separados.

Assim, depois de ter promovido o casamento do oceano Atlântico com os mares do Sul, voltei à Inglaterra, e achei o Wauwau exatamente no mesmo lugar de onde havia levantado voo, o que nos obrigou a uma perseguição ao redor do mundo.

XXXIII

Inspirado pela fúria do canal aberto, convenci-me de que era necessário, o quanto antes, estabelecer uma comunicação entre o Mediterrâneo e o mar Vermelho – e, para tanto, segui rumo a Petersburgo.

As sanguinárias ambições da imperatriz a impediram de dar ouvido às minhas propostas, até que aproveitei uma oportunidade mais íntima, quando tomava café com Sua Majestade, e disse a ela que pretendia me sacrificar para o bem geral da humanidade e que, se aceitasse as minhas sugestões, eu iria, assim que estivesse concluído o canal, ipso facto, oferecer-lhe afinal a minha mão em casamento!

"Meu caro, meu caríssimo Barão", retrucou a soberana, "aprovo tudo o que quiser, e concordo em firmar a paz com a Porta Otomana nas condições mencionadas pelo senhor. E que se faça saber a todos os súditos que nós assim ordenamos, pois esta é a nossa régia vontade e prazer", acrescentou, erguendo-se com toda a sua majestade de tsarina, imperatriz de metade do mundo.

Depois disso parti rumo ao istmo de Suez, à frente de um milhão de colonos russos, e lá reuni as minhas forças com as de um milhão de turcos, todos armados de pás e picaretas. Eles não haviam se encontrado para se degolar, e sim em prol do interesse mútuo de facilitar o comércio e a civilização, e, graças a um novo canal, tornar proveitosa para a Europa toda a riqueza da Índia.

"Meus bravos companheiros", eu disse, "considerem o esforço imenso dos chineses para a construção da célebre muralha; e pensem no benefício para a humanidade que vai resultar desta nossa empreitada; portanto, não percam o entusiasmo e a sorte irá sorrir para nós. Lembrem-se de que seu líder é o próprio Munchausen e permaneçam firmes e convictos do sucesso final."

Após pronunciar tais palavras, conduzi a carruagem com toda a força pela trilha inicial, por aquele vestígio mencionado pelo Barão de Tott, e já havia avançado bastante quando notei que o veículo afundava sob mim. Tentei seguir adiante, mas o terreno, ou antes a imensa abóboda, cedeu por completo, e a carruagem e tudo o mais caiu nas profundezas. Espantado com a queda, demorei um tempo para me recompor, e afinal, para meu espanto maior, dei-me conta de ter caído na Biblioteca de Alexandria, em meio a um oceano de livros. Milhares de volumes desmoronaram sobre a minha cabeça em meio às ruínas do pedaço da abóboda pelo qual tombara a carruagem, soterrando por um momento os touros e todo o resto sob uma montanha de sabedoria. Consegui, porém, me

libertar e prossegui, pasmo de admiração, pelos largos corredores da biblioteca. Por todos os lados vi incontáveis volumes e repositórios de sabedoria antiga, e toda a ciência do mundo antes mesmo do dilúvio de Noé. E ali encontrei, também, Hermes Trismegisto e um grupo de filósofos antigos, que debatiam a política e os conhecimentos de suas épocas. Eles ficaram contentes ao saber por mim, em breves palavras, todas as descobertas de Newton e os acontecimentos da história mundial desde o tempo em que viveram. Por sua vez, eles contaram miríades de histórias da Antiguidade, histórias que alguns dos nossos antiquários dariam os próprios olhos para que eu as repetisse.

Para resumir, ordenei que a biblioteca fosse preservada e, assim que ela for desembarcada na Inglaterra, pretendo entregá-la como presente à Real Sociedade, assim como Hermes Trismegisto e meia dúzia de velhos filósofos. Encomendei a construção de uma bela gaiola, na qual preservo essas criaturas extraordinárias, alimentando-as com pão e mel, pois parecem crer em uma espécie de doutrina da transmigração das almas, por isso não comem carne. Em especial, Hermes Trismegisto é um ser de aparência bastante antiga, com barba medindo meia jarda, vestido com uma túnica de bordados dourados, e sempre tagarelando como um papagaio. Sem dúvida, vai ser uma das figuras mais destacadas do museu.

Após escavar com a carruagem uma trilha entre ambos os mares, fiz sinal para que os turcos e os russos iniciassem o trabalho, e poucas horas depois vimos com alegria uma esquadra de navios britânicos, que faziam a rota da Índia, navegar pelo canal com as velas infladas. Os oficiais dessa esquadra foram muito educados e me aplaudiram e prestaram homenagens a mim pela minha façanha. Também me falaram de seus negócios na Índia e da violência do temível guerreiro Tippoo Sahib, o que me levou a tomar a decisão de ir até a Índia e conhecer o tirano. Desci pelo mar Vermelho até Madras e, à frente de alguns cipaios e europeus, persegui as tropas em fuga de Tippoo até as portas de Seringapatam. Ali o desafiei para um duelo até a morte e, montado em meu corcel, aproximei-me das muralhas da fortaleza sob uma chuva de granadas e balas de canhão. Com a mesma rapidez com que tombavam sobre mim as bombas e as balas, eu as agarrava com as mãos como se fossem cascalhos e as atirava de volta contra o inimigo, demolindo seus baluartes mais resistentes. Tão precisa era a minha mira que, sempre que via alguém nos baluartes com uma bala de canhão ou granada, tinha a certeza absoluta de que o atingiria. Em certo momento, notando uma formidável peça de artilharia que vinha em minha direção, e sabendo que o projétil seria tão grande que sem dúvida iria me atordoar, agarrei uma pequena bala de canhão e, assim que vi o artilheiro inimigo abrindo a boca para dar a ordem de disparo, mirei e arremessei a bala de modo que entrasse exatamente

goela abaixo do soldado.

Temendo a derrota, e que uma revolta generalizada e bem-sucedida eclodisse, caso eu continuasse a destruir seu castelo, Tippoo Sahib afinal surgiu montado em um elefante para lutar comigo. Depois de saudá-lo, insisti para que disparasse primeiro. Ainda que bárbaro, ele era cortês e recusou a oferta. Diante disso, tirei o chapéu e, com um gesto, disse que essa era uma vantagem que Munchausen jamais poderia aceitar de guerreiro tão galante. Ao que Tippoo, sem mais delongas, disparou a carabina e a bala atingiu a orelha da minha montaria e ela, assim, o atacou, tomada de raiva e indignação. Do meu lado, disparei a pistola contra Tippoo, arrancando-lhe o turbante da cabeça. No elefante, ele trazia uma pequena peça de campanha, e a usou despejando a metralha que se espalhou sobre mim, sacudindo os ramos de louro que me cobriam e me faziam sombra, grudando como bagas nos galhos. Ataquei com vontade, agarrei a tromba do elefante e a voltei contra o cavaleiro, golpeando-o repetidas vezes em ambos os lados da cabeça, até que por fim ele foi obrigado a desmontar. Nada podia se comparar à raiva do bárbaro ao ser tirado do elefante. Em um momento de desespero, levantou-se e avançou contra mim e o meu corcel, mas não queria lutar em situação tão desvantajosa para meu adversário. Preferi desmontar também e enfrentá-lo mano a mano. Nunca lutei com alguém que se portasse com tanta nobreza quanto aquele adversário; ele bloqueava os meus golpes, sempre respondendo com outros de assustadora precisão. O primeiro golpe de sabre recaiu sobre a ponta do meu nariz e, não fosse pela resistência do osso nessa parte do rosto, teria chegado à boca. Até hoje tenho a marca no nariz.

Depois, tentou desfechar um formidável golpe na minha cabeça, mas desviei, amortecendo o impacto, e fiquei apenas com uma cicatriz na testa; no mesmo instante, porém, decepei-lhe o braço com a espada: a mão que segurava o sabre tombou por terra. Ele ainda cambaleou por alguns passos antes de cair aos pés do elefante. Vendo seu senhor em perigo, esse inteligente animal tentou protegê-lo sacudindo a tromba ao redor da cabeça do sultão.

Destemido, ataquei o animal, sabendo que manteria vivo o orgulhoso Tippoo Sahib, mas este sacou da cintura uma pistola e a descarregou no meu rosto quando me aproximei, o que não me provocou outro mal além de um ferimento na bochecha, que ficou um tanto marcada embaixo do olho esquerdo. Naquele momento, sem conseguir conter a ira e o impulso, com um golpe certeiro da espada separei a cabeça de seu corpo.

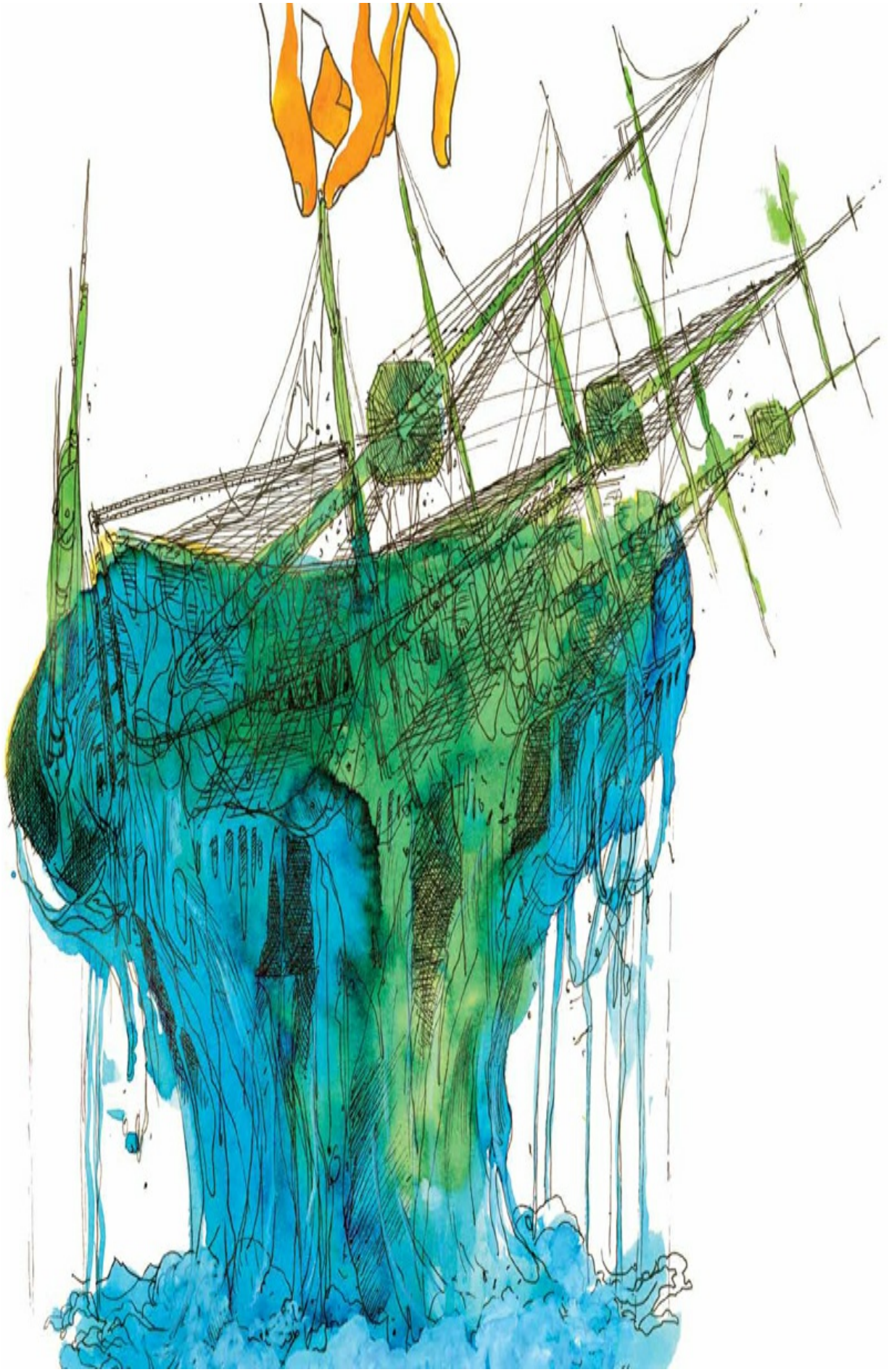
Da Índia, voltei à Europa por terra com admirável rapidez, por isso a notícia da derrota de Tippoo ainda não havia chegado lá pelos meios comuns,

vocês só a ouviram depois de certo tempo. Aqui me limito a relatar o encontro com o sultão tal como se deu na realidade; e se algum de vocês duvidar da veracidade do que estou contando, digo apenas que se trata de um incrédulo, a quem desafio para um duelo, em qualquer momento ou lugar, com a arma que preferir.

Depois de ouvir tanta gente discutindo sobre a recuperação do navio Royal George, comecei a sentir pena dessa bela e velha ruína da Marinha Real e decidi trazer o navio de volta à superfície. Com plena consciência do fracasso anterior da mesma empreitada, minha intenção foi recorrer a um método inusitado. Arrumei um balão de grandes dimensões, feito da mais resistente lona de vela, e desci ao fundo do mar em um sino de mergulho, lá prendendo o casco firmemente com enormes cabos; de volta à superfície, amarrei os cabos no balão. Uma enorme multidão se aglomerou para acompanhar o içamento do Royal George e, assim que comecei a encher o balão com ar inflamável, a embarcação começou a se mover; e, quando ficou todo inflado, o balão tirou da água o Royal George com a maior rapidez. Tão logo o barco venceu a superfície do mar, um grito geral de triunfo ergueu-se dos milhões ali reunidos. Mesmo assim, o balão continuou a subir, içando o casco como uma lanterna na cauda de uma pipa, e em poucos minutos ambos estavam voando entre as nuvens.

Os filósofos tinham a opinião de que seria mais difícil trazer das alturas o navio do que fora o caso para alçá-lo das profundezas. Todavia, eu os convenci do contrário executando uma simples manobra: mirando com precisão uma peça de artilharia de doze libras, um disparo perfeito o fez retornar à superfície em um instante.

Levei em conta o fato de que, se rompesse o balão com uma bala de canhão enquanto ele mantinha a embarcação sobre a terra, a queda iria necessariamente destruir o casco, que ainda poderia esmagar parte da multidão. Para evitar isso, pareceu-me mais seguro fazer o disparo quando o balão estivesse sobrevoando o mar, e assim foi feito. Depois de disparar a peça de doze libras, a bala atravessou diretamente o balão, fazendo com que o ar inflamável escapulisse com violência e o Royal George tombasse como estrela cadente no local onde afundara e de onde fora içado. E ali permanece até hoje, como comprovação para toda a Europa de que eu tinha razão quanto a ser possível recuperar a embarcação.



XXXIV

Ao passar pela Suíça durante o meu retorno da Índia, soube que vários membros da nobreza alemã perderam suas honrarias e imunidades nas propriedades que mantinham na França. Também fui informado dos sofrimentos da amável Maria Antonieta e jurei que vingaria todo olhar ameaçador e insultante que fora lançado a ela. Entrei na caverna desses antropófagos, ali reunidos para deliberar, e, levando com elegância o punho da espada aos meus lábios, exclamei: "Juro, pela santa cruz da minha espada, que, se não restaurarem de imediato o rei e os nobres, assim como a magoada soberana, vou retalhar cada um de vocês em incontáveis pedaços".

Diante disso, o presidente da Assembleia, tomando um tinteiro de chumbo, arremessou-o contra a minha cabeça. Abaixei para evitar o choque e, correndo até a tribuna, avancei para o líder da maioria, que gritava contra os aristocratas, e agarrando ele pela perna o arremessei sobre o presidente. Com toda a altivez, distribuí pancadas a torto e a direito, botei todos para fora do local e, depois de trancar as portas, guardei a chave no bolso.

Fui então até o pobre soberano e, depois de fazer um gesto de reverência, disse: "Senhor, seus inimigos foram todos desbaratados. Agora resta somente este seu servidor na Assembleia Nacional, e vou promulgar suas leis reinstituindo os príncipes e a nobreza. E no futuro, caso seja do agrado de Sua Majestade, eu mesmo serei o seu Parlamento e o seu Conselho". Ele me agradeceu e a amável Maria Antonieta, sorrindo, estendeu a mão para que eu a beijasse.

Nesse instante, avistei um grupo de membros da Assembleia Nacional que haviam se aliado à Guarda Nacional, assim como um vasto séquito de vendedoras de peixe, vindo em minha direção. Coloquei Suas Majestades em local seguro, desembainhei a espada e lancei-me sobre meus adversários. Trezentas peixeiras, empunhando galhos decorados com fitas, vieram aos gritos, berrando contra mim como megeras alucinadas. Com desdém, recusei-me a sujar o fio da minha lâmina com o sangue delas, mas agarrei a primeira que me caiu nas mãos, obriguei-a ficar de joelhos e, com a espada, dei a ela o título de nobre, o que de tal modo apavorou as outras que soltaram todas um urro fenomenal e fugiram o mais rápido possível, pois temiam ser introduzidas à força na aristocracia.

Quanto à Guarda Nacional e ao restante dos membros da Assembleia, logo fiz com que debandassem; e, depois de capturar alguns, obriguei-os a se

desfazer do emblema nacional e coloquei no lugar a velha roseta da realeza.

Em seguida, persegui o inimigo até o topo de uma colina, onde um majestoso edifício deslumbrou minha visão; embora nobre e sagrado, fora convertido em espaço para os usos e os objetivos mais vis: era o monumento que eles ergueram aos grands hommes, um templo cristão convertido em perversa abominação. Arrombei com violência as portas e entrei empunhando a espada. Ali vi toda a Assembleia Nacional marchando ao redor de um grande altar erigido a Voltaire; lá estava a estátua triunfante do filósofo, e as vendedoras de peixe enfeitaram a estátua com grinaldas cantando o "Ça ira!". Não pude tolerar tal visão nem sequer por um instante: arremessei-me sem pensar sobre os pagãos e os sacrifiquei às dúzias. Os membros da Assembleia e as mulheres peixeiras continuaram a invocar Voltaire e todos os seus senhores naquele monumento aos grands hommes, implorando a eles que os socorressem dos aristocratas e da espada de Munchausen. O alarido foi medonho, como os gritos de bruxas e feiticeiros conhecedores de magia e das artes negras, enquanto ribombaram trovões e as colunas eram sacudidas por tempestades até surgirem os espectros de Rousseau, Voltaire e Belzebu. Um deles, magricelo, nada mais que pele e osso, o próprio e cadavérico semblante da morte; pois esse esqueleto era Voltaire, que trazia nas mãos uma lira e uma adaga; do outro lado vinha Rousseau, empunhando um cálice de veneno adocicado; e, entre ambos, Belzebu, o pai deles todos!

Embora estremecido e arrepiado diante dessa visão, consegui recobrar a força da ira, do horror e da piedade e lancei-me sobre o trio medonho. Sacudi o maldito esqueleto de Voltaire e o forcei a se arrepender de todos os erros que havia cometido; e enquanto pronunciava as palavras, como que por encantamento mágico, toda a multidão começou a gritar, um pandemônio se desatando sobre suas cabeças em tremenda ruína.

Retornei em triunfo ao palácio, onde a rainha correu para meus braços, derramando ternas lágrimas. "Ah!, o senhor é a flor da nobreza", exclamou; "se todos os nobres da França fossem como o senhor, nunca teríamos sido reduzidos a tanto!"

Implorei à adorável criatura que secasse os olhos e, com o rei e o príncipe, fiz com que subissem na minha carruagem, tomando sem demora a direção de Mont-Medi, uma vez que não havia um momento a perder. Seguindo

meus conselhos, partiram o quanto antes. Eu os acompanhei até poucas milhas antes de Mont-Medi, quando o soberano, agradecendo-me pela ajuda, solicitou-me que não mais me incomodasse, uma vez que estavam, a partir dali, fora de perigo. E também a rainha, com lágrimas nos olhos, agradeceu-me de joelhos e apresentou-me o príncipe para que o abençoasse. Para resumir a história: quando parti o rei estava se deliciando com uma costeleta de carneiro. Ainda recomendei-lhe que não demorasse muito, pois certamente seria alcançado e, esporeando o meu cavalo, desejei-lhe boa-noite enquanto tomava o caminho da Inglaterra. Que o rei tenha ficado por tempo demais à mesa e sido capturado, bem, devo confessar uma coisa: não foi por minha culpa.

Rafael Coutinho nasceu na cidade de São Paulo, em 1980. Formado em artes plásticas pela UNESP, é um dos mais promissores artistas e quadrinistas de sua geração, além de ser designer, animador e artista plástico.

Como animador e diretor, produziu os curtas-metragens Aquele cara (2006) e Ao vivo (2008) e escreveu o roteiro para o longa-metragem Spread (2012), em parceria com Peppe Sifredi.

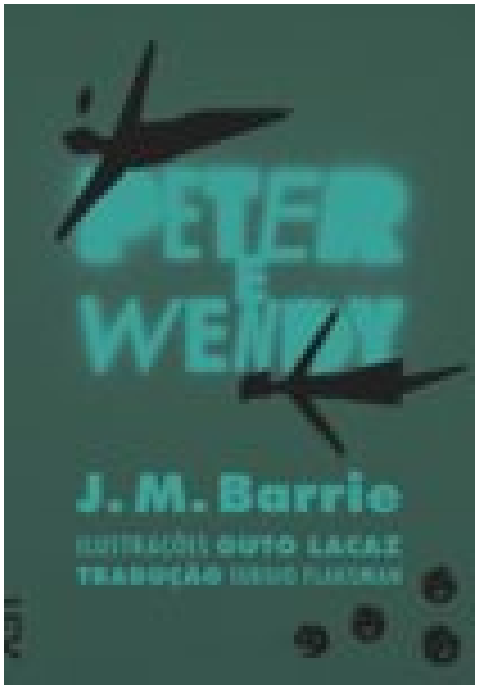
Nas artes plásticas, foi integrante do grupo Base-V, produzindo murais, exposições e publicações de arte experimental. Hoje, Coutinho pinta e esculpe para a Galeria Choque Cultural.

Participou como quadrinista das publicações Bang Bang (Devir, 2005) e Contos dos irmãos Grimm (Desiderata, 2007). Em parceria com o escritor Daniel Galera, publicou sua primeira novela gráfica Cachalote (Quadrinhos na Cia), em 2010.

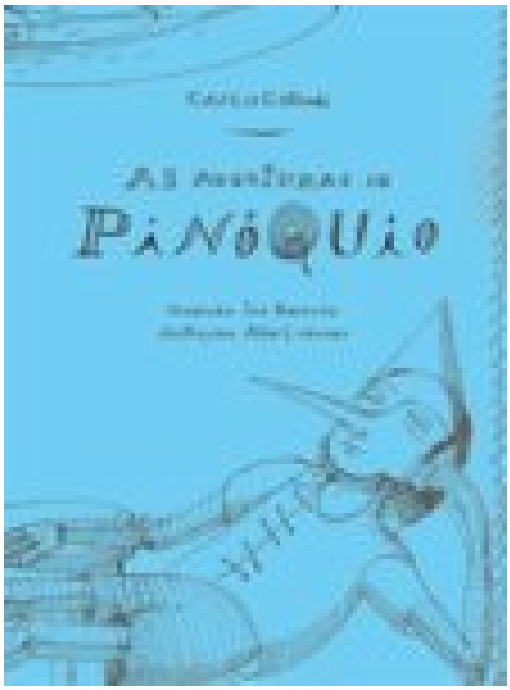
Criou a minissérie em hq O beijo adolescente (2011), pelo portal do IG, que também saiu no formato impresso como publicação independente pelo seu próprio selo, Cachalote, que faz parte da Narval Comix, uma e-loja voltada ao universo dos quadrinhos, também de Coutinho.

Claudio Alves Marcondes nasceu em São Paulo, em 1956. Trabalhou como editor de livros nas editoras Nova Cultura, Globo e Companhia das Letras. Sua estreia no mundo da tradução se deu com o livro Acumulação dependente e subdesenvolvimento (Brasiliense, 1980), de André Gunder Frank. Já traduziu vários livros para a Cosac Naify, entre eles Mrs. Dalloway (2012), de Virginia Woolf, Sartoris (2010), de William Faulkner, e os infantis Ah, se a gente não precisasse dormir! (2010), de Keith Haring, 4 contos (2014), de E. E. Cummings; Fique longe da água, Shirley (2011), Hora de sair da banheira, Shirley! (2011) e Vovô (2012), de John Burningham.

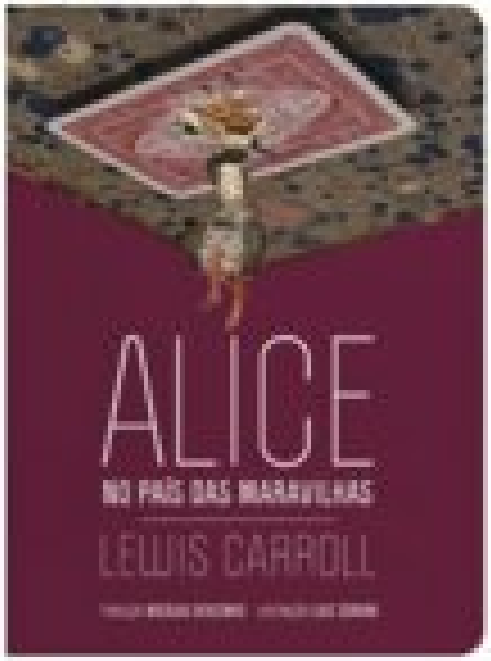
Clássicos juvenis na Cosac Naify



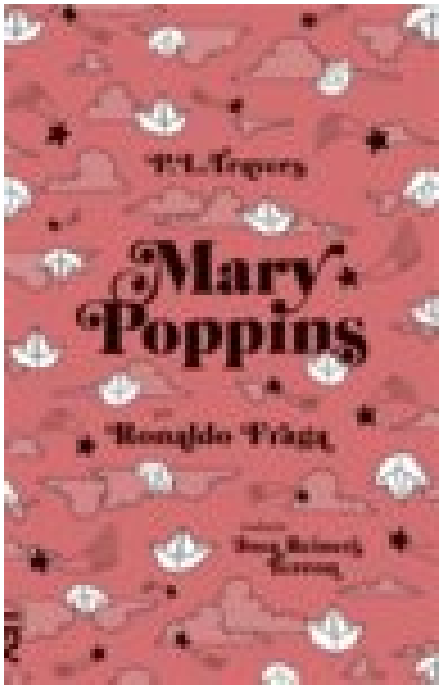
Peter e Wendy



As aventuras de Pinóquio



Alice



Mary Poppins

© Cosac Naify, 2014, e-book, 2014

Tradução baseada na edição The Surprising Adventures of Baron Munchausen [1793, reimpresso em 1895]

Coordenação editorial ISABEL LOPES COELHO
Preparação CLAUDIA CANTARIN
Revisão CRISTINA YAMAZAKI E PEDRO SILVA
Projeto gráfico original FLÁVIA CASTANHEIRA e NATHALIA CURY
Adaptação e coordenação digital ANTONIO HERMIDA
Produção do arquivo ePub EQUIRETECH

1ª edição eletrônica, 2014

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Raspe, Rudolf Erich [1736-94]
As surpreendentes aventuras do Barão de Munchausen –
em XXXIV capítulos: Rudolf Erich Raspe
Título original: The Surprising Adventures of Baron Munchausen
Tradução: Claudio Alves Marcondes
Ilustrações: Rafael Coutinho
São Paulo, Cosac Naify, 2014
46 ils.

ISBN: 978-85-405-0887-3

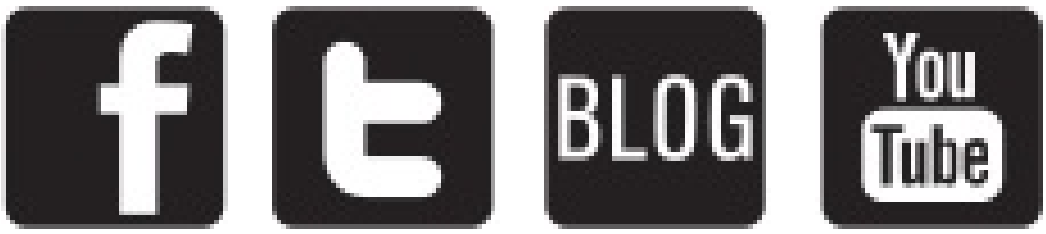
1. Ficção: literatura inglesa i. Coutinho, Rafael II. Título

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: literatura inglesa 823

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2º. andar
01223-010 São Paulo sp
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3823 6560
professor@cosacnaify.com.br


BLOG
You
Tube

Este e-book foi projetado e desenvolvido em outubro de 2014, com base na 1ª edição impressa, de 2014.

FONTES Swift, Tablet Gothic e Affair